

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

DANILO HENRIQUE MARTINS

**UNIDADE PRISIONAL COMO ESPAÇO TOTAL: A RELIGIÃO NA COLÔNIA
PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ**

CURITIBA

2017

DANILO HENRIQUE MARTINS

**UNIDADE PRISIONAL COMO ESPAÇO TOTAL: A RELIGIÃO NA COLÔNIA
PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Geografia, curso de Mestrado, Setor de Ciências da Terra da Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Geografia.

Orientador: Prof. Dr. Sylvio F. Gil Filho
Coorientador: Prof. Dr. Marcos A. Torres

CURITIBA

2017



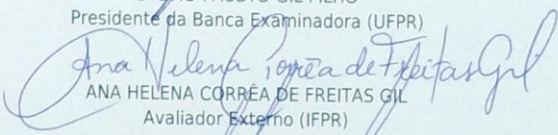
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
Setor CIÊNCIAS DA TERRA
Programa de Pós Graduação em GEOGRAFIA
Código CAPES: 40001016035P1


TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em GEOGRAFIA da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da Dissertação de Mestrado de **DANILO HENRIQUE MARTINS**, intitulada: **"UNIDADE PRISIONAL COMO ESPAÇO TOTAL: A RELIGIÃO NA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ."**, após terem inquirido o aluno e realizado a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua aprovação.

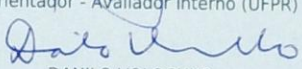
Curitiba, 17 de Maio de 2017.


SLYMO FAUSTO GIL FILHO
Presidente da Banca Examinadora (UFPR)


ANA HELENA CORRÊA DE FREITAS GIL
Avaliador Externo (IFPR)


EUCLIDES MARCHI
Avaliador Externo (UFPR)


MARCOS ALBERTO TORRES
Coorientador - Avaliador Interno (UFPR)


DANILO VOLOCHKO
Avaliador Interno (UFPR)

OBS: este documento é válido por (60)sessenta dias a contar da data.

DEDICATÓRIA

Às riquezas da minha vida, o meu porto seguro, àqueles que me ensinam todos os dias o verdadeiro sentido de família: Ana Paula e Heitor – esposa e filho. Amo vocês!

AGRADECIMENTOS

A Deus, por sua proteção, por seu amor incondicional e pelo dom da vida.

À minha querida esposa e grande amor da minha vida, Ana Paula dos Santos Martins. Obrigado pelo amor, paciência, companheirismo e incentivo em todos os momentos das leituras e a escrita da dissertação. Sou grato a Deus, pois você é um presente que Ele me deu. Você orienta os meus passos e me dá segurança. Jamais me esquecerei de sua frase: *“Amor, vai estudar!”*

Ao meu bem mais precioso, meu amado filho Heitor dos Santos Martins. Mesmo tão pequeno, soube compreender os momentos de ausência do papai. Filho, jamais esquecerei quando você disse: *“Pai, vou pedir para o Papai Noel terminar o seu trabalho!”* Você queria apenas que eu brincasse um pouquinho contigo, mas o papai teve que continuar escrevendo!

Aos meus pais, Aparecida e Dirceu, por serem à base da vida. Mãe, você é um exemplo de fortaleza, mulher guerreira, nunca desiste das batalhas. Pai, a sua sensibilidade e amor à família, irradia em sua face.

Àquele que acreditou neste trabalho e cedeu parte de seu tempo para, mais do que orientar, com maestria procurou ensinar e compartilhar seus saberes. Ao meu Orientador, Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho, pelas palavras, incentivos, confiança e dedicação. Obrigado professor Gil. Você permitiu a realização de um sonho.

Àquele que com dedicação, humildade e paciência, esteve direcionando a busca do conhecimento. As suas palavras e incentivos me encorajaram prosseguir. Ao meu Coorientador, Prof. Dr. Marcos Alberto Torres, a minha gratidão.

À Universidade Federal do Paraná, pelo exemplo na qualidade de ensino público, presteza e dedicação. Aqui destaco o Programa de Pós-Graduação em Geografia e seus coordenadores, professores e secretários, em especial a ex-secretária do programa, Adriana Oliveira, pela competência, prontidão e humildade com que sempre nos atendeu.

Aos professores que ministraram aulas maravilhosas durante as disciplinas cursadas no programa. Ao Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho, Prof. Dr. Marcos Alberto Torres, Prof. Dr. Alessandro Filla Rosaneli, Prof^a. Dr^a. Olga Lúcia Castreghini de Freitas Firkowski, Prof^a. Dr^a. Cicilian Luiza Löwen Sahr.

Aos professores que participaram da Banca de Qualificação. Ao Prof. Dr. Danilo Volochko e ao Prof. Dr. Adilar Antônio Cigolini, agradeço pelas contribuições em âmbito geográfico, e a Prof^a. Ana Helena Corrêa de Freitas Gil, a sua percepção goffmaniana e geográfica foram ímpares neste trabalho, sou grato por suas contribuições. Os seus trabalhos serviram de inspiração.

Aos professores que participaram da Banca Examinadora de Defesa Pública. Ao Prof. Dr. Danilo Volochko e ao Prof. Dr. Euclides Marchi, agradeço pelas

contribuições e sugestões, a Prof^a. Ana Helena Corrêa de Freitas Gil, por seu olhar goffmaniano e geográfico necessários à conclusão desta pesquisa, e é claro a presença do meu Orientador, o Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho, e ao meu Coorientador, o Prof. Dr. Marcos Alberto Torres, que conduziram esse trabalho ao sucesso.

À Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná, em especial ao Dr. Luiz Alberto Cartaxo Moura, Diretor do Departamento de Execução Penal, que deferiu prontamente o pedido de realização da pesquisa, e ao Dr. Ismael Salgueiro Meira, Diretor da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, por conceder a autorização para nossa entrada na Unidade Prisional e nos receber com atenção e presteza.

Aos funcionários da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, principalmente aos Agentes Penitenciários pelo zelo, atenção, compreensão e auxílio durante todos os momentos em que estivemos dentro da Unidade Prisional.

À assistente social da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, responsável pelo atendimento religioso da unidade, pela dedicação, gentileza e atenção, pois em todos os momentos esteve pronta a ajudar, tanto em redigir as autorizações mensais para entrada na Unidade Prisional, como também por nos apresentar aos apenados da Capela Ecumênica.

Aos Pastores que prestam assistência religiosa na Capela Ecumênica da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná. Vocês fazem a diferença na vida daqueles que adentram neste espaço. Que Deus conserve esse ministério e que muitas vidas sejam alcançadas para Ele.

A todos que estão em privação de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná e que direta e indiretamente auxiliaram na Capela Ecumênica da Unidade Penal. Em especial ao responsável pela Capela Ecumênica e assistido da Unidade, por sua coragem, dedicação e parceria. “Pedro”, você nos apresentou ao “mundo do cárcere”.

Aos assistidos da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná que prontamente conferiram relatos durante a fase de observação de campo e àqueles que concederam as entrevistas. Sem vocês não teríamos condições de trilhar os nossos objetivos. O relato de cada um ficou registrado em nossa memória. Conviver com vocês foi um aprendizado.

A todos os familiares e amigos que sempre torceram pelo sucesso deste trabalho. Para não cometer injustiças, devido a um possível lapso, prefiro não pontuá-los. Mas vocês sabem o quão importante este é para o pesquisador. As palavras de ânimo e coragem ditas foram imprescindíveis ao longo dessa caminhada.

A todos, o meu muito OBRIGADO!

EPÍGRAFE

*Um preso reabilitado não é alguém que aprendeu a sobreviver bem na prisão,
mas uma pessoa que tem êxito no mundo externo
à prisão após sua soltura.
(COYLE, 2002).*

Só quem já sofreu atrás das grades
Sabe o que é a dor de uma saudade
Longe da família, longe dos amigos
Olha o que o inimigo fez contigo.

**Agora está na hora de se libertar
Jesus está chegando com seu alvará
Ele resolve os problemas
E vai tirar as algemas.**

O inimigo disse que não tem mais jeito
Zombando, caçoando e dizendo que acabou pra você.
(Ele é um mentiroso, não acredita nisso não!)

Irmão, mas eu te digo
Tem uma saída
Jesus é a salvação pra essa a sua vida
Aceite, agora, Ele quer te salvar.

**Agora está na hora de se libertar
Jesus está chegando com seu alvará
Ele resolve os problemas
E vai tirar as algemas.**

(Música: Alvará – Composição: Missionário Vaguinho)

RESUMO

A Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI) é uma Unidade Prisional de segurança média, localizada na cidade de Piraquara, Paraná. A CPAI atende indivíduos em privação de liberdade do sexo masculino, gozando do benefício de regime semiaberto e, atendendo a legislação vigente, assegura o cumprimento da assistência religiosa. Logo, tal característica despertou o interesse pela compreensão da religião para o indivíduo privado de liberdade nesta Unidade Prisional. Assim, o método monográfico e a metodologia dramatúrgica de Erving Goffman foram transpostos ao categorial geográfico espaço, ao espaço do cotidiano goffmaniano. Desta forma, as proposições teóricas defendidas por Goffman ([1959] 2005), [1961] 2013) acerca dos conceitos de Instituição Total e Representação Teatral, indagou a existência de um “Espaço Total” dentro de Unidades Prisionais. Desta maneira, a presente pesquisa foi estruturada a partir de cinco questões norteadoras: 1) Identificar o sentido da Religião para o privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná; 2) Propor uma Geografia Social a partir da Metodologia de Erving Goffman, categorizando o espaço enquanto Espaço Cotidiano e Espaço Total; 3) Aplicar a metodologia goffmaniana na compreensão da espacialidade da religião para o indivíduo privado de liberdade; 4) Caracterizar a espacialidade da religião no cotidiano do cárcere; 5) Identificar os papéis de representação dos detentos no palco cotidiano carcerário através da religião. Por conseguinte, para responder às questões norteadoras, utilizamos a metodologia qualitativa da observação participante e a técnica de entrevista. A observação participante, registrada por meio de cinco Diários de Campo, demonstrou as representações dos indivíduos em privação de liberdade, a problemática envolvendo o relacionamento entre agentes penitenciários e encarcerados, a existência de relações de poder entre praticantes de distintas denominações religiosas, o predomínio da doutrina evangélica, a existência de atores cínicos e sinceros dentro dos alojamentos evangélicos, a mortificação do eu, as táticas de adaptação no cárcere e o sistema de privilégios. (GOFFMAN, [1959] 2005, [1961] 2013). Quanto às entrevistas, doze indivíduos em privação de liberdade foram entrevistados. Dividido em três perfis distintos para cada quatro entrevistados, procuramos identificar o sentido da religião para os chamados Atores Veteranos de Conversão, os Atores Convertidos dentro da CPAI e os Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-pessoa”. A partir dos resultados, podemos afirmar que a religião assume distintos sentidos para o privado de liberdade no Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

Palavras-chave: Unidade Prisional. Espaço Total. Metáfora Teatral. Instituição Total. Erving Goffman.

ABSTRACT

The Paraná Agroindustrial Criminal Colony (CPAI) is a medium security facility located in the city of Piraquara, Paraná. The CPAI assists to the male inmates, they enjoy the benefit of the work prison semi-open conditions and according to the current legislation the CPAI ensures the fulfillment of religious assistance. Based on this fact and its relevant characteristic it raised an interesting issue for understanding of the religion to the person deprived of freedom in this correctional facility. In this way, the monographic method and the dramaturgical methodology by Erving Goffman were transposed to the geographical category space and the quotidian space concept Goffmanian thinking. Consequently the theoretical propositions defended by Goffman ([1959] 2005), [1961] 2013), about the concepts of total institution and theater representation, it leads to ask for the existence of a "total space" within Prison Units. In this way, the present researching was structured and guided for five questions 1) identify the meaning of the Religion for the one deprived of freedom in the Agroindustrial Penal Colony of Paraná state 2) To propose a Social Geography based the Methodology Goffman's, by categorizing the space between the quotidian space and total Space; 3) Apply the Goffmanian methodology and understanding the spatiality of religion for the individual deprived of liberty; 4) Characterize the spatiality of religion in the everyday life of the prisoner ; 5) Identify the roles of representation of the inmates in the daily prisons scene by the point of view of the religion, to answer that guiding questions: we used the qualitative methodology of participant observation and interview technique. Participant observation, it was reported in five Field Diaries, they demonstrated the representations of individuals in deprivation of liberty, the problematic involving the relationship between penitentiary and prison officer staff as well as the existence of power relations between believers of different religious branch, the predominance of Evangelical doctrine, the existence of cynical and sincere actors within the evangelical lodgings, the mortification of the self, the tactics of adaptation in the jail and the system of privileges.(GOFFMAN, [1959] 2005, [1961] 2013). As for the interviews, 12 individuals in deprivation of liberty were interviewed. Divided into three distinct profiles, for every four respondents, we sought to identify the meaning of religion for the so-called Veteran Conversion Actors, Converted Actors within the CPAI, and the Non-Converted Actors of the CPAI: "Non-Person." From the results, we can affirm that the religion assumes different meanings for the one deprived of freedom in the Total Space of the Agroindustrial Penal Colony of Paraná State.

Keywords: prison unit, Total Space, dramaturgical approach metaphor, Total Institution, Erving Goffman.

LISTA DE FIGURAS

| | |
|--|----|
| FIGURA 1 – ATOR SINCERO E ATOR CÍNICO E SEUS ESQUEMAS DE REPRESENTAÇÃO | 42 |
| FIGURA 2 – MECANISMOS DE ATUAÇÃO E PAPÉIS DISCREPANTES | 45 |
| FIGURA 3 – LINHA E FACHADA NO PALCO COTIDIANO..... | 48 |
| FIGURA 4 – ATUAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA FACHADA NO PALCO COTIDIANO | 49 |
| FIGURA 5 – PORTE E DEFERÊNCIA NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS..... | 51 |
| FIGURA 6 – AS INSTITUIÇÕES TOTAIS PARA ERVING GOFFMAN..... | 54 |
| FIGURA 7 – MECANISMOS DE MORTIFICAÇÃO DO EU..... | 57 |
| FIGURA 8 – MECANISMOS DE REORGANIZAÇÃO PESSOAL DO SISTEMA DE PRIVILÉGIOS | 62 |
| FIGURA 9 – TÁTICAS DE ADAPTAÇÃO..... | 63 |

LISTA DE TABELAS

| | |
|--|----|
| TABELA 1 – AUTORES INFLUENTES NO PENSAMENTO DE ERVING | |
| GOFFMAN | 29 |
| TABELA 2 – MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO NA VIDA COTIDIANA..... | 43 |
| TABELA 3 – EXEMPLOS DE PAPÉIS DISCREPANTES | 44 |
| TABELA 4 – PERFIL DOS ASSISTIDOS PELA CPAI EM 01/05/2016 | 70 |

LISTA DE SIGLAS

CEEBJA – Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos
CPAI – Colônia Penal Agroindustrial do Paraná
DEPEN – Departamento Penitenciário Nacional
DEPEN/PR – Departamento de Execução Penal do Paraná
EJA – Educação de Jovens e Adultos
INFOPEN – Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias
LEP – Lei de Execução Penal
MA – Master of Arts
NFB – National Film Board
PCC – Primeiro Comando da Capital
PCE – Penitenciária Central do Estado
PEPI II – Penitenciária Estadual de Piraquara II
PhD – Philosophiae Doctor
PPGGEOGRAFIA – Programa de Pós-Graduação em Geografia
RH – Recursos Humanos
RMC – Região Metropolitana de Curitiba
SEED/PR – Secretaria de Estado da Educação do Paraná
SENAI/PR – Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná
SENAR/PR – Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Paraná
SESP/PR – Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná
UFPR – Universidade Federal do Paraná
UTI – Unidade de Terapia Intensiva

SUMÁRIO

| | |
|--|------------|
| 1. INTRODUÇÃO | 15 |
| 2. GEOGRAFIA EM GOFFMAN: O ESPAÇO DO COTIDIANO | 23 |
| 2.1 PERSPECTIVAS CULTURAIS E SOCIAIS NA GEOGRAFIA | 23 |
| 2.2 A METÁFORA TEATRAL DRAMATÚRGICA GOFFMANIANA | 26 |
| 2.3 ERVING GOFFMAN E O ESPAÇO COMO PALCO COTIDIANO | 34 |
| 3. DO ESPAÇO COTIDIANO AO ESPAÇO TOTAL: OS CATEGORIAIS DA ESPACIALIDADE GOFFMANIANA | 39 |
| 3.1 MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO NO ESPAÇO COTIDIANO | 39 |
| 3.1.1 Estratégias de interação face a face | 47 |
| 3.1.2 A natureza da deferência e do porte | 50 |
| 3.2 MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO NO ESPAÇO TOTAL | 53 |
| 3.2.1 A mortificação do homem em privação de liberdade | 56 |
| 3.2.2 Sistemas de privilégios e táticas de adaptação no cárcere | 61 |
| 4. O ESPAÇO TOTAL DA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ | 65 |
| 4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO | 65 |
| 4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS | 72 |
| 4.2.1 Contatos iniciais | 77 |
| 4.2.2 Combinados das visitas | 82 |
| 5. AGORA ESTOU NO PARAÍSO, ESTE É O LUGAR DA SALVAÇÃO: CENAS COTIDIANAS NA CAPELA DA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ | 88 |
| 5.1 DIÁRIO DE CAMPO N.º 01 - ASSISTINDO AO PRIMEIRO CULTO NA CAPELA | 88 |
| 5.2 DIÁRIO DE CAMPO N.º 02 - RELATOS DE FÉ | 94 |
| 5.3 DIÁRIO DE CAMPO N.º 03 - A VERDADE QUE LIBERTA | 100 |
| 5.4 DIÁRIO DE CAMPO N.º 04 - HISTÓRIA DE VIDA | 106 |
| 5.5 DIÁRIO DE CAMPO N.º 05 - O CULTO DO REFEITÓRIO | 113 |
| 6. PRESOS NO CÁRCERE, LIVRES NA FÉ: O SENTIDO DA RELIGIÃO PARA O PRIVADO DE LIBERDADE NA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ | 119 |
| 6.1 A VOZ DO CÁRCERE: AS ENTREVISTAS | 119 |
| 6.1.1 As representações dos Atores Veteranos de Conversão da CPAI | 120 |
| 6.1.2 As representações dos Atores Convertidos dentro da CPAI | 127 |
| 6.1.3 As representações dos Atores Não Convertidos da CPAI: "Não-Pessoa" | 135 |
| 7. "A CONQUISTA DA LIBERDADE": CONSIDERAÇÕES FINAIS | 142 |

| | |
|---|------------|
| REFERÊNCIAS | 147 |
| APÊNDICE 1 - ROTEIRO DE ENTREVISTA | 153 |
| ANEXO 1 - OFÍCIO N.º 04 - SOLICITAÇÃO DE PESQUISA | 154 |
| ANEXO 2 - INFORMAÇÃO N.º 03/2016 | 155 |
| ANEXO 3 - ENCAMINHAMENTO À DIREÇÃO DA CPAI | 157 |
| ANEXO 4 - DESPACHO N.º 12/2016 – DIREÇÃO DA CPAI | 158 |
| ANEXO 5 - AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA - DIREÇÃO DO DEPEN/PR..... | 159 |
| ANEXO 6 - MÚSICA: OLHA PARA MIM | 160 |
| ANEXO 7 - MÚSICA: VEM CEAR..... | 161 |
| ANEXO 8 - MÚSICA: VEM, ESSA É A HORA DA ADORAÇÃO | 162 |
| ANEXO 9 - MÚSICA: SENHOR TE QUERO..... | 163 |
| ANEXO 10 - MÚSICA: JESUS, O BOM AMIGO..... | 164 |
| ANEXO 11 - MÚSICA: SOBRE AS ÁGUAS | 165 |

1. INTRODUÇÃO

O cárcere de indivíduos em prisões com a finalidade de cumprimento de penas previamente definidas, desempenhou papel específico ao longo da história. O exílio e a reclusão em ilhas, o uso de correntes, castigos físicos, esquartejamentos e enforcamentos em praça pública, a morte na fogueira, açoitamentos, enfim, eram alguns dos mecanismos de correção dos indivíduos que ao serem expostos serviam de objeto para que toda sociedade tivesse a clareza do que poderia acontecer se infringissem as leis vigentes.

Ao cometer um crime, as pessoas à margem da sociedade podiam ser rápida e duramente castigadas. Essa evidência poderia ser verificada antes dos tempos modernos, onde a utilização da força ocorria de forma brutal. O exílio e a reclusão eram métodos utilizados em muitas sociedades para a imposição da ordem, além de resguardar a todos contra possíveis perigos que ocasionassem o caos interno nas cidades e vilarejos. Desta forma, se a pessoa fosse condenada ao exílio, era expulsa da sociedade, já se ocorresse à reclusão, o indivíduo era isolado em um determinado lugar, tornando-se um ser inofensivo. (TUAN, [1979] 2005).

Verificando a história romana e chinesa constata-se uma acentuada diferenciação em relação aos métodos utilizados em relação àqueles que cometessem crimes, variando de acordo com a classe social a qual pertencia. Para os transgressores das classes altas, a pena consistia em banir estes para ilhas desertas e províncias remotas, podendo viver com razoável conforto, se a família e amigos fossem coniventes com o abrandamento da pena. (TUAN, [1979] 2005).

Em contraposição, para os delinquentes da classe baixa, estes também poderiam ser banidos, porém eram obrigados a utilizar correntes e realizarem trabalhos exaustivos. No caso da Inglaterra e da França, respectivamente dos séculos XVI até o início do século XIX, os transgressores da ordem pública, devedores e criminosos eram deportados para as colônias. (TUAN, [1979] 2005).

Diferentemente do tratamento dispensado no passado da humanidade para todo aquele que transgredisse a lei, na atualidade o Sistema Prisional torna-se um espaço de múltiplas características. Criar estratégias de segurança e cumprir com as legislações vigentes são metas postas diariamente. Em contrapartida, a superlotação carcerária, acarretada pelo déficit de vagas no sistema prisional, é um desafio para as autoridades competentes.

No Brasil, desde 2004 são realizados levantamentos acerca da realidade dos estabelecimentos penais e da população carcerária, sendo estes divulgados pelo Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (INFOPEN). Em 2015, o Ministério da Justiça, por meio do Departamento Penitenciário Nacional (DEPEN), divulgou sua última atualização.

Segundo o INFOPEN (2015), no primeiro semestre de 2014, o número de indivíduos em privação de liberdade no Brasil era de 607. 731 pessoas. Este número posicionou o país a quarta maior população prisional, ficando atrás apenas dos Estados Unidos, China e Rússia.

Em relação às Unidades da Federação brasileira, São Paulo lidera o ranking com o maior número de população carcerária, totalizando 219.053 pessoas. Em segundo lugar, Minas Gerais, com 61.286 pessoas, e em terceiro lugar, Rio de Janeiro, com 39.321 pessoas encarceradas. (INFOPEN, 2015). Já, no Estado do Paraná, de acordo com dados do Departamento de Execução Penal (DEPEN), em abril de 2016, encontramos o total de 29.459 pessoas em privação de liberdade.

A partir do exposto, verifica-se que essa população carcerária é quem dará sentido às ações humanas dentro das Unidades Prisionais, visto que o cotidiano dos detentos que ali esperam o término de sua pena revelam duas realidades totalmente distintas.

Em relação à primeira, como verificado em notícias da grande mídia, há um espaço de castigo, repressão, culpa, sofrimento, medo, superlotação, rebeliões, mortes, doenças, violência física, consumo de drogas, porte ilegal de armas, assassinatos, condições precárias de higiene e alimentação. Quanto à segunda, mediada pela religião, há um cenário que atesta para a inserção de distintas igrejas, tanto católicas como evangélicas, buscando a conversão religiosa.

Assim, crer, acreditar, fé, palavras que entoam distintos sentidos e significados para o privado de liberdade, tendem a movê-lo em emoções, exprimir seus desejos, condicionar vitórias pessoais, alcançar curas interiores, superar as tragédias e, principalmente, a reclusão. Logo, essa segunda realidade reflete as peculiaridades que o discurso religioso dentro das Unidades Prisionais apresenta.

É imprescindível ressaltar que a trajetória profissional e religiosa do pesquisador são os fatores essenciais para a escolha do tema de pesquisa.

Os primeiros contatos com indivíduos em privação de liberdade ocorreram no ano de 2010 por motivos profissionais. O pesquisador é Professor Estatutário da Rede Estadual de Educação do Paraná e, de junho de 2009 a fevereiro de 2017, prestou serviço à Secretaria de Estado da Educação, junto à equipe de Recursos Humanos do Núcleo Regional de Educação da Área Metropolitana Norte, ao qual estão jurisdicionados quatorze municípios da Região Metropolitana de Curitiba: Adrianópolis, Tunas do Paraná, Bocaiúva do Sul, Colombo, Campina Grande do Sul, Quatro Barras, Pinhais, Piraquara, Almirante Tamandaré, Campo Magro, Itaperuçu, Rio Branco do Sul, Cerro Azul e Doutor Ulysses.

Dos quatorze municípios expostos, o pesquisador foi responsável pelos procedimentos de Recursos Humanos de quinze estabelecimentos de ensino do município de Piraquara. Dentre os estabelecimentos de ensino deste município, um apresenta uma particularidade, o Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos, (CEEBJA) Dr. Mario Faraco, estabelecimento este que funciona nas dependências de nove Unidades Prisionais, ofertando a educação básica na modalidade de Educação de Jovens e Adultos (EJA).

Por conseguinte, o pesquisador participava de auditorias com o objetivo de averiguar a atuação dos docentes da socioeducação, a frequência dos estudantes nesta modalidade de ensino, além de realizar palestras e reuniões aos funcionários estaduais lotados na Unidade Prisional. Consequentemente, nesses procedimentos, o pesquisador esteve em contato direto com os indivíduos em privação de liberdade.

Em relação à trajetória religiosa, o pesquisador é membro da Igreja Evangélica Templo das Águias. Esta, por sua vez, realizou trabalhos de assistência religiosa em presídios, mais precisamente com detentas do regime semiaberto. Em um desses trabalhos voluntários, a Igreja Evangélica Templo das Águias conseguiu autorização para que as mulheres do regime semiaberto frequentassem os cultos matinais dos domingos e participação em musicais de Natal, durante os anos de 2012, 2013 e 2014. Logo, em todos estes momentos, o pesquisador esteve em contato com as detentas do regime semiaberto.

Não o bastante, aguçar o conhecimento geográfico acerca da temática, configurou um dos desafios postos, principalmente em âmbito da Geografia Social. Em uma breve explanação, verifica-se que alguns geógrafos brasileiros também foram motivados pelo mesmo desejo. Podemos citar, por exemplo, algumas

dissertações e teses defendidas na área da Geografia. Isso sem mencionar os artigos e livros, frutos de tais pesquisas.

Sobre as práticas dos detentos e suas territorialidades (ARRUDA, 2006); o uso de territórios pelo Sistema Penitenciário (ZOMIGHANI JR, 2009); a experiência do espaço carcerário feminino na reestruturação das relações socioespaciais cotidianas de mulheres infratoras (FIORAVANTE, 2011); a reprodução da vida na prisão e as determinações e relações que a ligam ao mundo externo (ARRUDA, 2015).

Apesar de a temática estar presente em algumas pesquisas geográficas, quando atrelada a Religião, objeto de investigação, não são encontradas em âmbito geográfico dissertações ou teses que procurem investigar tal espacialidade, a não ser em outros campos do saber, aqui apresentadas brevemente, visto a pluralidade de pesquisas efetivadas.

Sobre a conversão religiosa como processo estratégico das relações sociais em presídios (SCHELIGA, 2000), a relação entre religião e prisão a partir de conversão religiosa (GUSMÃO, 2011), ambas na área de Antropologia Social; a análise do campo religioso feminino carcerário (OLIVEIRA, 2012), na área de Ciências da Religião; os significados da vida prisional e religiosa entre internos e voluntários de presídio (LIVRAMENTO, 2012), na área de Psicologia; Religiosidade Evangélica em presídio feminino (SANTANA, 2013), a presença religiosa no interior de unidade prisional (ANDRADE, 2014), ambas na área de Sociologia.

É imprescindível ressaltar que a religião, segundo Gil Filho (2008, p. 21) “indica princípios reguladores da vida e aponta, a partir de seu discurso fundador, a distinção entre a virtude e o erro”. Dessa maneira, a religião produz uma espacialidade ao normatizar alguns procedimentos do homem em relação ao espaço, principalmente dentro do espaço prisional, onde esta passa a fornecer subsídios para que o privado de liberdade suporte as condições do cotidiano em reclusão.

Para Junqueira (2009, p. 251) “A religião empresta um sentido, constituindo aos fiéis fonte de informação. Ela funciona como um modelo para o mundo, orientando as ações e apresentando explicações a questões vitais”. Segundo o autor, “A religião também fornece respostas às três ameaças que pesam ao longo da vida: o sofrimento, a ignorância e a injustiça”. (JUNQUEIRA 2009, p. 251).

Segundo Macedo (1989, p. 15) “A religião define um modo de ser no mundo em que transparece a busca de um sentido para a existência. Nos momentos em que a vida mais parece ameaçada, o apelo religioso se torna mais forte”. Nesse sentido, por existir uma espacialidade da religião dentro das Unidades Prisionais e a Geografia, principalmente a Geografia Social, apropriar-se enquanto conhecimento é que despertou o interesse pela compreensão da religião para o indivíduo privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI).

Para tanto, durante seis meses, respectivamente de maio a novembro de 2016, participamos dos cultos religiosos na Capela Ecumênica da CPAI, onde foram registrados, por meio de observação participante, através do método da metáfora teatral dramatúrgica de Erving Goffman e entrevistas, as espacialidades da Religião neste espaço.

Isto posto, a presente dissertação foi estruturada a partir de cinco questões norteadoras:

1. Identificar o sentido da Religião para o privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI);
2. Propor uma Geografia Social a partir da Metodologia de Erving Goffman, categorizando o espaço enquanto espaço cotidiano e espaço total;
3. Aplicar a metodologia goffmaniana na compreensão da espacialidade da religião para o indivíduo privado de liberdade;
4. Caracterizar a espacialidade da Religião no cotidiano do cárcere;
5. Identificar os papéis de representação dos detentos no palco cotidiano carcerário através da Religião.

Logo, por meio das questões norteadoras explicitadas, a respectiva dissertação foi organizada em sete capítulos, incluindo este que é a sua introdução.

O segundo capítulo intitulado “*Geografia em Goffman: o Espaço do Cotidiano*” será demonstrado à aplicabilidade da metáfora teatral dramatúrgica goffmaniana aos estudos geográficos.

Primeiramente, ressaltamos que distintas perspectivas teórico-metodológicas podem ser atreladas a Geografia Cultural e Social. Para tanto, utilizamos as argumentações de distintos autores (MCDOWELL, 1996; CORRÊA e

ROSENDAHL, 2003; COSGROVE e JACKSON, 2003; SAHR 2008; CLAVAL, 2011; HEIDRICH, COSTA e PIRES, 2013) para demonstrar essa possibilidade.

Em seguida, procuramos fundamentar a pesquisa compreendendo os caminhos percorridos por Erving Goffman para sua teorização. Para tanto, diversos autores (BECKER, 2004; BOURDIEU, 2004; CARLIN, 2004; GASTALDO, 2004; VELHO, 2004; WATSON, 2004; WINKIN, 2004; RODRIGUÊS JUNIOR, 2005; NUNES, 2005; DUARTE NUNES, 2009; BORGES, CARVALHO e REGO, 2010; MARTINS, 2011) foram utilizados para apresentar a gênese da metáfora teatral dramatúrgica goffmaniana.

Além do mais, uma perspectiva de análise geográfica foi exposta enquanto categorial espacial em Goffman, onde o conceito de espaço esteve relacionado às ações dos indivíduos em seu cotidiano. Assim, o espaço enquanto palco de representação foi apresentado. As proposições de alguns autores acerca do cotidiano (LEFEBVRE, 1991; HELLER, 1992; BERGER e LUCKMANN [1985] 1993; MESQUITA, 1995; MARTINS, 1996) e a defesa da teoria goffmaniana à geografia (CAVALCANTI, 2002; ANDACHT, 2004; GIL e GIL FILHO, 2008, 2010, 2012; GIL, 2015), foram essenciais para a transposição do conceito de espaço, ao de espaço enquanto palco do cotidiano em Erving Goffman.

O terceiro capítulo *“Do Espaço Cotidiano ao Espaço Total: os categoriais da Espacialidade Goffmaniana”*, baseado em Goffman ([1959] 2005; [1967] 2012, [1974] 2012), apresentamos como ocorrem as representações dos indivíduos no espaço do cotidiano. Encaradas como categoriais a partir da metáfora teatral dramatúrgica, as representações são os mecanismos que os indivíduos utilizam no palco do cotidiano.

Desta maneira, discorremos em primeiro lugar quanto aos principais mecanismos de representação do homem no espaço cotidiano. Assim, o palco do cotidiano serviu em primeira instância como categoria de apropriação para a Geografia, visto que é nele que as espacialidades de cada indivíduo ocorrem.

Em segundo lugar, partindo do conceito de Instituição Total definida por Goffman ([1961] 2013), demonstramos os mecanismos de representação dos indivíduos no espaço cotidiano sob privação de liberdade. Contudo, propomos o conceito de “Espaço Total”, representado por meio dos categoriais goffmanianos que ocorrem nas Instituições Totais, tais como a mortificação do indivíduo, os sistemas de privilégios e as táticas de adaptação no cárcere.

É imprescindível ressaltar que as Instituições Totais, são espaços de coerção, sofrimento, angústia e separação. Consequentemente, os categoriais apresentados, permitem ações a serem materializadas e manifestadas através de distintas espacialidades assumidas por cada indivíduo. Assim, a Religião, objeto de investigação nessa dissertação, ganhou forma e vida, uma vez que esta passa a ser compreendida como uma espacialidade que dá sentido para o privado de liberdade dentro do espaço cotidiano do presídio.

No quarto capítulo intitulado *“O Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná”*, caracterizamos a área de estudo, identificamos a estrutura da CPAI, destacamos quais são as suas finalidades e verificamos o perfil dos assistidos por esta Instituição Total. Apresentamos também, os procedimentos metodológicos que nortearam a pesquisa, ou seja, a observação participante utilizando-se da metodologia dramatúrgica de Erving Goffman, e a organização e estruturação das entrevistas.

Ainda neste capítulo, fizemos uma explanação sobre a autorização concedida pela Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná (SESP/PR) e ao Departamento de Execução Penal do Paraná (DEPEN/PR) para a realização da pesquisa, e os acordos das visitas entre o setor de assistência social da Unidade Prisional e o pesquisador.

O quinto capítulo *“Agora estou no paraíso, este é o lugar da salvação: Cenas cotidianas na capela da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná”*, pontuamos os registros das observações participantes por meio de diários de campo ocorridos durante as visitas à CPAI.

As visitas à Unidade Prisional ocorreram, respectivamente, nos dias: 21/05/2016 (Diário de Campo N.º 01 – Assistindo ao primeiro culto na Capela); 13/08/2016 (Diário de Campo N.º 02 – Relatos de Fé); 27/08/2016 (Diário de Campo N.º 03 – A verdade que liberta); 17/09/2016 (Diário de Campo N.º 04 – História de Vida); e 23/09/2016 (Diário de Campo N.º 05 – O Culto do Refeitório).

Justificamos a distância temporal entre o registro do primeiro diário de campo (21/05/2016) e o segundo (13/08/2016), uma vez que percebemos a necessidade de estar presente na Unidade Prisional em outros momentos, sem o efetivo registro das observações, para que os apenados ganhassem confiança e se familiarizassem conosco. Nesse interstício, realizamos visitas quinzenais, de junho a julho de 2016, totalizando quatro visitas.

Ressaltamos também que, apesar desse capítulo estar destinado ao relato da observação participante, em alguns momentos os assistidos, curiosos com os registros que estávamos realizando, concederam pequenos relatos de entrevistas. Assim, estes foram registrados em nosso Diário de Campo, uma vez que estavam coesos às questões norteadoras da presente pesquisa.

No sexto capítulo *“Presos no cárcere, livres na Fé: O sentido da Religião para o privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná”*, apresentamos as considerações encontradas em doze entrevistas, de acordo com três perfis distintos de assistidos na CPAI, acerca do sentido da religião para o privado de liberdade: I) Aqueles que praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mantendo a mesma prática religiosa dentro da CPAI, identificados por nós como Atores Veteranos de Conversão; II) Aqueles que não praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mas que se converteram a religião dentro da CPAI, os chamados Atores Convertidos dentro da CPAI; III Aqueles que não praticam nenhuma religião dentro da CPAI, ou seja, os Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-pessoa”.

O sétimo capítulo *“A conquista da liberdade: Considerações Finais”*, realizamos as considerações finais apontando os resultados encontrados quanto às questões norteadoras da presente pesquisa, além de apresentarmos sugestões de trabalho futuro.

Convidamos a todos (as) a adentrarem ao Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná por meio desta dissertação, não como leitores críticos ou pesquisadores da área, mas sim, como diz Goffman ([1959] 2005), “atores” ocupando um “palco de atuação”.

2. GEOGRAFIA EM ERVING GOFFMAN: O ESPAÇO DO COTIDIANO

2.1 PERSPECTIVAS CULTURAIS E SOCIAIS NA GEOGRAFIA

A partir de década de 1970, distintas referências teórico-metodológicas permitiram a apropriação e investigação de novos temas pelos geógrafos culturais e sociais. Duas abordagens passaram a vigorar. Em relação à primeira, esta foi influenciada pelas filosofias de significado, a inserção do materialismo histórico e dialético e das humanidades. Já a segunda, acarretou uma nova leitura das temáticas abordadas na Geografia. Assuntos que até então não recebiam um olhar geográfico, ganharam relevância, sobretudo, pela Geografia Cultural e Social. (CORRÊA, ROSENDAHL, 2003).

Para Claval (2011, p. 21) “a Geografia Cultural de hoje tem que integrar as contribuições da primeira metade do século XX, e aquelas, mais críticas, do período contemporâneo”.

Ela não constitui uma sub-disciplina paralela a outras sub-disciplinas. Ela aparece como um fundamento comum, que explica a construção dos indivíduos, da sociedade, do espaço e de sistemas normativos. Ela permite compreender uma boa parte dos conflitos sociais na escala local, como também na escala das nações e no nível internacional – daí o sucesso da geopolítica crítica. Ela esclarece também a gênese dos fundamentalismos, a proliferação das seitas e o interesse para com o patrimônio. (CLAVAL, 2011, p. 21).

Por sua vez, a Geografia Social, deve pensar a cultura a partir das formas simbólicas, o seu desenvolvimento, a ocorrência dos fenômenos em um determinado contexto e, sobretudo, pensar o ser no espaço, pois todos os fenômenos do cotidiano produzem espacialidades, afinal, parafraseando Denis Cosgrove, a Geografia está em toda parte.

Nessa perspectiva, explicitam Cosgrove e Jackson (2003, p. 140) que “Novos rumos tem sido apontados por outros ramos da geografia humana contemporânea”. Para os autores, “Isto sugere a existência de um espaço considerável dentro da Geografia Social, assim como em outras áreas, para se desenvolverem modos de teorização”. (COSGROVE e JACKSON, 2003, p. 141).

Logo, as abordagens culturais e sociais na Geografia possuem um campo fértil de pesquisas a serem trilhadas. Há um alargamento no campo de estudos, visto que a possibilidade de utilização dessa diversidade de perspectivas teóricas permite uma ampla apropriação do conhecimento geográfico. (MCDOWELL, 1996).

“São exemplos dessa reorientação os trabalhos desenvolvidos por Stuart Hall acerca de temáticas envolvendo agressão física, feminismo, racismo, subculturas dos jovens, entre outros tópicos afins”. (COSGROVE e JACKSON, 2003, p. 141). Assim, estudos envolvendo a cultura dos jovens, das mulheres, dos velhos; as questões de gênero; a espacialidade do lazer e do turismo; o poder dos grupos dominantes e seu reflexo na cultura de grupos minoritários e marginais; as festas, os templos, as igrejas, as cerimônias religiosas; a percepção do lugar; a paisagem sonora e sua dimensão simbólica; enfim, são temas explorados sob a ótica cultural e social na Geografia.

A pluralidade de temas pode ser justificada, conforme Sahr (2008), pela Geografia posta nos anos de 1980, a chamada Nova Geografia Cultural, que suscitou uma nova identidade a Geografia Cultural e Social, quando avançam de uma Geografia Cultural do significado, para uma Geografia Social da ação.

A Nova Geografia Cultural afastou-se tanto das então vigentes tendências da geografia materialista-marxista, que se focaliza nas relações sociais (relações capitalistas e de poder), como da geografia fenomenológica, que destaca a experiência humana. Contudo, a Nova Geografia Cultural também se distancia da clássica geografia cultural, com as obras de Carl Sauer e Wilbur Zelinsky. (SAHR, 2008, p. 35).

Para Sahr (2008), esse momento acarretou a aproximação entre os diversos campos do saber. Além do mais, a irmandade entre a Geografia Social, a Antropologia e a Sociologia permitiram conotações geográficas acerca da ação humana no espaço. Vale ressaltar que a Geografia Cultural francesa, naquele momento, segundo Sahr (2008), utilizando as palavras de Bonnemaison (2000), representava espaços de poder, espaços ambientais e espaços simbólicos.

Na mesma época em que se desenvolviam estas conceituações da geografia francesa sobre o espaço, a sociologia e antropologia francesas, nas obras de Pierre Bourdieu, Michel de Certeau e Alain Touraine, e as sociologias inglesa e americana do interacionismo simbólico (Erving Goffman, George Herbert Mead), e, principalmente, a teoria da estruturação de Anthony Giddens apontavam também para a ação humana espacial como elementos fundamentais da formação da sociedade. (SAHR, 2008, p. 36).

Heidrich, Costa e Pires, (2013) na obra intitulada “*Maneiras de Ler Geografia e Cultura*”, deixam explícitas as possibilidades quanto à aquisição do conhecimento geográfico sob a ótica da Geografia Cultural e Social. Para os autores, a “Geografia encontra novas fontes de saberes sobre lugares que a princípio já teriam sido conceituados e apreendidos pela racionalidade dos conceitos e metodologias tradicionais”. (HEIDRICH, COSTA e PIRES, 2013, p. 09).

Afirmam Heidrich, Costa e Pires, (2013, p. 09) que “Para o entendimento destas novas fontes de saberes, também nos envolvemos com muitas possibilidades metodológicas e novas discussões conceituais da Geografia”. Para os autores “A diversidade temática dos estudos é grande e tende a enriquecer o debate, à medida que temos nos preocupado com as diferentes formas e necessidades das pluralidades de grupos humanos”. (HEIDRICH; COSTA e PIRES, 2013, p. 09).

Logo, distintas leituras geográficas podem ser enfatizadas, discutidas e interpretadas sob um viés Cultural e Social, por meio, por exemplo, de métodos e teorias das Ciências Sociais. Como explicitam Corrêa e Rosendahl (2003, p. 17) “Eis uma longa e promissora agenda de investigação”.

Tal afirmação é o que engaja os trabalhos em Geografia Cultural e Social, além de expressarem a ansiedade dos estudiosos na compreensão dos significados, das representações e das percepções dos indivíduos em suas espacialidades.

A Geografia Cultural é atualmente uma das mais excitantes áreas de trabalho geográfico. Abrangendo desde as análises de objetos do cotidiano, representação da natureza na arte e em filmes até estudos do significado de paisagens e a construção social de identidades baseadas em lugares, ela cobre numerosas questões. Seu foco inclui a investigação da cultura material, costumes sociais e significados simbólicos, abordados a partir de uma série de perspectivas teóricas. (MCDOWELL, 1996, p.159).

Essa proposição torna-se uma diretriz imprescindível à aquisição do conhecimento geográfico, ou seja, o caminho que os geógrafos sociais e culturais devem trilhar para realizarem as múltiplas leituras acerca do espaço e suas espacialidades, a maneira de se compreender as paisagens, o sentido dos lugares, a apropriação dos territórios. Tarefa esta árdua, mas com resultados positivos, uma vez que “A geografia social também se constitui em um dos ingredientes a partir dos quais se revigora a geografia cultural”. (CORRÊA; ROSENDAHL, 2003. p. 12).

O caminho está posto. Aos geógrafos, desbravar tais caminhos, torna-se um desafio. A exemplo, segundo Gil (2010) a ciência geográfica pode utilizar do campo teórico desabrochado pelo método de Erving Goffman, tendo em vista que este direciona estudos da interação social como forma de construção de significados, partindo da observação de pessoas ou grupos de pessoas através de suas representações.

A autora enfatiza que o pesquisador, ao considerar ambientes onde as interações sociais ocorrem, pode detalhar o comportamento humano, seus significados, relacionando-os e comparando-os a outros grupos. Consequentemente, instigamos as possibilidades da inserção da teoria da metáfora sócio-interacionista de Erving Goffman nos debates da Geografia Social. Principalmente devido ao fato, de que na teoria goffmaniana, o espaço passa a ser concebido como espaço de representação de cada indivíduo em seu cotidiano.

2.2 A METÁFORA TEATRAL DRAMATÚRGICA GOFFMANIANA

Célebre teórico da sociologia do século XX e autor de diversos livros e ensaios publicados em revistas especializadas de sociologia, antropologia e psiquiatria, Erving Goffman¹ (1922-1982), segundo Bourdieu (2004), era filho de judeus ucranianos que haviam emigrado para o Canadá na virada do século. Goffman viveu sua primeira infância e adolescência em Dauphin, uma das primeiras colônias ucranianas de Manitoba, localizada ao norte de Winnipeg.

Em meio a uma atmosfera hostil e conflitante da província, Goffman cresceu e desenvolveu habilidades. Em 1936, aos quatorze anos, foi estudar em *Saint Joh's Technical High School*, escola de Winnipeg de caráter progressista, cujo legado a Goffman foi seu apreço pela química, algo que perante os colegas era incontestável. "Goffman é louco por química, um brilhante, mas bastante travesso..." (WINKIN, 2004, p. 17). Consequentemente, depois de concluir o ensino secundário, em 1939 cursou a disciplina de Química na Universidade de Winnipeg.

¹ Goffman nasceu no dia 11 de junho de 1922 em Mannville, Alberta, no Canadá, um vilarejo de 300 habitantes. Devido um câncer de estômago, no dia 20 de novembro de 1982, falece na Filadélfia, Pensilvânia, deixando riquíssimas obras em livros e publicações. (BOURDIEU, 2004).

A sociologia adentrou na vida de Goffman em 1944, quando decidiu fazer o curso na Universidade de Toronto. Influenciado fortemente por seus professores, Charles William Morton Hart (1900-1941) e Ray Birdwhistell (1918-1994), Goffman entrou em contato com as obras de Durkheim (1858-1917), Radcliffe-Brown (1881-1955), Lloyd Warner (1898-1970), Freud (1856-1939) e de Talcott Parsons (1902-1979). Logo, em junho de 1945, recebeu a titulação de graduado em Sociologia. (MARTINS, 2011).

Em 1949, Goffman teve sua tese apresentada a Faculdade da Divisão de Ciências Sociais, como requisito ao grau de Mestre em Ciências Humanas (MA, *Master of Arts*), (WINKIN, 2004), com a dissertação intitulada “*Some Characteristics of Response to Depicted Experience*”. (CARLIN; WINKIN, 2004; RODRIGUES JUNIOR, 2005). Em 1953, fruto de um ano de pesquisa de campo nas Ilhas Shetland, na Escócia, Goffman defendeu sua tese de Doutorado, “*Communication Conduct in a Island Community*” (WINKIN, 2004; DUARTE NUNES, 2009), na Universidade de Chicago, material que posteriormente foi o embrião do livro “*The Presentation of Self in Everyday Life*”, publicado em 1959. (GASTALDO, 2004).

Entre as obras de Erving Goffman, segundo Carlin (2004), destacam-se:

- “*Presentation of Self in Everyday Life*” - A Representação do Eu na Vida Cotidiana - (1959),
- “*Asylums: Essays on the Social Situation of Mental Patients and Other Inmates*” - Manicômios, Prisões e Conventos - (1961),
- “*Stigma: Notes on the Management of Spoiled Identity*” - Estigma: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada - (1963);
- “*Interaction Ritual: Essays in Face-to-Face Behavior*” - Ritual de Interação: Ensaios sobre o comportamento Face a Face - (1967);
- “*Relations in Public: Microstudies of the Public Order New York*” - Comportamentos em Lugares Públicos: Notas sobre a Organização Social dos Ajuntamentos - (1971);
- “*Frame Analysis: An Essay on the Organization of Experience*” - Os quadros da Experiência Social: Uma perspectiva de análise - (1974);
- “*Forms of Talk*”² (1981).

² Obra não traduzida para o português, porém há publicações em italiano, “*Forme del Parlare*” (1987), e em francês, “*Façons de Parler*” (1987), respectivamente. (CARLIN, 2004).

Quanto à atuação acadêmica, Goffman teve destaque como professor junto ao Departamento de Sociologia da Universidade da Califórnia e da Universidade da Pensilvânia, que lhe renderam grande notoriedade. Goffman era constantemente convidado para proferir palestras, seminários e conferências³, visto que seu método era inovador e despertava interesse à comunidade acadêmica.

No campo acadêmico, a riqueza de suas obras e o grande respeito e admiração de seus colegas, conferiram-lhe em 1982, a presidência da *American Sociological Association*, instituição sem fins lucrativos, fundada em 1905. Esta instituição é dedicada ao desenvolvimento e divulgação de pesquisas na área de sociologia, a promoção do avanço da disciplina, a profissão de sociólogo, etc.

A pluralidade de autores que influenciaram o pensamento de Goffman demonstram sua capacidade intelectual. Durkheim (1858-1917), Simmel (1858-1918), Charles Cooley (1864-1929), George Herbert Mead (1863-1931), Alfred Schutz (1899-1959), Herbert Blumer (1900-1987), Everett Hughes (1897-1993), Gregory Bateson (1904-1980), entre outros, foram utilizados por Goffman como referências típicas para o desenvolvimento de seus próprios argumentos. (MARTINS, 2011).

No campo literário, Goffman inspira-se em Kenneth Burke (1897-1993) e Luigi Pirandello (1867-1936), servindo-lhe de base teórica na formulação do seu modelo dramático. De Marcel Proust (1871-1922), extrai a técnica de observação e descrição do comportamento humano, já em Jean-Paul Sartre (1905-1980), incorpora as reflexões sobre a dimensão da liberdade humana na vida social. (MARTINS, 2011).

Para Velho (2004, p. 48) “a criação de Goffman foi, de fato, uma sociologia muito distinta, mas é salutar observar que ela tem precursores na tradição

³ Um fato curioso em relação à Goffman foi sua curta estadia de quatro ou cinco dias em outubro de 1978 no Brasil, única ocasião em que esteve no país, em virtude do I Simpósio Internacional de Psicanálise, Grupos e Instituições, realizado no Copacabana Palace, no Rio de Janeiro, acompanhado de seu amigo Howard Becker, a convite de um dos organizadores do evento, Luis Fernando de Mello Campos, mediado pelo antropólogo brasileiro Gilberto Velho. Goffman proferiu uma brilhante conferência que interrompeu ao ser fotografado por uma estudante na plateia. Não tolerava ser fotografado sem autorizar previamente. Afirmou que se tratava de uma invasão de privacidade. Foi preciso a ajuda de Becker para que ele retomasse e levasse ao final a conferência que, juntando tudo, foi um enorme sucesso. [...] Em geral, Goffman foi cordial, embora confirmasse, como na conferência, uma imagem de pessoa excêntrica. Preocupava-se sempre em manter-se atualizado com a bolsa de Nova York, através de sistema de comunicação do hotel. Declarou-se impressionado com o gestual dos brasileiros que comparou com o dos italianos. Preocupava-se com a etiqueta e “rituais de interação” para não cometer gafes e impropriedades. (VELHO, 2004, p. 41).

sociológica”. De acordo com o autor o próprio Goffman pouco se importava com o reconhecimento de “débitos” intelectuais. (VELHO, 2004).

Para compreender o pensamento goffmaniano, Winkin (2004) identificou as “possíveis influências” na vida e na obra de Goffman (TABELA 1) através de três níveis: pessoal, intelectual e pessoal/intelectual, com uma divisão temporal feita em 1953, antes e depois de obter seu PhD (Philosophiae Doctor).

TABELA 1 – AUTORES INFLUENTES NO PENSAMENTO DE ERVING GOFFMAN

| POSSÍVEIS INFLUÊNCIAS | | ANOS INICIAIS (ATÉ O PHD, 1953) | ÚLTIMOS ANOS (APÓS O PHD) |
|-----------------------|--------------------------------|---|---|
| POR INDIVÍDUOS | Nível pessoal | E. Bott, A. “Sky” Choate, D. Wrong | H. Glassie, R. Jeffrey |
| | Nível Intelectual | K. Burke, C. H. Cooley, É. Durkheim, S. Freud, G. Ichheiser, G. H. Mead, T. Parsons, M. Proust, G. Simmel, etc. | R. Barker, A. Schutz, W. James, etc. |
| | Nível pessoal e intelectual | R. Birdwhistell, C. W. R. Hart, E. C. Hughes, W. I. Warner, etc. | G. Bateson, H. S. Becker, H. Garfinkel, D. Hymes, W. Labov, E. Lemert, S. Messinger, H. Sacks, G. Sankoff, T. Schelling, J. Scherzer, H. Wilensky, etc |
| PELO MEIO | Nível pessoal | Dauphin, como pequena comunidade rural, predominantemente não-judia. | Meio dos antiquários da Filadélfia. |
| | Nível Intelectual | Espírito “Hippie”, no final dos anos 50, início dos anos 60 na costa oeste americana. | Movimento “Crack in the Mirror” nas artes e ciências sociais dos anos 70. |
| | Nível pessoal e intelectual | NFB (National Film Board) em Ottawa, 1944-5, Universidade de Chicago no final dos anos 40. | St. Elizabeths Hospital Cassinos em Reno, Las Vegas e Atlantic City Center for Urban Ethnography, na Universidade da Pensilvânia. |

FONTE: Adaptado de YVES WINKIN (2004, p. 26).

As bases teóricas e o conhecimento adquirido por Erving Goffman através da leitura dos grandes clássicos da sociologia, antropologia, filosofia e artes permitiram que construísse seu pensamento. Segundo Winkin (2004) a formação cinemática no *National Film Board* é um elemento ímpar em sua formação intelectual inicial. “Ele deve ter aprendido em Ottawa o que significa produzir um documentário, e se pode dizer que produziu documentários a sua vida inteira, de forma escrita”. (WINKIN, 2004, p. 29).

É imprescindível destacar que “Goffman pertenceu à geração de sociólogos formados por decanos da Universidade de Chicago no final dos anos 40”. (WINKIN, 2004, p. 34). Destarte, a dramaturgia goffmaniana foi inspirada nos estudos desencadeados na Escola de Chicago e principalmente fundamentada no Interacionismo Simbólico.

Pode-se dizer que o interacionismo simbólico constitui uma perspectiva teórica que possibilita a compreensão do modo como os indivíduos interpretam os objetos e as outras pessoas com as quais interagem e como tal processo de interpretação conduz o comportamento individual em situações específicas. (BORGES; CARVALHO e REGO, 2010, p. 148).

Os autores expõem ainda que o interacionismo simbólico configura-se como uma das abordagens mais adequadas para a análise de processos de socialização e ressocialização, e também aos estudos de mobilização de mudanças de opiniões, comportamentos, expectativas e exigências. O interacionismo simbólico trata especificamente sobre os símbolos e os significados deste na conduta social, sendo que somente quando o indivíduo se identifica com tais símbolos é que se torna consciente dos significados. (BORGES; CARVALHO e REGO, 2010).

Assim, os processos mentais relacionam-se com os significados das coisas, e a “mentalidade reside na capacidade do organismo para indicar aquele elemento do ambiente que responde às suas reações, a fim de poder controlar tais reações de várias maneiras”. (BORGES; CARVALHO e REGO, 2010, p. 150).

Partindo dessa proposição, por meio das influências do Interacionismo Simbólico, Goffman delimita a chamada Teoria do Papel Social, onde o conceito de “*Self*” e o princípio de “assumir o papel dos outros” tornam pressupostos essenciais em sua teoria.

Diante disso, Goffman desenvolve um campo de estudo onde a vida social e cultural podem ser apreendidas dentro dos limites físicos, a partir de uma perspectiva que ele denomina “Representação Teatral”, tendo o caráter dramático como método. “O método adotado por Goffman é o monográfico, ou seja, o estudo de caso em profundidade, sempre de pequenos grupos. O olhar é o das observações das representações das pessoas”. (GIL, 2010, p. 5).

Segundo Goffman ([1959] 2005, p. 71) “O mundo todo não constitui evidentemente um palco, mas não é fácil especificar os aspectos essenciais em que não é”. Nessa perspectiva, na presença de outros, os indivíduos utilizam de instrumentos para obter informações a seu respeito, além de apropriar-se de experiências interiores já vivenciadas para extraírem antecipadamente as informações sobre uma determinada situação, ou o que os outros esperam dele e o que deles podem ser esperados.

Em tal proposição, Goffman ([1959], 2005) denomina estes indivíduos como atores sînicos e atores sinceros. O primeiro, diz respeito ao indivíduo que está compenetrado em seu próprio número, estando convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade. Já o segundo, de acordo com Goffman ([1959] 2005, p. 26) “Quando o indivíduo não crê em sua própria atuação e não se interessa em última análise pelo que seu público acredita, podemos chamá-lo de ator cínico”.

A interação entre os indivíduos é permeada por modelos de atos que configuram aquilo que cada um deseja transmitir. Seja uma resposta dada ao outro, a maneira como nos relacionamos com as diferentes pessoas na vida cotidiana, o observar dos indivíduos, enfim, a forma pela qual o homem age em seu entorno é marcada por sua representação no espaço em que está inserido.

De acordo com Goffman ([1959] 2005, p. 14) “Quando uma pessoa chega à presença de outras, existe, em geral, alguma razão que a leva a atuar de forma a transmitir a elas a impressão que lhe interessa transmitir”. Logo, ao adentrarmos ao trabalho desenvolvido por Goffman, quanto às representações, verificamos que o representar está ligado ao campo simbólico do indivíduo.

As crenças, valores e ideais dão sentido à vida humana, configurando, conseqüente, seus atos no espaço cotidiano. Então, representar é estar na presença dos outros utilizando desse campo simbólico para efetivar sua influência. Tentar formar uma imagem do esquema de esquemas de um grupo, seu sistema de

crenças, sua “cosmologia”, tornam-se imprescindíveis. (GOFFMAN, [1974] 2012, p. 51).

O engajamento de Goffman na elucidação e análise das inúmeras variedades de formas de atuação do homem, cuja mensuração até então não ocorrera em nenhum outro campo de pesquisa, fizeram com que o método dramaturgico goffmaniano fosse inédito. O registro dessa afirmação é aplicado à preocupação de Goffman em elaborar uma mera taxonomia de conceitos formais. (VELHO, 2004). Assim, Watson (2004) ressalta que:

Não é segredo que Goffman usa, particularmente em seu trabalho inicial, uma variedade de metáforas e símiles de modo a iluminar o que é normalmente deixado na penumbra. Tais analogias incluem termos derivados do que pode ser chamado de uma variedade de ‘jogos de linguagem’ – o teatro, jogos de equipe, vigarices, espionagem, etc. (WATSON, 2004, p. 81).

Conforme Velho (2004, p. 52) “Os tipos básicos de trabalho de face; deferência e conduta; constrangimento; as formas de alienação da interação; apresentações; equipes; papéis discrepantes; distância do papel; e assim por diante”, expressam a importância da compreensão de Goffman ao sentido de representar e os recursos que são utilizados nesse processo de interação, principalmente a utilização da metáfora dramaturgica teatral. Aliás, “Goffman reconhece seu débito geral à análise dramaturgica a Burke”. (WATSON, 2004, p. 83).

Concordando com Velho (2004) e Watson (2004), as considerações de Becker (2004) tornam-se relevantes. De acordo com Becker (2004, p. 104) “Goffman nunca usa juízos de valor; não denuncia explicitamente as práticas que suas descrições nos fazem querer denunciar, nem usa adjetivos e advérbios que tragam um ponto de vista negativo sobre elas”.

Segundo Becker (2004, p. 105) “Goffman também usa palavras que têm tonalidades, mas o faz de forma neutra, de modo que elas perdem sua carga negativa”. Para o autor, “Goffman usou sua inventividade linguística para nomear coisas de modo que evitasse julgamentos convencionais e, assim, tornasse o trabalho científico possível”. (BECKER, 2004, p. 110).

Fruto de sua tese de doutorado defendida em 1953, o livro “A Representação do Eu na vida Cotidiana”, do original em inglês “*The Presentation of Self in Everyday Life*”, publicado em 1959, o método goffmaniano torna-se

consagrado. Nas palavras de Winkin (2004, p. 22) “foi um sucesso imediato, e o nome de Goffman foi ficando cada vez mais conhecido na área”. Modesto sobre o profundo conhecimento teórico que desenvolveu, Goffman ([1959] 2005) argumenta:

No meu entender, este trabalho serve como uma espécie de manual que descreve detalhadamente uma perspectiva sociológica a partir da qual é possível estudar a vida social, principalmente aquela que é organizada dentro dos limites físicos de um prédio ou de uma fábrica. Descreverei uma série de aspectos que formam, juntos, um quadro de referência aplicável a qualquer estabelecimento social concreto, seja ele doméstico, industrial ou comercial. (GOFFMAN, [1959] 2005, p. 9).

É imprescindível ressaltar que, como o próprio Goffman assinalava, sua preocupação não se referia em especificar os aspectos do teatro que perpassam as realidades da vida cotidiana. Nas palavras de Winkin (2004, p. 30) “Goffman desenvolveu trabalhos analíticos que o ajudaram a dominar as suas ansiedades de ator social em trânsito”.

Com tal característica, a compreensão das estruturas da vida social que surgem sempre que as pessoas entram na presença física imediata umas das outras, devem ser alcançadas, já que o quadro de referência conceitual utilizando a linguagem teatral foi apenas uma analogia retórica e estratégia. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Nunes (2005, p. 101) enfatiza que “A obra de Goffman compreende o desenvolvimento e a consolidação de um núcleo de conceitos básicos para a análise da interação social, articulados numa estrutura hierárquica”. Orientado por princípios da hermenêutica, na linha de Heidegger e Gadamer, o modelo goffmaniano de dramaturgia é uma aplicação metodológica da metáfora que transpõe o nível metateórico, organizando sua própria teorização. (NUNES, 2005).

O potencial metodológico da estratégia de Goffman não está somente no desenvolvimento da rede analógica derivada de metáforas cênicas, mas em sua capacidade de reenquadrar uma série de observações familiares sobre o comportamento dos homens em geral, todas já presentes em nossas mentes, usualmente como um conjunto incoerente e heterogêneo, redescrevendo-as por meio de um elaborado esquema taxonômico. (NUNES, 2005, p. 133).

De fato, o modelo dramático de Goffman é um expoente à análise da representação, a partir dos significados estabelecidos pelo homem, uma vez que esta é entendida como o sentido que move o indivíduo a atuar no espaço em que

está inserido, acarretando o que os indivíduos tentam transmitir, quando estão face a face, não lhe importando a forma de atuação, mas sim como esta representação fará com que alcance os seus objetivos.

2.3 ERVING GOFFMAN E O ESPAÇO COMO PALCO COTIDIANO

O homem, como ser social, atua no espaço a partir da interação com seus semelhantes. É nesse contexto que há as representações, um mundo simbólico, subjetivo, carregado de emoções, sentidos e aspirações. Nas palavras de Erving Goffman ([1959] 2005, p. 29) “a representação é toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência”.

Em “*Goffman, o descobridor do infinitamente pequeno*”⁴, Pierre Bourdieu pontua o conceito de representação e a forma como Goffman compreende este sentido no processo de interação social.

Através dos indícios mais sutis e mais fugazes das interações sociais, ele capta a lógica do trabalho de representação; quer dizer, o conjunto das estratégias através das quais os sujeitos sociais esforçam-se para construir sua identidade, moldar sua imagem social, em suma, se produzir: os sujeitos sociais são também atores que se exibem e que, em um esforço mais ou menos constante de encenação, visam a se distinguir, a dar a “melhor impressão”, enfim, a se mostrar e a se valorizar. (BOURDIEU, 2004, p. 12).

Neste processo de interação, os atores sociais representam suas espacialidades por meio das relações sociais. Conforme Gil (2015, p. 110) “as relações sociais são definidas como totalidade vivenciada pelas rotinas e ações dos atores sociais”. Tal posição é explicada partindo do pressuposto que todo indivíduo tende a representar papéis sociais, principalmente quando lhe convém. Essa representação ocorre na espacialidade do cotidiano de cada indivíduo.

De acordo com Mesquita (1995, p. 19) “É no cotidiano que nos tornamos observadores de nós mesmos e do próximo, isto vale dizer: do outro, dos outros e

⁴ Texto publicado originalmente como um obituário no Jornal *Le Monde*, em dezembro de 1982, ano em que Goffman faleceu, onde Bourdieu prestou-lhe uma homenagem. (GASTALDO, 2004).

do mundo”. Para este autor, “É no cotidiano, no caso em que a heterogeneidade da vida moderna nos envolve, que as coisas se organizam em torno de afetos, trabalhos, lazer”. (MESQUITA, 1995, p. 20).

Nessa premissa, o cotidiano não se constitui apenas dos grandes fatos, há também os fatos banais que estarão determinando o comportamento dos indivíduos no espaço cotidiano. Em Lefebvre (1991) podemos verificar essa apropriação.

O cotidiano, como conjunto de atividades em aparência modestas, como conjunto de produtos e de obras bem diferentes dos seres vivos (plantas, animais, oriundos da *Physis*, pertencentes à Natureza), não seria apenas aquilo que escapa aos mitos da natureza, do divino e do humano. Não constituiria ele uma primeira esfera de sentido, um domínio no qual a atividade produtora (criadora) se projeta, precedendo assim criações novas? Esse campo, esse domínio não se resumiria nem a uma determinação da subjetividade dos filósofos, nem a uma representação objetiva (ou “objetal”) de objetos classificados em categorias (roupas, alimentação, mobília, etc.). Seria algo mais: não uma queda vertiginosa, nem um bloqueio ou obstáculo, mas um campo e uma renovação simultânea, uma etapa e um trampolim, um momento composto de momentos (necessidades, trabalho, diversão – produtos e obras – passividade e criatividade – meios e finalidades, etc.), interação dialética a qual seria impossível não partir para realizar o possível (a totalidade dos possíveis). (LEFEBVRE, 1991, p. 19-20).

Dentre os fatos banais da vida cotidiana, o indivíduo projeta sua representação por meio de suas ações. Segundo Martins (1996) o surgimento da vida cotidiana está enraizado nas ações dos indivíduos quando estes reproduzem o esperado pela sociedade, os padrões ditos aceitáveis, o que todos querem perceber nas relações sociais, muitas vezes, o banal.

A vida cotidiana se instaura quando as pessoas são levadas a agir, a repetir gestos e atos numa rotina de procedimentos que não lhes pertence nem está sob seu domínio. A vida cotidiana começa a nascer quando as ações e relações sociais já não se relacionam com a necessidade e a possibilidade de compreendê-las e de explicá-las, ainda que por meios místicos ou religiosos; quando o resultado do que se faz não é necessariamente produto do que se quer ou do que se pensa ter feito. (MARTINS, 1996, p. 37).

Já Heller (1992) enfatiza que o homem nasce inserido no contexto de uma cotidianidade, cujas habilidades adquiridas pelos indivíduos são imprescindíveis à vida cotidiana da sociedade. Para a autora, a vida cotidiana passa a ser definida como a vida de todo homem, a vida do homem inteiro, onde os sentidos, as capacidades intelectuais, as habilidades de manipulação, seus sentimentos, suas paixões, ideias e ideologias serão postas em funcionamento.

A vida cotidiana é a vida de todo homem. Todos a vivem, sem nenhuma exceção, qualquer que seja seu posto na divisão do trabalho intelectual e físico. Ninguém consegue identificar-se com uma atividade humano-genérica a ponto de poder desligar-se inteiramente da cotidianidade. E, ao contrário, não há nenhum homem, por mais “insubstancial” que seja, que viva tão somente na cotidianidade, embora essa o absorva preponderantemente. A vida cotidiana é a vida do homem inteiro; ou seja; o homem participa da vida cotidiana com todos os aspectos de sua individualidade, de sua personalidade. Nela, colocam-se “em funcionamento” todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, ideias, ideologias. O fato de que todas as suas capacidades se coloquem em funcionamento determina também, naturalmente, que nenhuma delas possa realizar-se, nem de longe, em toda sua intensidade. (HELLER, 1992, p. 17).

A esse respeito, conforme diz Martins (1996, p. 36) “Uma boa parte da vida cotidiana é desesperada busca de sentido aparente para o que fazemos ou para o que acontece conosco e ao nosso redor”.

“Desse modo, a vida cotidiana é um produto histórico em que os indivíduos interatuam com outros indivíduos com relações de estreiteza, rupturas e continuidades”. (GIL e GIL FILHO, 2010, p. 20). É nesse mundo que a interação entre os indivíduos determina a existência de significados, cuja resposta imediata é o surgimento de mundos simbólicos pessoais. Esse mundo simbólico acarreta ao ser humano a formação do seu próprio mundo real, assim, os atores sociais vivenciam suas realidades em seus respectivos contextos: o palco do cotidiano.

Nas palavras de Gil (2015) as relações existentes no espaço, que passa a ser visto como um conjunto de palcos de ação, e a sociedade representada pelo conjunto de atores e suas ações, ou seja, o homem em sua espacialidade cotidiana, possibilita uma geografia social e cultural.

É nessa perspectiva que são explicitas a relevância da teoria goffmaniana aos estudos geográficos, sobretudo quando tratamos do cotidiano, pois no âmbito da geografia social os estudos acerca do cotidiano delimitam o campo das questões sociais. Nessa premissa, Gil e Gil Filho (2012) ressaltam os pontos favoráveis da teoria de Erving Goffman ao campo da Geografia.

“Goffman abre também para a geografia um espaço teórico para o aperfeiçoamento de métodos de pesquisas qualitativas, quando parte do pressuposto que a interação social forma a construção de significados e representações em determinados espaços”. (GIL e GIL FILHO, 2012, p. 28).

Assim, a construção de significados e representações dos indivíduos estão dispostos no espaço cotidiano, que passa a ser representado através da totalidade dos fatos, das atitudes e ações dos indivíduos em seu cotidiano. Para tanto, cada indivíduo utiliza de mecanismos para se apresentar e representar em suas espacialidades cotidianas.

“Quando um indivíduo atua, acaba por entrar na esfera espacial de outros, sendo que a territorialidade humana é uma das feições que expressa as possibilidades da Geografia”. (GIL, 2010, p. 02). Então, para que ocorra a compreensão das espacialidades cotidianas, o espaço deve ser entendido enquanto elemento constituinte do palco cotidiano. Dessa maneira, as estruturas espaciais são analisadas por meio das relações sociais, tendo o espaço como teoria social.

Nessa geografia do cotidiano existem cenários de interação no espaço público, o que Goffman considera como a representação teatral, partindo do caráter dramático, é a maneira com que o indivíduo se apresenta, em situações comuns como trabalho e o lazer a outras pessoas. Podendo para isso utilizar diferentes tipos de fachadas. O palco são lugares do cotidiano, conhecidos ou não dos atores. Nesse palco, várias máscaras servem para ajudar no desempenho na área de atuação. (GIL; GIL FILHO, 2008, p. 10).

A proposta metodológica sócio-interacionista de Erving Goffman conduz ao reconhecimento de que qualquer espaço pode ser visto como um conjunto de palcos, onde os indivíduos desempenham vários papéis. Na perspectiva goffmaniana, os espaços e suas espacialidades podem ser compreendidos a partir das representações dos indivíduos frente aos espaços cotidianos. Espaço este denominado por Gil (2015, p. 108) “espaço performático”.

Para a autora, o espaço performático é o local onde cada indivíduo representa seu papel de atuação. É esse caráter que converge à geografia do cotidiano. “O espaço performático como um espaço relacional e social do cotidiano é o tema central dessa geografia teatral, onde atores, os quais a sociologia muitas vezes denomina agentes, executam os seus papéis variados em sistemas de ação”. (GIL, 2015, p. 110).

Nas palavras de Gil (2010), Erving Goffman, ao desenvolver uma perspectiva teórica a partir do estudo do cotidiano utilizando a metáfora teatral, contribui para uma Geografia Social focada na possibilidade da análise integrada das espacialidades do mundo social. Proposição esta ratificada por Velho (2004, p.

48) ao pontuar que “Goffman vê o mundo social como produto emergente das ações dos indivíduos”.

Acreditamos no desenvolvimento de estudos a partir da teoria das representações goffmaniana, no âmbito da geografia social, como resposta privilegiada as questões críticas que o devir nos coloca. Trata-se de um recurso interessante para uma segunda hermenêutica do cotidiano através da configuração das espacialidades como cenários interativos das práticas sociais de indivíduos e grupos. (GIL; GIL FILHO, 2008, p. 14).

Martins (1996) ao destacar a importância de Goffman em relação à compreensão da vida cotidiana, salienta que a sociedade é concebida pelo autor como um teatro, onde cada indivíduo tem que representar seus papéis para não serem excluídos dos padrões ditos corretos frente à reprodução social.

Através de uma eficaz dramaturgia social, os estudos sociológicos de Goffman documentam e demonstram como o homem comum imerso na vida cotidiana se debate todo o tempo para simular o que não é para evitar que os outros reconheçam aquilo em que não se reconhece e não quer ser, para dar sentido àquilo cujo sentido lhe escapa. (MARTINS, 1996, p. 37).

De acordo com Berger e Luckmann ([1985] 1993) essas condições sócio-estruturais são os fatores que demonstram a aplicabilidade de um “modelo goffmaniano” de análise. Compartilhando desta mesma linha de pensamento, Andacht (2004, p. 130) argumenta que “a técnica estilística de Goffman permite que um instante banal e insignificante na vida de uma pessoa se transforme em uma experiência memorável”.

Neste viés, o palco cotidiano, enquanto espaço, passa a ser atrelado aos estudos da geografia, visto que este aflora como essência do agir do homem, sendo fruto da manifestação dos indivíduos a partir de suas espacialidades, espacialidade está que “constrói um olhar geográfico”. (CAVALCANTI, 2002, p. 128).

Consequentemente, a representação teatral de Erving Goffman, característica essencialmente simbólica, que os indivíduos assumem em seu palco de atuação, inspira nossa pesquisa em compreender o sentido da religião no espaço cotidiano de uma Unidade Prisional.

Vale ressaltar que em Goffman, o espaço de uma Unidade Prisional passa a ser concebido como um Espaço Total, onde a coerção, a privação e o isolamento são fatores característicos. Porém, a presença da religião nesse contexto, pode assumir, para o privado de liberdade, múltiplos sentidos.

3. DO ESPAÇO COTIDIANO AO ESPAÇO TOTAL: OS CATEGORIAIS DA ESPACIALIDADE GOFFMANIANA

3.1 MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO NO ESPAÇO COTIDIANO

Chicago (20/05/1965) – Durante dez dias Claire Stelmaszek, de 34 anos, permaneceu em silêncio durante sua prisão e detenção, suportando a desaprovação de seus chocados amigos e vizinhos e as repreensões e importunações de seus filhos. Mas ontem as altas autoridades louvaram generosamente a ação da corajosa mãe em ajudar a desbaratar uma operação de jogatina controlada pelo crime organizado. A polícia revelou que a Sr^a. Stelmaszek, mãe de quatro filhos e gerente de um bar na zona sul, fingiu cooperar com os gângsteres para ajudar a polícia. Três bandidos do sindicato do crime tentaram durante dois meses instalar mesas de jogos de dados adulteradas numa sala dos fundos de seu bar antes que a Sr^a. Stelmaszek procurasse a polícia. Vendo uma chance de saber mais sobre as técnicas do sindicato do crime para introduzir-se em negócios legítimos, a polícia pedia a Sr^a. Stelmaszek que fizesse o jogo dos bandidos. A polícia implantou dispositivos de gravação no bar e gravou as ameaças feitas pelos gângsteres e os detalhes da operação de jogo fraudulenta, que a gangue começou a administrar no dia 10 de maio. Quando a polícia entrou, prenderam a Sr^a. Stelmaszek junto com outras 18 pessoas. Isto foi feito para manter seu papel em segredo. Ela foi liberada sob fiança. “Quando os vizinhos começaram a molestá-la, oferecemo-nos imediatamente para contar ao mundo o papel que ela desempenhou, embora quanto mais tempo pudéssemos manter a coisa em segredo tanto melhor seria”, disse o tenente de polícia Edward Berry. A Sr^a. Stelmaszek decidiu continuar calada. “O mais difícil de suportar foi ela não poder revelar aos próprios filhos”, disse Berry. “As crianças podem ser cruéis, mas estas nunca deixaram de confiar na mãe”. Seus filhos adolescentes foram ridicularizados pelos colegas de classe por causa da prisão da mãe, disse ele. A verdade sobre a Sr^a. Stelmaszek foi revelada após ela ter testemunhado perante o júri de acusação. (GOFFMAN, [1974] 2012, p. 417 - 418)⁵.

Parece fora dos padrões iniciar esta discussão com tamanha citação, mas a provocação é legítima e pertinente, um tanto quanto intencional, mas imprescindível às discussões, conceitos e análises que serão especificadas quanto às representações e a metáfora teatral utilizadas por Erving Goffman.

Os artifícios dispostos no artigo “A Heroína de Chicago” pelos personagens identificados e expostos por Goffman ([1974] 2012) trazem a tona alguns exemplos de mecanismos utilizados pelos indivíduos para representar nas diversas situações cotidianas. Partilhando dessa ideia verificamos que não importa onde a situação ocorra, o que vale é a sua intencionalidade, pois a representação dos indivíduos é

⁵ Artigo intitulado “A Heroína de Chicago” (San Francisco Chronicle, 20 de maio de 1965) relatado por Goffman ([1974] 2012).

simbólica e marcada por objetivos, fator que conduz cada indivíduo em sua encenação. Como diz Goffman ([1959] 2005, p. 223) “Uma vez que começamos uma representação, temos a tendência de terminá-la”.

A cena da vida real evidenciada no artigo “A Heroína de Chicago”, a Sr^a. Stelmaszek, gerente de um bar na zona sul de Chicago, coopera com a polícia da cidade para desvelar as técnicas do crime organizado para introduzir-se em negócios legítimos.

Sabendo dos riscos que poderia vir a sofrer, tais como a prisão e detenção, o abandono ou desprezo familiar, as críticas de vizinhos, parentes e amigos, o sofrimento e vergonha que os filhos passariam, a Sr^a. Stelmaszek, motivada por objetivos definidos e estabelecidos como meta, mantém seu papel, finalizando sua representação quando vai a júri popular.

A análise da situação exposta revela que a crença no papel que a Sra. Stelmaszek estava representando, a “atriz sincera” que foi, o “cenário” onde ocorreu à situação, a “fachada” representada, os “cúmplices da atriz”, a “realização dramática”, a “disciplina dramatúrgica”, enfim conceitos que Goffman ([1959] 2005) pontua e caracteriza, constituíram alguns mecanismos que contribuíram para o sucesso de sua representação.

À Sr^a. Stelmaszek blasfêmias foram ditas, porém supridas por pedidos de desculpas, palavras que lhe causaram dor, foram amenizadas por perdão, como recompensa pelo feito, o reconhecimento público: “A Heroína de Chicago”.

Acreditar no papel que o indivíduo está representando é fundamental a dramaturgia goffmaniana. A seguir, serão apresentados alguns dos modelos que tornam possíveis a aplicabilidade da metodologia desenvolvida por Erving Goffman por meio da representação utilizando a metáfora teatral. Vale ressaltar que o condicionante de tal representação reside ao caráter simbólico que motiva a ação humana.

Ao desempenhar uma atividade cotidiana, seja ela uma atitude corriqueira, até mesmo as manipulações que queremos efetuar em relação às impressões a outros indivíduos, tendemos para este fim, fazer com que os participantes da ação levem a sério a impressão sustentada perante eles. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Partindo desse pressuposto, Goffman ([1959] 2005) desenvolve o conceito de ator sincero e ator cínico. Quando temos que acreditar naquilo que estamos representando, devemos primeiramente estar convictos da certeza do que queremos

transmitir ou o que os outros acreditem em relação ao que estamos fazendo. Este indivíduo pode estar inteiramente compenetrado de seu próprio número, ou seja, pode estar sinceramente convencido de que a impressão de realidade que encena é a verdadeira realidade, adentra aí o chamado ator sincero. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Do mesmo modo, em contraposição, os indivíduos realizam algumas atividades cotidianas, cuja representação é falsa. De acordo com Goffman ([1959] 2005, p. 26) “Quando o indivíduo não crê em sua própria atuação e não se interessa em última análise pelo que seu público acredita, podemos chamá-lo de ator cínico. Um indivíduo cínico pode enganar o público pelo que julgar ser o próprio bem deste”.

Tanto o ator sincero como o ator cínico, durante suas atuações, ocupam um espaço, chamado de cenário, cuja representação será efetivada por sua atuação no conjunto desses cenários através da fachada, fachada pessoal, aparência e maneira. (GOFFMAN, [1959] 2005).

De acordo com Goffman ([1959] 2005) o cenário é constituído pela mobília, a decoração, a disposição física e outros elementos que darão suporte ao palco onde o desenrolar da ação humana será executada. Porém, este cenário, pode ser fixo, como por exemplo, no espaço cotidiano das escolas e igrejas, ou móvel, em enterros e desfiles. Ou seja, dependem do local onde a representação ocorrerá.

O cenário tende a permanecer na mesma posição, geograficamente falando, de modo que aqueles que usem determinado cenário como parte de sua representação não possam começar a atuação até que se tenham colocado no lugar adequado e devam terminar a representação ao deixá-lo. Somente em circunstâncias excepcionais o cenário acompanha os atores. Vemos isto num enterro, numa parada cívica e nos cortejos irrealis com que se fazem reis e rainhas. (GOFFMAN, [1959] 2005, p. 30).

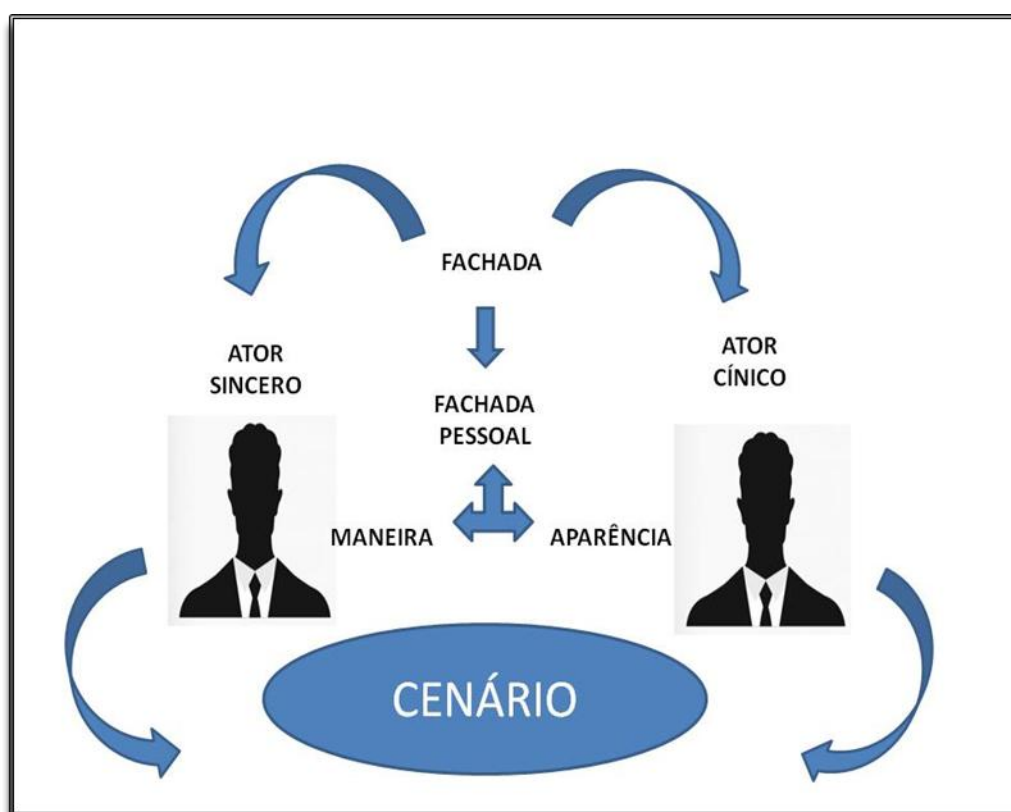
Para tanto o termo fachada é empregado ao conjunto de equipamentos expressivos padronizados que cada indivíduo utiliza intencional ou inconscientemente durante sua representação. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Quanto à fachada pessoal, esta inclui o vestuário, sexo, idade e características raciais, altura e aparência, atitude, padrões de linguagem, expressões faciais, gestos corporais e coisas semelhantes. Esta, por sua vez, para ser melhor compreendida, convém ser dividida por suas peculiaridades em aparência e maneira. (GOFFMAN, [1959] 2005).

A aparência, diz respeito aos estímulos que revelam o status social do ator, já a maneira, são os estímulos que determinarão o papel do indivíduo quando este está a desempenhar durante a situação que se aproxima. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Esquemáticamente a FIGURA 1 demonstra como está configurado este esquema de artifícios de representação.

FIGURA 1 – ATOR SINCERO E ATOR CÍNICO E SEUS ESQUEMAS DE REPRESENTAÇÃO



FONTE: O autor (2016).

De acordo com a concepção dramatúrgica goffmaniana, podemos elencar uma série de artifícios e mecanismos que os indivíduos podem utilizar para que seu papel como agente social venha a ser efetivado.

Como diz Goffman ([1959] 2005, p. 67) “os modos pelos quais a representação de um indivíduo acentua certos aspectos e dissimula outros”. Dessa maneira, sincero ou cínico, cada indivíduo pode apropriar-se de tais modos para a manifestação do papel que deseja representar (TABELA 2).

TABELA 2 - MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO NA VIDA COTIDIANA

| MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO | CARACTERÍSTICA |
|--|--|
| <i>Realização Dramática</i> | “Na presença de outros, o indivíduo inclui em sua atividade sinais que acentuam e configuram atos confirmatórios que, sem isso, poderiam permanecer despercebidos ou obscuros” ⁶ . |
| <i>Idealização</i> | “Quando o indivíduo se apresenta diante dos outros, seu desempenho tenderá a incorporar e exemplificar os valores oficialmente reconhecidos pela sociedade e até realmente mais do que o comportamento do indivíduo como um todo” ⁷ . |
| <i>Manutenção do Controle Expressivo</i> | “Cada protagonista terá de observar cuidadosamente a própria conduta, para não oferecer ao oponente um ponto vulnerável ao qual dirija sua crítica” ⁸ . |
| <i>Representação Falsa</i> | “Quando indagamos se uma impressão adotada é verdadeira ou falsa, na verdade queremos saber se o ator está, ou não, autorizado a desempenhar o papel” ⁹ . |
| <i>Mistificação</i> | “Consiste em impedir o público de ver o ator” ¹⁰ . |
| <i>Realidade e Artifícios</i> | “O indivíduo deve aprender um número suficiente de formas de expressão para ser capaz de preencher e dirigir qualquer papel que lhe seja dado” ¹¹ . |
| <i>Equipe de Representação</i> | “Grupo de indivíduos que cooperem na encenação de uma rotina particular” ¹² . |
| <i>Lealdade Dramatúrgica</i> | “Não deve trair os segredos da equipe nos intervalos das representações – quer por interesse pessoal, por princípios ou falta de discrição” ¹³ . |
| <i>Disciplina Dramatúrgica</i> | “É aquele que se lembra do seu papel e não comete gestos involuntários. É uma pessoa discreta, dotado de autocontrole, domínio de rosto e da voz” ¹⁴ . |
| <i>Circunspeção Dramatúrgica</i> | “No interesse da equipe deve-se exigir dos atores que sejam prudentes e circunspectos ao representar o espetáculo, preparando-se antecipadamente para prováveis contingências e explorando as oportunidades restantes” ¹⁵ . |

FONTE: O autor (2016).

⁶ GOFFMAN [1959] 2005, p. 37.

⁷ Ibidem, p. 41.

⁸ Ibidem, p. 57.

⁹ Ibidem, p. 60.

¹⁰ Ibidem, p. 67.

¹¹ Ibidem, p. 73.

¹² Ibidem, p. 78.

¹³ Ibidem, p. 195.

¹⁴ Ibidem, p. 198.

¹⁵ Ibidem, p. 200.

Para Goffman, os indivíduos atuam através de Papéis Discrepantes. Esses, segundo Goffman ([1959] 2005, p. 134) “são pessoas que conhecem os segredos de uma equipe e as bases e ameaças de sua posição privilegiada” (TABELA 3).

TABELA 3 - EXEMPLOS DE PAPÉIS DISCREPANTES

| PAPÉIS DISCREPANTES | CARACTERÍSTICA |
|------------------------------------|---|
| <i>Delator</i> | “Pessoa que finge, para os atores, ser um membro de sua equipe” ¹⁶ . |
| <i>Cúmplice do Ator</i> | “É alguém que age como se fosse um membro qualquer da plateia, mas de fato está mancomunado com os atores” ¹⁷ . |
| <i>Olheiros</i> | “O agente trabalha em segredo e, comportando-se como qualquer membro crédulo da plateia, dá aos atores a corda com que eles próprios se enforcam” ¹⁸ . |
| <i>Comprador</i> | “É aquele que ocupa um lugar despercebido, modesto, e que sai, quando o espetáculo acaba, à procura de seu patrão para contar o que viu” ¹⁹ . |
| <i>Intermediário</i> | “Aprende os segredos de cada lado, mas procura dar a cada lado a falsa impressão de que é mais leal a esse lado do que ao outro” ²⁰ . |
| <i>Não-pessoa</i> | “Os indivíduos que desempenham este papel estão presentes durante a interação, mas, sob certo aspecto, não assumem o papel nem de atores nem de plateia, nem pretendem ser o que não são” ²¹ . |
| <i>Especialista em um Serviço</i> | “É desempenhado por indivíduos especializados na construção, conserto e manutenção do espetáculo que seus clientes exibem a outras pessoas” ²² . |
| <i>Especialista em Treinamento</i> | “Ensina ao ator como construir a impressão desejada, enquanto ao mesmo tempo assumem a função de futura plateia” ²³ . |
| <i>Confidente</i> | “São pessoas a quem o ator confessa seus pecados” ²⁴ . |
| <i>Colegas</i> | “Pessoas que apresentam a mesma prática à mesma espécie de plateia” ²⁵ . |

FONTE: O autor (2016).

¹⁶ GOFFMAN [1959] 2005, p. 136.

¹⁷ Ibidem, p. 137.

¹⁸ Ibidem, p. 138.

¹⁹ Ibidem, p. 139.

²⁰ Ibidem, p. 139.

²¹ Ibidem, p. 141.

²² Ibidem, p. 143.

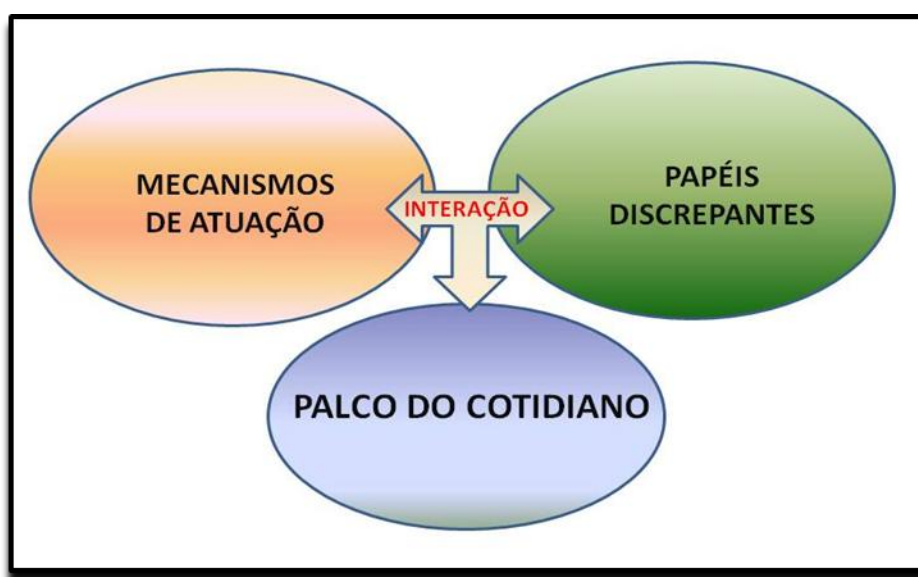
²³ Ibidem, p. 148.

²⁴ Ibidem, p. 148.

²⁵ Ibidem, p. 149.

Tanto os mecanismos de representação ou atuação como também os papéis discrepantes, que cada indivíduo utiliza na vida cotidiana aparecem coesos no processo de interação, (FIGURA 2), tendo em vista que é a partir do significado que cada indivíduo atribui ao que acredita ser a verdade, é o que irá constituir a ação do “eu” no espaço, ou seja, no palco do cotidiano.

FIGURA 2 – MECANISMOS DE ATUAÇÃO E PAPÉIS DISCREPANTES



FONTE: O autor (2016).

Este “eu” primordialmente representado, não se configura apenas como indivíduo meramente orgânico, regido pelo ato de nascer, crescer e morrer, mas é delimitado por um efeito dramático, que surge a partir da constituição de uma cena apresentada, cujo interesse essencial, está em saber se será acreditado ou desacreditado. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Esse pressuposto atesta que o palco da vida cotidiana está ligado ao caráter simbólico das atitudes humanas, onde o homem, para mostrar-se a seus semelhantes, sempre utiliza de formas de representar.

Nas palavras de Goffman ([1974] 2012, p. 165) “O mundo inteiro é como um palco, e de fato exibimo-nos e gastamos nossa hora nele, e esse é todo o tempo de que dispomos”. Então, os papéis exercidos por cada pessoa no cenário da vida cotidiana, são assistidos por um conjunto de pessoas que estão ao seu entorno.

Haverá uma região de fundo com suas ferramentas para dar forma ao corpo e uma região de fachada com seus apoios fixos. Haverá uma equipe de pessoas cuja atividade no palco junto com os suportes disponíveis construirá a cena da qual emergirá o “eu” do personagem representado, e outra equipe, a plateia, cuja atividade interpretativa será necessária para esse surgimento. O “eu” é um produto de todos esses arranjos e em todas as suas partes traz as marcas dessa gênese. (GOFFMAN, [1959] 2005, p. 232).

Nesse sentido, o palco onde o indivíduo está atuando projeta-se a uma plateia que é manipulada pela ação sincera ou cínica desse indivíduo, uma representação simbólica mediada por atos ou interesses, cujo palco está sendo utilizado por um ator que se apresenta sob a máscara de um personagem para personagens. Nas palavras de Goffman ([1959] 2005, p. 13) “Independentemente do objetivo particular que o indivíduo tenha em mente e da razão desse objetivo, será do interesse dele regular a conduta dos outros, principalmente a maneira como o tratam”.

Assim, utilizando mecanismos de representação ou sendo um ator discrepante, assumimos facetas ou até mesmo uma função especializada, já que a pessoa pode atuar durante uma série de ocasiões, tendo em vista o simples fato de que na vida real, o papel que um indivíduo desempenha é determinado pelo conjunto de papéis desempenhados pelos outros presentes. Exemplificando essa questão levantada, Goffman ([1974] 2012, p. 170) ressalta “Dizemos que José da Silva é um bom encanador, um mau pai, um amigo leal e assim por diante”.

Essas impressões especificadas demonstram as peculiaridades das interações entre os indivíduos, a intencionalidade da ação, o jogo de interesse, as aparências a serem deixadas. Isso ratifica a preocupação do indivíduo quando chega à presença de outros pela primeira vez. Como diz Goffman ([1959] 2005, p. 11) “A informação a respeito do indivíduo serve para definir a situação, tornando os outros capazes de conhecer antecipadamente o que ele esperará deles e o que deles podem esperar”.

As características evidenciadas determinarão as interações face a face e as estratégias utilizadas pelos indivíduos nessas interações. Desta maneira, o ato de representar, mediada pela atividade simbólica do homem, está diretamente ligado ao “eu” do indivíduo. Algo interior, fundamentado nos anseios, concepções, crenças e objetivos constituintes da essência do ser enquanto indivíduo, fator que direciona a vida humana no espaço do cotidiano.

3.1.1 Estratégias de interação face a face

A metáfora teatral goffmaniana evidencia que todas as pessoas estão imersas em um mundo de encontros sociais. Nas relações cotidianas, os contatos entre os indivíduos permeiam um conjunto de interações face a face, onde estes utilizam de um conjunto de atos verbais e não verbais denominado “linha”, para expressar sua opinião sobre uma determinada situação específica. (GOFFMAN, [1967] 2012).

De acordo com Velho (2004, p. 43) “Os rituais e estratégias de interação, nessa perspectiva, são preciosos elementos para a compreensão de processos de construção de realidade”. Ao tentar explicitar como Goffman compreendia essa interação, Velho (2004, p. 56) salienta que “Para que a interação face a face seja possível, os indivíduos devem ser capazes de monitorar os outros, captar a atitude dos outros e controlar as informações sobre si mesmos”.

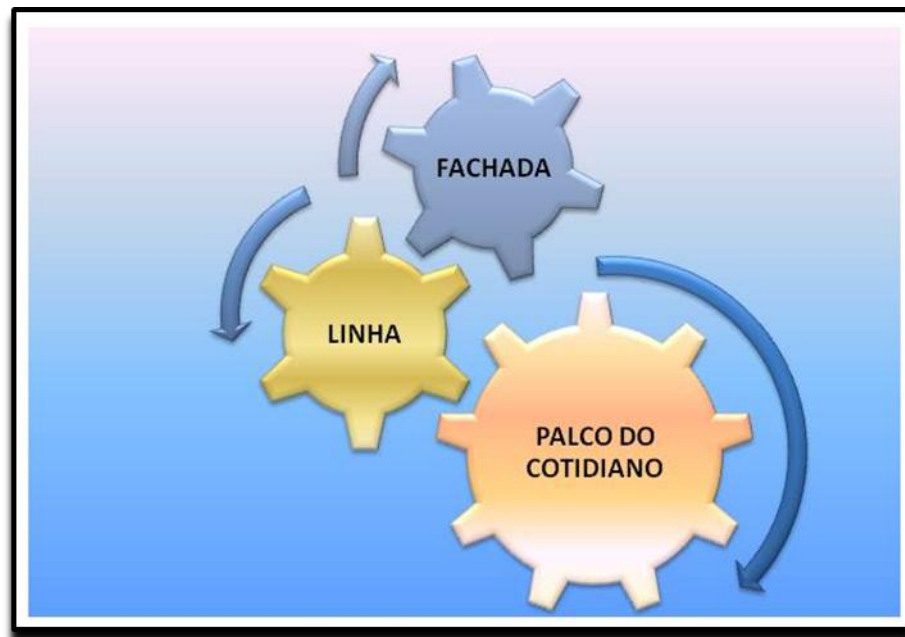
Nessa perspectiva, Velho (2004) apresenta o que ele chama de apriorismos que Goffman considera necessários para que a interação face a face venha a ocorrer.

O indivíduo encontra-se acessível aos sentidos diretos de todos os outros presentes e os encontra acessíveis a si [...]; O indivíduo é um ‘transceptor’ da informação expressiva [...] Isto delimita a capacidade do indivíduo de levar em consideração a atitude dos outros presentes; Ele tentará cuidadosamente monitorar a informação que fornece e exala, em uma tentativa de influenciar e controlar a definição predominante da situação. (VELHO, 2004, p. 56).

As características expostas delineiam as práticas utilizadas pelo homem nos encontros do palco cotidiano, (FIGURA 3). Seguindo esse raciocínio, verifica-se que cada indivíduo possui uma “linha”, uma expressão do que para este é a verdade a ser transmitida, porém mediada pelo que Goffman ([1967] 2012) chama de “fachada”.

“O termo fachada pode ser definido como o valor social positivo que uma pessoa efetivamente reivindica para si mesma através da linha que os outros pressupõem que ela assumiu durante um contato particular”. (GOFFMAN, [1967] 2012, p. 13).

FIGURA 3 – LINHA E FACHADA NO PALCO COTIDIANO

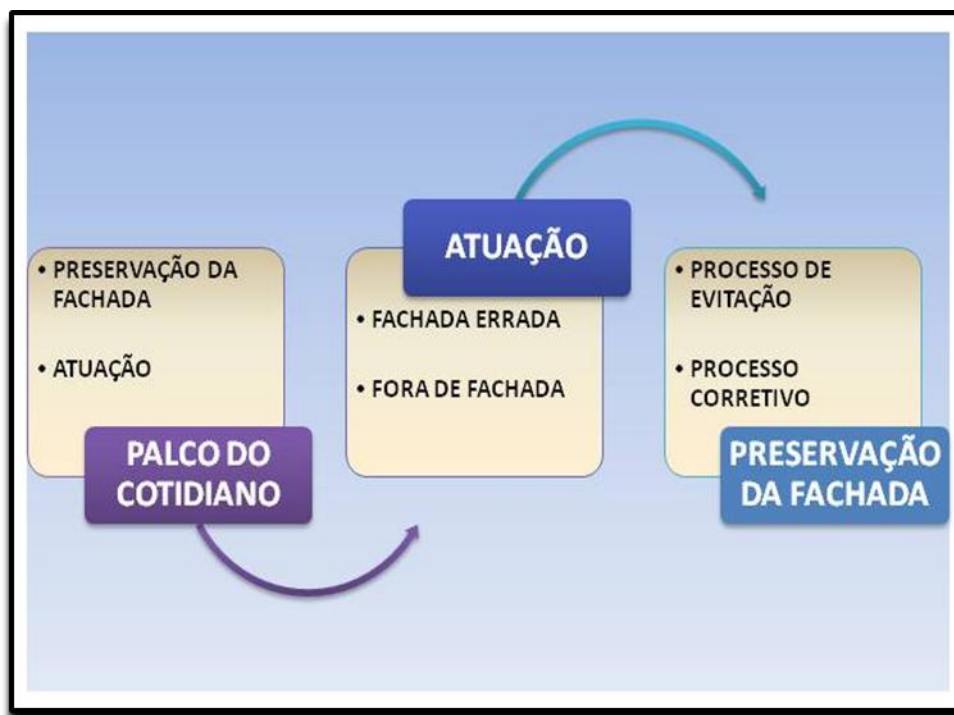


FONTE: O autor (2016).

Sabendo então que a fachada é constituída pelos atributos ditos socialmente aprovados, devemos chamar atenção ao fato de que muitos indivíduos durante as interações face a face utilizam papéis discrepantes e mecanismos de representação para que seus objetivos sejam alcançados. Consequentemente, assumirão uma imagem do eu expressa pela fachada interiorizada, assim os outros terão a expectativa de que ele atuará conforme tal fachada. (GOFFMAN, 2012).

É imprescindível ressaltar que a representação do indivíduo no palco do cotidiano pode ocorrer por meio de dois processos distintos: a atuação, que pode ser representada através da fachada errada ou quando o indivíduo está fora da fachada, e a preservação da fachada, em que as relações ocorrem via processo de evitação e processo corretivo (FIGURA 4).

FIGURA 4 – ATUAÇÃO E PRESERVAÇÃO DA FACHADA NO PALCO COTIDIANO



FONTE: O autor (2016).

No processo de atuação, a fachada errada ocorre quando trazemos alguma informação sobre seu valor social que não pode ser integrada com a linha que está sendo mantida para ela. Já, estar fora de fachada, refere-se quando participamos de um contato com outros sem ter uma linha pronta do tipo que esperamos que participantes de tais situações tenham. De acordo com Goffman ([1967] se os indivíduos perceberem que estão com a fachada errada ou fora da fachada, se sentirão com vergonha ou inferiorizados por não terem mantido a fachada esperada e as consequências que isto acarretará à sua reputação enquanto participante da interação.

Em relação à preservação da fachada, quando o indivíduo utiliza o processo de evitação, evitamos estar em contato com aquilo que ameaça o mantimento da fachada correta. Já o processo corretivo está relacionado ao fato do indivíduo não conseguir evitar a transgressão dos valores socialmente corretos e os participantes da ação dão a este o caráter de incidente, na tentativa de corrigir os seus efeitos. (GOFFMAN, [1967] 2012).

Ainda que o ofensor não consiga provar sua inocência, ele pode sugerir que ele agora é uma pessoa renovada, uma pessoa que pagou pelo seu pecado contra a ordem expressiva e em que mais uma vez podemos confiar no mundo dos juízos. Por seu tratamento de si mesmo, por sua autopunição, ele mostra que está claramente consciente do tipo de crime que ele teria cometido se o incidente fosse o que parecera ser à primeira vista, e que ele sabe o tipo de punição que deve ser infligida sobre alguém que cometesse tal crime. (GOFFMAN, [1967] 2012, p. 28).

Para que as relações ocorram de forma satisfatória, segundo Goffman ([1967] 2012), os indivíduos podem também recorrer à cooperação mútua na preservação da fachada, surge assim a formação de acordos tácitos entre os participantes da interação para que possam obter juntos seus objetivos em comum, mesmo que por motivos diferentes. Ao realizar a preservação da fachada, seguindo com seu acordo tácito de ajudar as outras pessoas a realizar a fachada delas, isto condicionará uma disposição em obedecer às regras básicas da interação social.

Para Goffman ([1967] 2012, p. 27) “Uma relação social, então, pode ser vista como uma forma pela qual a pessoa é forçada, mais do que o normal, a confiar sua autoimagem e fachada à diplomacia e boa conduta dos outros”.

Partindo dessa perspectiva, quando uma pessoa inicia uma interação, ela encontra-se de imediato imersa a algum tipo de relação social com os demais a sua volta. Para tanto, cada membro da interação deve garantir e apoiar uma fachada específica.

3.1.2 A natureza da deferência e do porte

As formas de preservação da fachada defendidas pela concepção goffmaniana de interação, o processo de evitação e o processo corretivo, ampliam o leque de discussão das interações face a face entre os indivíduos. Tais concepções dão a Goffman o conhecimento necessário para que o mesmo discuta dois conceitos imprescindíveis à representação: a deferência e o porte.

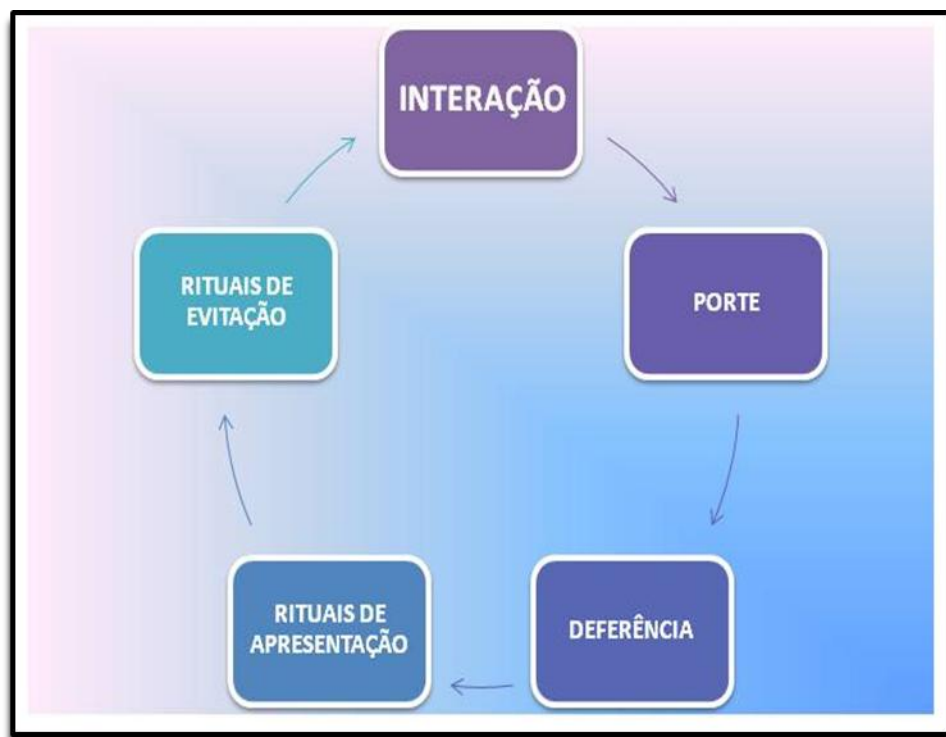
A deferência pode ser definida como a apreciação que um indivíduo mostra sobre outro para esse outro. Nas palavras de Goffman ([1967] 2012, p. 59) o “componente da atividade que funciona como um meio simbólico através do qual se comunica regularmente apreciação para um receptor deste receptor”.

A deferência pode ser compreendida então por meio de dois conceitos goffmanianos: rituais de apresentação e rituais de evitação. O primeiro refere-se aos

rituais de apresentação do ator para com a apreciação do receptor; já o segundo, está ligado às proibições e tabus, que implicam em atos que o ator deve se abster de realizar se não quiser violar o direito do receptor de mantê-lo à distância. (GOFFMAN, [1967] 2012).

Quanto à definição de porte, Goffman ([1967] 2012, p. 78) conceitua como “o elemento do comportamento cerimonial do indivíduo tipicamente comunicado através da postura, vestuário e aspecto, servindo para expressar que este é uma pessoa de certas qualidades desejáveis ou indesejáveis”. Logo, deferência e porte estão intimamente coesos nas interações, cabendo a cada indivíduo ser responsável pela imagem de porte de si mesmo e a imagem de deferência às demais pessoas, utilizando-se de rituais de apresentação ou rituais de evitação, conforme FIGURA 5.

FIGURA 5 – PORTE E DEFERÊNCIA NAS INTERAÇÕES COTIDIANAS



FONTE: O autor (2016).

Neste caso, cabe a cada indivíduo compreender que o eu é, em parte, algo cerimonial, uma espécie de objeto sagrado, cujo cuidado durante as interações tornam-se essenciais, visto que a sacralidade do cotidiano é delimitada por um cuidado ritual apropriado a cada indivíduo.

Nós nos livramos de muitos deuses, mas o próprio indivíduo teimosamente continua a ser uma divindade de importância considerável. Ele anda com certa dignidade e recebe muitas pequenas ofertas. Ele tem ciúme da veneração que lhe é devida, mas, se for abordado no espírito certo, está pronto a perdoar aqueles que podem ter lhe ofendido. Por causa da posição relativa a ele, algumas pessoas o considerarão contagioso, enquanto outras o contagiarão, em ambos os casos percebendo, enquanto outras o contagiarão, em ambos os casos percebendo que precisam tratá-lo com cuidado ritual. Talvez o indivíduo seja tão viável como um deus porque ele pode realmente compreender a importância cerimonial da forma em que é tratado, e sozinho, pode responder dramaticamente àquilo que lhe é oferecido. Nos contatos entre tais divindades não é necessário intermediários; todos esses deuses são capazes de ser seu próprio sacerdote. (GOFFMAN, [1967] 2012, p. 94).

Então, se um indivíduo necessita agir com o porte apropriado e demonstrar a deferência apropriada, será exigido a este a sua autodeterminação. Porém, na vida cotidiana manter a autodeterminação em muitas situações é um desafio, sobretudo nas ocasiões em que o indivíduo é sujeito a coerções extremas, ele é automaticamente forçado a sair do círculo do apropriado.

Para analisar esta situação posta, basta apenas verificarmos a história do uso de dispositivos de coerção: luvas de restrição, camisas de força, correntes no chão e em cadeiras, algemas, mordanças, envoltórios úmidos, banheiros com supervisão, banhos de mangueira, roupas institucionais, alimentação sem garfos e facas, e assim por diante. Tais dispositivos fornecem informações importantes sobre as formas em que é possível retirar as bases cerimoniais de formação do eu. (GOFFMAN, [1967] 2012).

À vista disso, Goffman ([1967] 2012, p. 161) diz que “sempre que o indivíduo está na presença de outros, ele se compromete a manter uma ordem cerimonial através de rituais interpessoais”. Em tal caso, as respostas às medidas coercitivas, ou melhor, as ofensas causadas pelos outros contra o eu, funcionam como um modo pela qual o indivíduo é obrigado a garantir que as implicações expressivas de todos os eventos locais sejam compatíveis com o estatuto que ele e os outros presentes possuem. (GOFFMAN, [1967] 2012).

Isto posto, a natureza do porte e da deferência são processos condicionantes das muitas representações que os indivíduos realizam durante as cenas do cotidiano. A atuação dos atores sinceros ou cínicos no transcorrer das representações será mediada pelo firme compromisso em transmitir algo que lhe foi interiorizado como verdade absoluta a ser repassada no intuito de garantir o que o ator quer em relação à cena a ser executada.

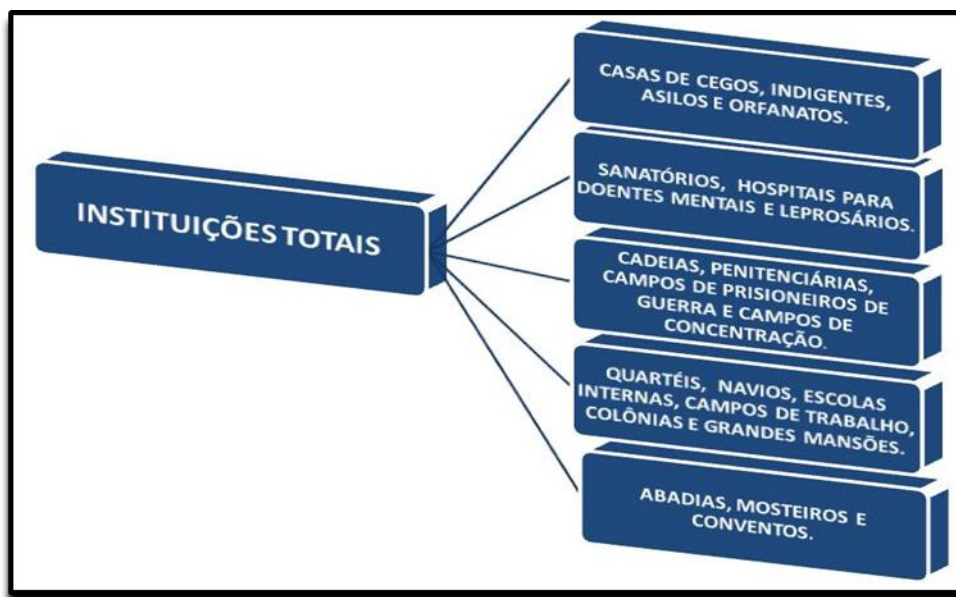
3.2 MECANISMOS DE REPRESENTAÇÃO NO ESPAÇO TOTAL

A proposição teórica de Erving Goffman a respeito das Instituições Totais é um expoente à compreensão das interações dentro do sistema prisional. De acordo com Goffman ([1961] 2013) as Instituições Totais formam um conjunto de organizações que possuem como característica principal o fato de serem locais de reclusão, residência e trabalho, onde um grande número de indivíduos, em situação semelhante são separados da vida social por um período de tempo, levando uma vida fechada e formalmente administrada por um conjunto de equipe.

Seu “fechamento” ou seu caráter total é simbolizado pela barreira a relação social com o mundo externo e por proibições à saída que muitas vezes estão incluídas no esquema físico - por exemplo, portas fechadas, paredes altas, arame farpado, fossos, água, florestas ou pântanos. A tais estabelecimentos dou o nome de instituições totais. (GOFFMAN, [1961] 2013, p.11).

Tais instituições possuem objetivos em comum ao isolarem seus internados, para Goffman ([1961] 2013, p. 22) “São as estufas para mudar pessoas; cada uma é um experimento natural sobre o que se pode fazer ao eu”. Por conseguinte, estas podem ser enumeradas em cinco agrupamentos, conforme FIGURA 6.

FIGURA 6 – AS INSTITUIÇÕES TOTAIS PARA ERVING GOFFMAN



FONTE: O autor (2016).

De acordo com Goffman ([1961] 2013), as casas para cegos, indigentes, asilos e orfanatos constituem o primeiro agrupamento, cuja característica está no fato de serem criadas para o cuidado de pessoas que, segundo se pensa, são incapazes e inofensivas.

Os sanatórios, hospitais para doentes mentais e leprosários, constituem o segundo agrupamento. Para Goffman ([1961] 2013), estas Instituições Totais possuem em comum o fato de serem locais estabelecidos para o cuidado de pessoas consideradas incapazes de cuidar de si mesmas, ou que possam ameaçar à comunidade, embora de maneira não intencional.

As cadeias, penitenciárias, campos de prisioneiros de guerra e os campos de concentração, formam um terceiro tipo de Instituição Total. De acordo com Goffman ([1961] 2013), essas instituições possuem a particularidade de serem organizadas para proteção da sociedade em relação a perigos intencionais.

Em quarto lugar, há os quartéis, navios, escolas internas, campos de trabalho, colônias e grandes mansões. Segundo Goffman ([1961] 2013), essas instituições tem a intencionalidade de realizar tarefas de trabalho ou atividades mais específicas, porém de forma isolada.

Finalmente, há as abadias, mosteiros, conventos, entre outros claustros, caracterizados, conforme Goffman ([1961] 2013), por propiciarem refúgio, oferecem segurança e contato com o Transcendente, desenvolverem e condicionarem

instrução religiosa para seus habitantes, que ao serem isolados tendem a evitar as tentações, perseguições e o pecado do mundo exterior.

Na sociedade moderna, uma disposição básica do indivíduo está no fato de realizar suas atividades cotidianas de forma livre e sem controle por outros indivíduos. O ato de dormir, brincar e trabalhar configura essa liberdade no plano cotidiano, ou seja, a liberdade de estar em diferentes lugares e contextos agindo conforme a sua natureza simbólica intencional. Porém, quando este indivíduo se vê enclausurado em qualquer Instituição Total essa liberdade é interrompida, tendo em vista que cada instituição possui uma peculiaridade.

De forma geral, quatro características são fundamentais dentro das Instituições Totais, segundo Goffman ([1961] 2013).

A primeira, diz respeito ao fato de que todos os aspectos da vida do indivíduo são realizados no mesmo local, tendo como elemento principal a autoridade de uma única pessoa. Quanto à segunda, a mesma trata das atividades diárias dos participantes, as quais devem ocorrer sempre mediante a companhia das pessoas que fazem parte de seu grupo, sendo todos tratados da mesma forma e obrigados a realizá-las de forma coletiva, conforme lhes são exigidas. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Em terceiro lugar, todas as atividades diárias são rigorosamente estabelecidas em horários e, por final, as atividades são realizadas seguindo um planejamento para que possam atender as pretensões da instituição. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Dentro das Instituições Totais verifica-se que há uma divisão entre um grande grupo, ou seja, aqueles que constituem o grupo dos internados, cujas rotinas são delimitadas e restritas, e uma pequena equipe dirigente, aqueles que supervisionam os internados, dos quais as rotinas e obrigações de trabalho são distintas e, em oposição aos internados, possuem uma integração ao mundo exterior. (GOFFMAN, [1961] 2013). Por meio de tais idiosincrasias, é notório revelar que ocorre uma relação estereotipada e hostil entre esses indivíduos.

Para Goffman ([1961] 2013), de um lado, há a equipe dirigente que observa os internados como amargos, reservados e desmerecedores de sua confiança, assim tendem a assumir um papel de superioridade. Do outro lado, há os internados que afirmam que a equipe dirigente é arbitrária, mesquinha, autoritária, causando-lhes o sentimento de inferioridade, fraqueza e culpa.

Destarte, em relação ao sistema prisional, Goffman ([1961] 2013, p. 157) enfatiza que “Os funcionários da prisão podem admitir, e às vezes admitem que o prisioneiro deva aceitar, ainda que contra a vontade, o fato de estarem presos”.

Para Goffman ([1961] 2013), a arbitrariedade e o papel estereotipado da equipe dirigente atestam para o papel da prisão, enquanto meio regulador de caráter e atitude, pois, privado de liberdade, o indivíduo pagará à sociedade suas dívidas, cultivará o respeito pela lei, será redimido de seus pecados, aprenderá um ofício e mudará seu comportamento.

3.2.1 A mortificação do homem em privação de liberdade

No sistema prisional as privações vivenciadas pelos indivíduos, a desconfiança para firmar relações afetivas entre os parceiros de cela, a impossibilidade de formação de vínculos solidários quanto aos grupos em que convive, a carência de oportunidades de profissionalização, dentre outras questões, condicionam aos detentos a construção de estratégias e a criação de recursos de vida para que possam sobreviver em meio às adversidades encontradas nessas Instituições Totais.

Essas estratégias e a própria criação de recursos de vida utilizada pelo indivíduo privado de liberdade, correspondem à desestruturação deste, a partir do instante em que adentra no presídio. Ao chegar ao estabelecimento, o indivíduo possui uma concepção de si formada por suas vivências e disposições do mundo exterior, porém acaba sendo despido de tais características. A essa desestruturação, segundo Goffman ([1961] 2013) há a “Mortificação do Eu”, na qual tende a ocorrer através de seis mecanismos (FIGURA 7).

FIGURA 7 – MECANISMOS DE MORTIFICAÇÃO DO EU



FONTE: O autor (2016).

Segundo Goffman ([1961] 2013), a constituição de cercas, muros, grades, enfim barreiras cuja função é distanciar o indivíduo privado de liberdade do mundo exterior evidencia sua primeira Mortificação do Eu. Para o autor, essa característica pode ser verificada também quando ocorre a proibição de visitas e as saídas da instituição, já que determinam uma ruptura com os papéis anteriormente assumidos pelo indivíduo privado de liberdade, logo sua vida será transformada, tendo em vista que uma nova construção de identidade deve ser adotada. Vale ressaltar que as dificuldades encontradas por esses indivíduos em reestabelecer antigos papéis, constituem similarmente barreiras com o mundo exterior, em alguns casos de forma irreversível. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Além disso, segundo Goffman ([1961] 2013), o processo de admissão causa a segunda maneira de Mortificação do Eu, visto que se caracteriza como uma despedida ao ato de governar a si mesmo, ou seja, a liberdade propriamente dita, e o começo de uma nova vida que tende ser regada, sem muitos privilégios e regalias.

A essência desse processo é marcada pela desfiguração pessoal do indivíduo que ao ser admitido, acaba sendo despido de sua aparência usual, seus pertences e serviços para seguir as regras da instituição, como o uso de uniformes,

cumprimento de horários, utilização de banheiros coletivos, realização de tarefas diárias, entre outras características. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Entretanto, devido à instituição lidar com distintos aspectos da vida dos internados, há a necessidade de conseguir, segundo Goffman ([1961] 2013) a chamada cooperação. Para o autor, a equipe dirigente, agentes penitenciários, chefes de prédios e guardas, são atribuídas essa função, todavia, a abordagem inicial desse contato deve ser realizada com cautela, uma vez que esta pode determinar ao internado ser revoltado permanentemente ou estar sempre obedecendo às regras estabelecidas.

A esse respeito, Goffman ([1961] 2013) demonstra um excelente exemplo relatado por Brendan Behan ao recordar sua disputa com dois guardas no momento em que foi admitido na prisão de Walton:

“E levante a cabeça quando falo com você”. “Levante a cabeça quando o Sr. Whitbread falar com você”, disse o Sr. Holmes. Olhei para Charlie. Seus olhos encontraram os meus e rapidamente os baixou para o chão. “O que é que você está procurando, Behan? Olhe para mim.” Olhei para o Sr. Whitbread. “Estou olhando para o senhor.” Falei. “Você está olhando para o Sr. Whitbread - olhando o quê?” Perguntou o Sr. Holmes. “Estou olhando para o Sr. Whitbread.” O Sr. Holmes olhou sério para o Sr. Whitbread, levou para trás sua mão aberta e me bateu no rosto; segurou-me com a outra mão e bateu novamente. Fiquei tonto, minha cabeça doía e queimava, e fiquei imaginando se isso ocorreria de novo. Esqueci e levei outra bofetada, e esqueci, e depois outra, e me movimentei, e fui sustentado por uma mão firme, quase delicada, e depois outra. Minha vista apresentava uma visão de lampejos vermelhos e brancos e borrados. “Você está olhando para o Sr. Whitbread. É isso, Behan?” Engoli saliva e fiz força para falar; engoli de novo e afinal consegui. “Por favor, meu senhor, estou olhando para o senhor, quero dizer, estou olhando para o Sr. Whitbread, meu senhor”. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 26-27).

Nesse processo de admissão, de acordo com Goffman ([1961] 2013), constata-se que o novato perde sua propriedade, ou seja, o conjunto de sentimentos do eu àquilo que possui. Essa afirmação ocorre por intermédio da ação da instituição, verificada em distintas situações, muitas vezes inimagináveis, como destaca Goffman ([1961] 2013, p. 28) “Os internados podem ser obrigados a mudar de cela uma vez por ano, a fim de que não fiquem ligados a elas”.

Em um relatório sobre prostitutas presas, Goffman ([1961] 2013) descreve o impacto dessa substituição para o processo de Mortificação do Eu.

Em primeiro lugar, existe o funcionário do chuveiro que as obriga a se despirem, tira suas roupas, faz com que tomem banho de chuveiro e recebam suas roupas de prisão - um par de sapatos pretos de amarrar, com saltos baixos, dois pares de meias remendadas, três vestidos de algodão, duas anáguas de algodão, duas calças, e um par de soutiens. Quase todos os soutiens estão frouxos e são inúteis. Não recebem cintas e nem cintos. Nada mais triste do que ver algumas das prisioneiras obesas que, pelo menos, conseguiam parecer decentes do mundo externo diante da sua primeira imagem na situação de prisão. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 29).

De acordo com Goffman ([1961] 2013), além da deformação interna do indivíduo, ao ser admitido o novato tende a perder seu equipamento de identidade, visto que não apresenta aos outros sua verdadeira imagem. Igualmente, em muitos casos de admissão, dá-se a desfiguração pessoal do novato quando este é submetido a mutilações diretas e permanentes em seu corpo.

Para Goffman ([1961] 2013, p. 30) “Em algumas instituições penais encontramos a humilhação de curvar-se para ser açoitado”. O autor afirma ainda que “Nas prisões, a negação de oportunidades para relações heterossexuais pode provocar o medo de perder a masculinidade” ([1961] 2013 p. 31).

Isto posto, perder o equipamento de identidade, as mutilações do corpo, o conjunto de regulamentos, ordens e tarefas que efetivamente obrigam o indivíduo a adotar posturas extremas são processos que caracterizam o terceiro processo de Mortificação do Eu, a submissão a indignidades físicas e verbais. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Nas Instituições Totais, os territórios, as particularidades e ambientes do indivíduo são violados, profanando o seu eu interior. Essa perspectiva, de acordo com Goffman ([1961] 2013), adentra ao quarto processo de Mortificação do Eu, ou seja, a exposição contaminadora do indivíduo privado de liberdade.

As contaminações físicas são as mais evidenciadas dentro do sistema prisional, como por exemplo, a falta de higiene dos alimentos, toalhas sujas, sapatos e roupas, privadas sem assentos, instalações sujas para o banho, tomar medicamentos orais ou intravenosos indesejáveis, dormir ao lado de moribundos. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Ao descrever o processo de contaminação do tipo físico que ocorre nas prisões políticas chinesas, Goffman ([1961] 2013) ressalta que:

Um aspecto de seu regime de isolamento, e que é muito penoso para os prisioneiros ocidentais, a disposição para eliminação de fezes e urina. O “vaso sanitário” usualmente presente nas celas russas muitas vezes não é encontrado nas chinesas. É um costume chinês permitir, em apenas um ou dois momentos especificados do dia, a defecação e a urina - usualmente pela manhã, depois do café. O prisioneiro é conduzido de sua cela por um guarda, através de um longo corredor, e tem aproximadamente dois minutos para ficar numa latrina chinesa aberta e satisfazer a todas as suas necessidades. A pressa e a observação pública são dificilmente toleráveis, principalmente pelas mulheres. Se os prisioneiros não podem completar sua ação em aproximadamente dois minutos, são abruptamente levados de volta para a cela. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 33).

De acordo com Goffman ([1961] 2013), o indivíduo privado de liberdade pode sofrer ainda com a contaminação interpessoal. As revistas são exemplos dessa prática, sendo a revista imposta por exame retal a mais cruel e fonte de violação da identidade do internado. Impor relações pessoais, ou seja, misturar grupos etários, étnicos e raciais, faz com que o internado se sinta contaminado por contatos indesejáveis com os companheiros de celas, quartos, banheiro, pátio, entre outros. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Sobre esta temática, o autor relata a admissão de um condenado com formação ginásial em uma prisão:

Outro guarda apareceu com um par de algemas e me ligou ao pequeno judeu, que se lamentava humildemente em Yiddish... De repente, tive o pensamento horrível de que poderia ser obrigado a compartilhar uma cela com o pequeno judeu e fiquei tomado pelo pânico. Esse pensamento me obcecava e eliminava todo o resto. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 35).

Nas relações cotidianas de uma prisão a vida no espaço coletivo determina o contato mútuo e a exposição entre os indivíduos que compartilham das mesmas mortificações. Goffman ([1961] 2013) ilustra alguns casos extremos como o dos prisioneiros políticos da China:

Em certo estágio de sua prisão, o preso pode esperar ser colocado numa cela com aproximadamente outros oito presos. Se inicialmente esteve isolado e era interrogado, isso pode ocorrer logo depois de sua primeira “confissão” ser aceita; no entanto, muitos presos são, desde o início, colocados em celas coletivas. A cela é usualmente nua, e mal contém o grupo que aí é colocado. Pode haver uma plataforma para dormir, mas todos os presos dormem no chão; quando todos se deitam, todas as polegadas do chão podem estar ocupadas. A atmosfera é de extrema promiscuidade. A vida “reservada” é impossível. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 36).

Outro exemplo é o caráter obrigatoriamente público de visitas, como se vê por descrições de prisões:

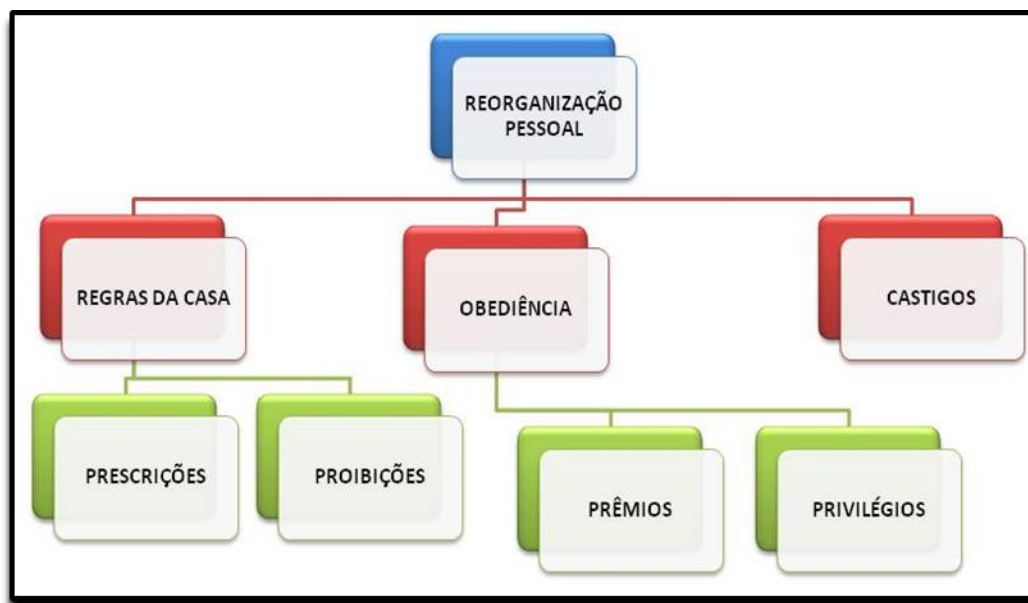
As visitas são feitas numa sala perto da entrada principal. Há uma mesa de madeira; de um lado se senta o preso, e, do outro, seus visitantes. O guarda se senta a cabeceira da mesa; ouve todas as palavras ditas, observa todos os gestos e sutilezas de expressão. Não existe qualquer intimidade - mesmo quando um homem está encontrando sua mulher, e mesmo que não a tenha visto por vários anos. Não se permite qualquer contato entre o preso e o visitante, e, evidentemente, não se permite a troca de objetos. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 37).

Nas instituições totais, a Mortificação do Eu ainda pode ocorrer de forma mais drástica. De acordo com Goffman ([1961] 2013), o fato do indivíduo testemunhar um ataque físico a alguém que esse possui algum tipo de ligação, um companheiro de cela, por exemplo, tende a acarretar a mortificação permanente deste indivíduo, visto que o mesmo se sentirá inerte por não ter feito nada para poder ajudar seu parceiro.

3.2.2 Sistemas de privilégios e táticas de adaptação no cárcere

Concomitantemente ao processo de mortificação, o indivíduo recebe um conjunto de instrução formal e informal que Goffman ([1961] 2013) denomina “Sistema de Privilégios”. Esse Sistema de Privilégios fornece as diretrizes para que os indivíduos, dentro das Instituições Totais, possam reorganizar seu papel quanto homem. A FIGURA 8 apresenta esses mecanismos de reorganização pessoal do Sistema de Privilégios.

FIGURA 8 – MECANISMOS DE REORGANIZAÇÃO PESSOAL DO SISTEMA DE PRIVILÉGIOS



FONTE: O autor (2016).

De acordo com Goffman ([1961] 2013), a reorganização pessoal dentro do sistema de privilégios é compreendida com base em três pressupostos. O primeiro, diz respeito ao cumprimento das chamadas “regras da casa”. A observância às prescrições e proibições quanto ao que é exigido à conduta do internado. Em segundo lugar, em oposição a essa rigidez, em troca da obediência há um pequeno número de prêmios ou privilégios estipulados pela equipe dirigente. Já o terceiro elemento do sistema de privilégios, corresponde à execução de castigos resultante da desobediência às regras definidas pela Instituição Total. (GOFFMAN, [1961] 2013).

De acordo com Goffman ([1961] 2013, p. 59):

O sistema de privilégios e os processos de mortificação constituem as condições a que o internado precisa adaptar-se. Tais condições permitem diferentes maneiras individuais de adaptação, além de qualquer esforço de ação subversiva coletiva. O mesmo internado empregará diferentes táticas de adaptação em diferentes fases de sua carreira moral, e pode alternar entre diferentes táticas ao mesmo tempo. (GOFFMAN, [1961] 2013, p. 59).

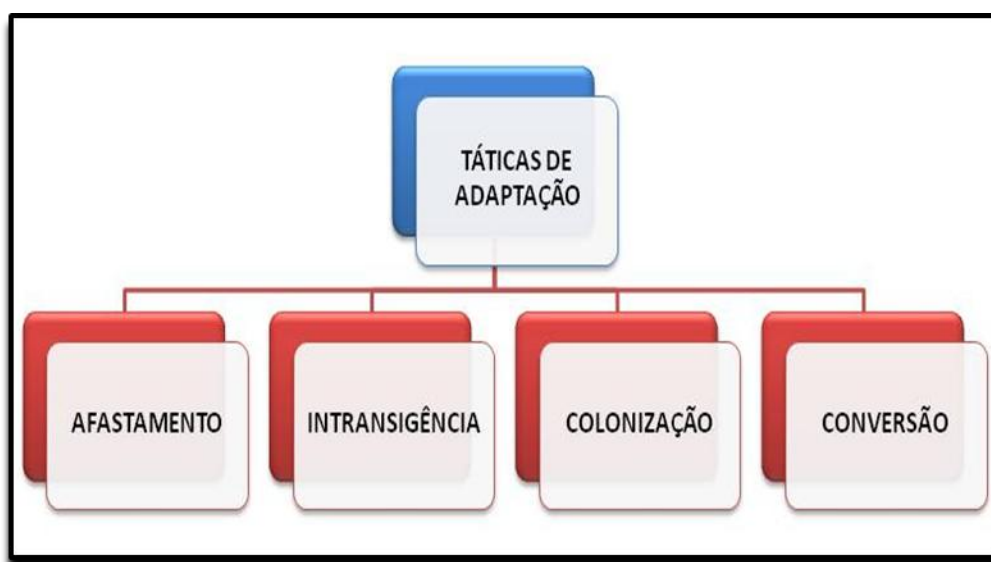
Então, o Sistema de Privilégios e os Processos de Mortificação implicam na adaptação do indivíduo dentro do cárcere. Esse processo de adaptação é representado por táticas que são seguidas, mas conforme assinala Goffman ([1961]

2013, p. 62) “embora representem comportamentos coerentes que podem ser seguidos, poucos internados parecem segui-las por muito tempo”.

À vista disso, as táticas de adaptação são formas do presidiário, ou qualquer indivíduo que está em uma Instituição Total, encarar a tensão da separação do mundo externo e o novo mundo em que está imerso, mesmo representando por um breve período de tempo.

Quanto às táticas de adaptação, estas podem ser esquematizadas por quatro concepções, conforme FIGURA 9.

FIGURA 9 – TÁTICAS DE ADAPTAÇÃO



FONTE: O autor (2016).

De acordo com Goffman ([1961] 2013, p. 59) existe a tática de afastamento, ou seja, “a abstenção total de participação em acontecimentos de interação”. Nesse processo, o indivíduo tende a isolar-se das interações. Em muitos casos a solidão, causada pela tática de afastamento, é uma forma de o indivíduo preservar sua integridade para não sofrer com os castigos impostos pela instituição, caso transgrida alguma regra. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Em segundo lugar, conforme Goffman ([1961] 2013, p. 60), há a tática de intransigência, onde “o internado intencionalmente desafia a instituição ao visivelmente negar-se a cooperar com a equipe dirigente”. Essa característica, apesar de acarretar o sofrimento ao indivíduo, em muitos casos demonstra, a título

de exemplo, o poder perante os companheiros de cela, determinando assim uma relação de poder e submissão entre os indivíduos que convivem na mesma situação.

Quanto à tática de colonização, segundo Goffman ([1961] 2013, p. 60) “o pouco do mundo externo que é dado pelo estabelecimento é considerado pelo internado como o todo”. Regalias como banho de sol, pequenos campeonatos dentro da instituição, saídas previamente autorizadas por bom comportamento e cumprimento final da pena, como no caso de Presídios de regime semiaberto, onde o presidiário pode em feriados nacionais visitar suas famílias, são alguns dos exemplos dessa particularidade tática.

E por final, o quarto modo de adaptação ao ambiente da instituição total, a chamada conversão. Para Goffman ([1961] 2013, p. 61) na conversão “o internado parece aceitar a interpretação oficial (ou da equipe dirigente) e tenta representar o papel do internado perfeito”. Nesse esquema tático, todos da equipe dirigente devem estar atentos, pois o ator cínico ou sincero pode estar utilizando de formas de representação. (GOFFMAN, [1961] 2013).

A partir dos argumentos expostos é possível realizar uma aproximação para a apropriação do conhecimento geográfico na teoria goffmaniana. Podemos entender o espaço das Instituições Totais, como um “Espaço Total”, espaço de trancamento, isolamento e solidão, onde as representações dos indivíduos neste palco cotidiano são materializadas pelos categoriais definidos por Goffman.

Estes categoriais servem à compreensão das representações que ocorrem no interior de tais instituições, tendo em vista que o indivíduo privado de liberdade vivencia distintos contextos em seu cotidiano e a religião enquanto espacialidade, objeto da presente análise, poderá condicionar distintos significados para este neste palco cotidiano. Espaço repleto de experiências singulares, mas que também é marcado por conflitos e distintas relações de poder.

4. O ESPAÇO TOTAL DA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ

Toda Instituição Total pode ser vista como uma espécie de mar morto, em que aparecem pequenas ilhas de atividades vivas e atraentes. Essa atividade pode ajudar o indivíduo a suportar a tensão psicológica usualmente criada pelos ataques ao eu. (GOFFMAN, [1961] 2013).

4.1 CARACTERIZAÇÃO DA ÁREA DE ESTUDO

A Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI), criada através do Decreto Nº 197, de 17 de Dezembro de 1943, está localizada no município de Piraquara, na Região Metropolitana de Curitiba. A CPAI é um estabelecimento penal de segurança média, destinada a indivíduos do sexo masculino, em privação de liberdade e cumprimento de pena, gozando do benefício do regime semiaberto²⁶.

Atualmente, a CPAI abriga 1.322 pessoas²⁷ de um total de 1.440 vagas existentes, cabendo a esta a promoção da reintegração social dos presos e o zelo por seu bem-estar, através da profissionalização, educação, prestação de assistência jurídica, psicológica, social, médica, odontológica, religiosa²⁸ e material. (DEPEN/PR, 2016).

²⁶ A Lei N.º 2.848, de 07 de dezembro de 1940, Código Penal brasileiro, institui no Art. 33 que a pena de reclusão deve ser cumprida em **regime fechado, semiaberto ou aberto** (grifo nosso). Na forma do § 1º, considera-se: a) regime fechado, a execução da pena em estabelecimento de segurança máxima ou média; b) regime semiaberto, a execução da pena em colônia agrícola, industrial ou estabelecimento similar; c) regime aberto, a execução da pena em casa de albergado ou estabelecimento adequado. O regime fechado é destinado àqueles que foram condenados a uma pena superior a 8 (oito) anos. O condenado fica sujeito ao trabalho no período diurno e ao isolamento durante o repouso noturno. Já o regime semiaberto, destina-se ao condenado não reincidente, cuja pena seja superior a 4 (quatro) anos e não exceda a 8 (oito) anos. O condenado fica sujeito ao trabalho em comum durante o período diurno na Unidade. O trabalho externo é admissível, bem como a frequência em cursos supletivos profissionalizantes, de instrução de segundo grau ou superior. Quanto ao regime aberto, este se baseia na autodisciplina e senso de responsabilidade do condenado e destina-se ao condenado não reincidente, cuja pena seja igual ou inferior a 4 (quatro) anos. O condenado deverá, fora do estabelecimento e sem vigilância, trabalhar, frequentar curso ou exercer outra atividade autorizada, permanecendo recolhido durante o período noturno e nos dias de folga. (BRASIL, 1940).

²⁷ Conforme última atualização de dados fornecidos pelo DEPEN/PR em 03 de maio de 2016. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/modules/consultas_externas/index.php?cod=2> Acesso em 03/05/2016

²⁸ Sobre a assistência religiosa a Lei de Execução Penal (LEP) explicita que: Art. 24 a assistência religiosa deve ocorrer por meio da liberdade de culto, serviço este prestado aos presos e internados, onde serão permitidas a participação em serviços organizados dentro dos estabelecimentos penais, além da posse de livros de cunho religioso § 1º. No estabelecimento haverá local apropriado para os cultos religiosos. § 2º. “Nenhum preso ou internado poderá ser obrigado a participar de atividade

O palco cotidiano da CPAI possui uma área de 6.437.200m², cujas instalações, construídas entre 1963 e 1964, mantiveram-se em seu estado original nos últimos cinquenta anos. O espaço da CPAI, no passado, era utilizado para o desenvolvimento de atividades agrícolas extensivas. Atualmente, destina-se ao cultivo de hortaliças e ao reflorestamento, este último ao plantio de espécies nativas, como por exemplo, mudas de Pinheiro-do-Paraná.

Além das áreas destinadas ao cultivo de hortaliças e ao reflorestamento, a CPAI possui galpões industriais de empresas privadas cooperadas e instalações industriais da própria instituição penal, onde são efetivadas distintas atividades laborais pelos apenados, tais como serraria e marcenaria, cujo produto final, destina-se a manutenção de todo complexo penal de Piraquara.

A CPAI é jurisdicionada à Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná (SESP/PR), tendo como órgão administrador o Departamento de Execução Penal do Paraná (DEPEN/PR), regulamentada pelo Estatuto Penitenciário do Estado do Paraná, Decreto N.º 1276, de 31 de Outubro de 1995, Artigos 5 e 21, respectivamente, em consonância a Lei de Execução Penal brasileira.

Art. 5º - Os Estabelecimentos Agrícolas, Industriais ou Mistos destinam-se aos condenados ao cumprimento da pena em regime semiaberto. Art. 21 - A Colônia Agrícola, Industrial ou Mista destina-se ao condenado ao cumprimento de pena privativa de liberdade em regime semiaberto. Parágrafo Único - O condenado poderá ser alojado em compartimento coletivo, observados os requisitos básicos de salubridade do ambiente, pela concorrência dos fatores de aeração, insolação e condicionamento térmico, adequados à existência e à dignidade humana. (PARANÁ, 1995).

Em sua essência, o regime semiaberto possui a finalidade de aproximar o indivíduo privado de liberdade ao convívio em sociedade, visto que há evidências para o fato de quando o indivíduo passa por um longo tempo em regime fechado, este perde a noção de tempo e espaço quando do retorno à sociedade, ficando assim, deslocado enquanto indivíduo.

religiosa". Art. 41 reafirma quais os direitos dos presos na forma de assistência "assistência material, à saúde, jurídica, educacional, social e religiosa". (BRASIL, 1984).

Desta maneira, para que a ressocialização ocorra, faz-se necessário à inserção deste no regime semiaberto. Porém, devido à alta criminalidade e o aumento da população carcerária nos presídios ocorrida nos últimos anos, alguns magistrados passaram a sentenciar os réus com penas no regime semiaberto, distorcendo a essência inicial desse sistema.

A CPAI, por tratar-se de regime semiaberto, proporciona ao indivíduo privado de liberdade o desenvolvimento de atividades laborais²⁹ no espaço interno e externo da Unidade Penal³⁰.

Quanto ao trabalho interno, são permitidos serviços que ocorram na própria Unidade, desde a manutenção e conservação, como tarefas nas cozinhas e limpeza da mesma. Já as atividades externas à Unidade, acontecem através de parcerias firmadas entre o Estado, Prefeituras e iniciativa privada, podendo ocorrer dentro da Unidade, onde as empresas se instalam no Parque Industrial da CPAI, ou fora dela, nesse caso após autorização das autoridades competentes, as empresas ou o próprio Estado ou Prefeitura tornam-se responsáveis por buscar e conduzir o privado de liberdade ao local onde estará efetivando o serviço.

Ao privado de liberdade, além de executar as atividades laborais mencionadas, conta com a oportunidade de realizar cursos profissionalizantes, cujo objetivo está na aquisição de habilitação técnica para que venha conseguir um emprego após o término da pena. Logo, a CPAI efetiva parceria junto ao Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial do Paraná (SENAI/PR) e Serviço Nacional de Aprendizagem Rural do Paraná (SENAR/PR) na busca desse objetivo.

²⁹ Sobre a regulamentação do trabalho ao privado de liberdade, a LEP determina: Art. 28. O trabalho do condenado, como dever social e condição de dignidade humana, terá finalidade educativa e produtiva. § 1º Aplicam-se à organização e aos métodos de trabalho as precauções relativas à segurança e à higiene. § 2º O trabalho do preso não está sujeito ao regime da Consolidação das Leis do Trabalho. Art. 29. O trabalho do preso será remunerado, mediante prévia tabela, não podendo ser inferior a 3/4 (três quartos) do salário mínimo. § 1º O produto da remuneração pelo trabalho deverá atender: a) à indenização dos danos causados pelo crime, desde que determinados judicialmente e não reparados por outros meios; b) à assistência à família; c) a pequenas despesas pessoais; d) ao ressarcimento ao Estado das despesas realizadas com a manutenção do condenado, em proporção a ser fixada e sem prejuízo da destinação prevista nas letras anteriores. § 2º Ressalvadas outras aplicações legais, serão depositadas a parte restante para constituição do pecúlio, em Caderneta de Poupança, que será entregue ao condenado quando posto em liberdade. Art. 30. As tarefas executadas como prestação de serviço à comunidade não serão remuneradas (BRASIL, 1984).

³⁰ É necessário pontuar que apesar do privado de liberdade poder ter contatos externos ao presídio por meio do trabalho, ele continua sendo um presidiário. Logo, vive em um espaço total.

Adentrando no “Espaço Total” da CPAI, há uma guarita onde ficam os agentes penitenciários e outros servidores que cuidam da entrada e saída de pessoas e veículos automotores. Nesse local, todos devem se identificar e aos estranhos à instituição, são realizadas vistorias, após verificação e não encontradas irregularidades, as cancelas são erguidas e o cidadão estará pronto a entrar no espaço da CPAI. Vale lembrar que todo aparelho eletrônico, como por exemplo, máquinas fotográficas e celulares, ficam retidos pela equipe de segurança e guardados em armários identificados por códigos, sendo devolvidos ao final da visita.

Transcorrida esta primeira etapa, ao andar cerca de dois quilômetros por uma estrada de terra cercada por Pinheiros e rodeada por áreas de pastagens, avista-se um estacionamento destinado aos funcionários da CPAI e visitantes. Ao lado deste estacionamento, há uma segunda guarita, onde os seguranças da instituição realizam revistas e zelam pela segurança do local. O visitante novamente deve-se identificar. Passado esta segunda etapa, o visitante está apto a entrar no espaço físico da CPAI.

Entrando na CPAI, o visitante depara-se com a estrutura administrativa e o corpo técnico da unidade. Esta estrutura física abriga distintos departamentos, tais como o departamento jurídico, o departamento social, sala destinada ao atendimento médico e psicológico, sala da direção da unidade, além de outras salas de ordem administrativa. Nos fundos desse prédio principal há a enfermaria, os alojamentos que servem para isolar os privados de liberdade que cumprem algum tipo de sanção disciplinar, além de um alojamento destinado como espaço para a triagem dos novos presos inseridos na unidade.

Em frente à estrutura administrativa e corpo técnico da unidade, separada por uma cerca de tela galvanizada, observa-se que um prédio central constituído por dois pavilhões, um superior e outro inferior, dispostos paralelamente um em relação ao outro. A estrutura do pavilhão superior abriga os alojamentos, ou seja, as celas dos detentos. Quanto ao pavilhão inferior, são encontrados dois alojamentos, espaço destinado à equipe de segurança, refeitório, salas de aula e sala destinada à equipe pedagógica.

Espaços como quadra coberta poliesportiva, campos de futebol, sala de lutas marciais, academia ao ar livre, capela ecumênica, galpões das empresas privadas e públicas de metalurgia, artefatos de concreto, marcenaria, serraria,

reciclagem, entre outras, também são percebidos na CPAI, ao fundo do prédio central.

A rotina dos detentos da CPAI é iniciada por volta das seis e oito horas da manhã, sendo estes alocados às atividades laborais encontradas no interior do complexo penal, ou as atividades externas da unidade, ou seja, através das parcerias firmadas entre Estado e Prefeituras Municipais, principalmente dos municípios da Região Metropolitana de Curitiba (RMC).

No interior do prédio central da CPAI ficam poucos indivíduos. Os que permanecem, desenvolvem atividades de limpeza e manutenção da unidade penal, cursando a Educação de Jovens e Adultos (EJA) ou realizando cursos profissionalizantes. Aqueles que por ventura não estejam nas atividades laborais ou estudando, realizam atividades no pátio lateral onde estão localizados os espaços esportivos e de lazer ou participando dos cultos na capela ecumênica.

Vale ressaltar que a locomoção no prédio principal é permitida somente nos horários estipulados para as refeições e durante o repouso ao anoitecer, cujo horário inicia-se a partir das dezesseis horas. Neste momento todos os internados e seus pertences, sem exceções, são revistados.

Nos finais de semana acontecem às visitas familiares e ao internado há a garantia da circulação livre entre o prédio central, onde ficam os alojamentos, os espaços de lazer e religião, sempre com a supervisão da equipe de segurança da unidade.

Ao final do dia, as revistas pessoais para o recolhimento dos apenados à cela, seguem o protocolo de disciplina e rigidez, pois, por tratar-se de unidade semiaberta, há diversos casos de apreensão de drogas, aparelhos de celulares e objetos ilícitos. São evidenciados, também, fugas e evasões que ocorrem frequentemente.

A CPAI, em atendimento à legislação vigente, não se configura como de segurança máxima, mas como local de ressocialização do apenado para uma futura inserção à sociedade, além das concessões via portaria judicial que permitem o privado de liberdade sair temporariamente da unidade penal.

Quanto ao perfil dos assistidos pela CPAI, (TABELA 4), pode-se inferir e observar distintas peculiaridades.

TABELA 4 – PERFIL DOS ASSISTIDOS PELA CPAI EM 01/05/2016

| DISTRIBUIÇÃO GERAL POR | CARACTERÍSTICA | QUANTIDADE | % |
|----------------------------|---------------------------------|------------|-------|
| Gênero | Masculino | 1322 | 100 |
| Faixa Etária | 18 a 21 anos | 103 | 7,80 |
| | 22 a 24 anos | 190 | 14,37 |
| | 25 a 29 anos | 295 | 22,31 |
| | 30 a 34 anos | 273 | 20,65 |
| | 35 a 45 anos | 316 | 23,90 |
| | 46 a 59 anos | 119 | 9,00 |
| | 60 a 69 anos | 23 | 1,75 |
| | 70 ou mais | 3 | 0,22 |
| Nacionalidade | Brasileiro nato ou naturalizado | 1318 | 99,7 |
| | Estrangeiro | 4 | 0,3 |
| Escolaridade | Analfabeto | 12 | 0,90 |
| | Paraná Alfabetizado | 7 | 0,52 |
| | 1º ao 5º ano Incompleto | 100 | 7,56 |
| | 1º ao 5º ano Completo | 39 | 2,95 |
| | 6º ao 9º ano Incompleto | 797 | 60,2 |
| | 6º ao 9º ano Completo | 53 | 4,0 |
| | Ensino Médio | 178 | 13,46 |
| | Incompleto | | |
| | Ensino Médio Completo | 114 | 8,62 |
| | Ensino Superior | 15 | 1,14 |
| | Incompleto | | |
| | Ensino Superior | 6 | 0,45 |
| | Completo | | |
| | Especialização | 1 | 0,07 |
| Estudando e/ou Trabalhando | Não estuda e não trabalha | 131 | 9,9 |
| | Não estuda e trabalha | 398 | 30,1 |
| | Estuda e trabalha | 616 | 46,6 |
| | Estuda e não trabalha | 177 | 13,4 |
| Resultado da Pena | Condenado | 685 | 51,8 |
| | Provisório | 637 | 48,2 |
| Gravidade do Crime | Não Informado | 836 | 57,5 |
| | Crimes sem Violência | 250 | 17,2 |
| | Crimes Violentos | 369 | 25,3 |
| Tipo do Crime | Não Informado | 527 | 39,86 |
| | Roubo | 258 | 19,51 |
| | Homicídio | 100 | 7,56 |
| | Tráfico de Drogas | 91 | 6,88 |
| | Furto | 66 | 4,99 |
| | Porte de Armas | 28 | 2,11 |
| | Estupro | 28 | 2,11 |
| | Atentado Violento ao Pudor | 26 | 1,96 |
| | Aumento de Pena | 23 | 1,73 |
| | Sedução | 22 | 1,66 |
| | Presunção de Violência | 19 | 1,43 |
| | Falsa Identidade | 16 | 1,21 |
| | Receptação | 16 | 1,21 |
| | Quadrilha | 15 | 1,13 |
| | Porte Ilegal de Armas | 14 | 1,05 |
| | Associação ao Tráfico | 14 | 1,05 |
| | Sequestro e Cárcere | 11 | 0,83 |
| | Corrupção de Menores | 9 | 0,68 |
| | Ocultação de Cadáver | 8 | 0,60 |

TABELA 4 – PERFIL DOS ASSISTIDOS PELA CPAI EM 01/05/2016

| DISTRIBUIÇÃO GERAL POR | CARACTERÍSTICA | QUANTIDADE | Conclusão |
|------------------------|----------------------------|------------|-----------|
| | | | % |
| Tipo do Crime | Extorsão | 4 | 0,30 |
| | Constrangimento | 4 | 0,30 |
| | Falsificação de Documentos | 3 | 0,22 |
| | Disparo de Arma de Fogo | 3 | 0,22 |
| | Lesão Corporal | 3 | 0,22 |
| | Estelionato | 1 | 0,07 |
| | Ameaça | 1 | 0,07 |
| | Dirigir Alcoolizado | 1 | 0,07 |
| | Falsidade Ideológica | 1 | 0,07 |
| | Assédio Sexual | 1 | 0,07 |
| | Vilipêndio a Cadáver | 1 | 0,07 |
| | Pornografia Infantil | 1 | 0,07 |
| | Tortura | 1 | 0,07 |
| | Corrupção Ativa | 2 | 0,15 |
| | Lei de Crimes Hediondos | 2 | 0,15 |
| | Uso de drogas | 2 | 0,15 |

FONTE: Adaptado do DEPEN (2016).

Além do mais, as características evidenciadas na CPAI refletem, de forma geral, algumas das realidades encontradas nas penitenciárias, carceragens e delegacias de todo o Brasil. O tráfico de drogas, homicídios, roubos, assédios, estupros, enfim, são alguns dos exemplos mais específicos que configuram o contexto dos apenados do sistema penal brasileiro, características estas que acabam refletindo a problemática social em que muitos desses apenados estão imersos, além de especificar as realidades socioculturais e sociodemográficas desses indivíduos.

As informações explicitadas trazem à tona o panorama acerca da situação daqueles que infringem a lei, além de atestar, principalmente, as fragilidades do sistema prisional, as condições de vida, a falta de julgamento, as péssimas condições do espaço de ocupação, enfim condições estas que acarretam, segundo Goffman ([1961] 2013,) a “Mortificação do Eu” do privado de liberdade, explicitado anteriormente.

Nesse sentido, há a necessidade de políticas públicas que possibilitem dentro dos presídios, carceragens e cadeias a efetivação de mecanismos mais humanizados e que promovam a integração dos indivíduos privados de liberdade quando estes retornarem à sociedade. Para tanto, criar diretrizes para esta finalidade tornam-se essenciais.

São esses indivíduos que possuem uma vida exterior para além dos muros das prisões, esquecidos muitas vezes pela sociedade, que estão ocupando gradativamente o sistema prisional. É nesse contexto de dor, angústia e sofrimento que a religião nos espaço prisional surge, não para cumprir meramente as legislações vigentes, mas para ir além do espaço do cárcere, atingindo a essência da natureza simbólica do homem por meio do sentido que a religião pode trazer a todos os indivíduos sejam eles cidadãos livres ou privados de liberdade.

Nessa perspectiva, a metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman torna-se um expoente à compreensão da religião em Instituições Totais, pois o palco cotidiano enquanto Espaço Total, projeta através da religião, uma espacialidade que pode ser analisada pelos categoriais dramatúrgicos goffmanianos de representação de cada indivíduo em seu contexto, que aqui será exposto pelo cotidiano daqueles que estão em privação de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

4.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Na perspectiva da Geografia Social os estudos que envolvem o tema cotidiano delimitam o campo das questões sociais. Logo, as espacialidades que ocorrem no dia a dia podem ser compreendidas enquanto elemento constituinte do “palco cotidiano”. (GOFFMAN, [1959] 2005). À vista disso, o espaço, enquanto teoria social, permite a análise das relações sociais entre os indivíduos em suas estruturas sociais, inclusive dentro de estabelecimentos penitenciários.

Na Geografia, algumas pesquisas com o tema “presídio”, foram realizadas, (ARRUDA, 2006; ZOMIGHANI JR, 2009; FIORAVANTE, 2011; ARRUDA, 2015), porém sem investigar a espacialidade religiosa neste espaço. Desta maneira, sabendo dos múltiplos sentidos que a religião assume dentro de Unidades Prisionais (SCHELIGA, 2000; GUSMÃO, 2011; OLIVEIRA, 2012; LIVRAMENTO, 2012; SANTANA, 2013; ANDRADE, 2014), e as perspectivas que o campo da Geografia Social possibilita, provocou o interesse pela compreensão da religião para o indivíduo privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

Assim, aproximamos o método monográfico e a metodologia dramatúrgica de Erving Goffman ao discurso geográfico, transpondo o categorial espaço ao espaço do cotidiano goffmaniano.

Nesse pressuposto, Erving Goffman, através do método monográfico³¹, ou seja, o estudo de caso em profundidade de pequenos grupos, em que o olhar recai sobre as representações dos indivíduos, amplia a possibilidade de estudar a vida social e cultural em distintos espaços. Isto posto, Goffman ao fazer uso da Metáfora Teatral, a partir do método monográfico, pode auxiliar na identificação das espacialidades que a religião assume dentro de uma Unidade Prisional.

Consequentemente, o conceito de Instituição Total defendido pelo autor indagou a existência de um “Espaço Total”, espaço este de coerção, sofrimento, solidão e represálias, onde a religião configura uma espacialidade que pode ser apropriada pelos estudos geográficos, a partir da metodologia goffmaniana.

Por conseguinte, nossa pesquisa foi estruturada a partir de cinco questões norteadoras:

1. Identificar o sentido da Religião para o privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI);
2. Propor uma Geografia Social a partir da Metodologia de Erving Goffman, categorizando o espaço enquanto espaço cotidiano e espaço total;
3. Aplicar a metodologia goffmaniana na compreensão da espacialidade da religião para o indivíduo privado de liberdade;
4. Caracterizar a espacialidade da Religião no cotidiano do cárcere;
5. Identificar os papéis de representação dos detentos no palco cotidiano carcerário através da Religião.

Nesse sentido, utilizamos metodologias qualitativas da observação participante, através da análise dramática de Erving Goffman e a técnica de entrevista para atender às questões norteadoras da pesquisa.

³¹ O método Monográfico foi criado por Le Play, que o empregou ao estudar famílias operárias na Europa. Partindo do princípio de que qualquer caso que se estude em profundidade pode ser considerado representativo de muitos outros ou até de todos os casos semelhantes, o método monográfico consiste no estudo de determinados indivíduos, profissões, condições, instituições, grupos ou comunidades, com a finalidade de obter generalizações. A investigação deve examinar o tema escolhido, observando todos os fatores que o influenciaram e analisando-o em todos os seus aspectos. (LAKATOS; MARCONI, 2010, p. 90).

a) Quanto à observação participante:

Nesta etapa o pesquisador-observador adentrou no palco cotidiano do Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, permanecendo alguns momentos entre o grupo de apenados que participavam dos cultos religiosos, observando de forma espontânea o desenrolar das cenas cotidianas, onde foram colhidas informações sobre as ações destes indivíduos em relação à espacialidade da religião, descritas no quinto capítulo da presente dissertação intitulado: *Agora estou no Paraíso, este é o lugar da Salvação: Cenas cotidianas na capela da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.*

A opção pela observação participante justifica-se, pois “a observação de fatos, comportamentos e cenários é extremamente valorizada pelas pesquisas qualitativas” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 164). Ademais, esta possui pontos favoráveis à condução da compreensão dos fatos cotidianos, sobretudo os que ocorrem no cotidiano do Espaço Total, onde o desenrolar da pesquisa está inserido. Esses pontos favoráveis nas palavras de Alves-Mazzoti e Gewandszajder (2004) podem ser assim elencados

a) independe do nível de conhecimento ou da capacidade verbal dos sujeitos; b) permite “checar”, na prática, a sinceridade de certas respostas que, às vezes, são dadas só para “causar boa impressão”; c) permite identificar comportamentos não intencionais ou inconscientes e explorar tópicos que os informantes não se sentem à vontade para discutir; e d) permite o registro do comportamento em seu contexto temporal-espacial. (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 2004, p. 164).

Além dos pontos favoráveis destacados, podemos ressaltar, conforme Marconi e Lakatos (2010), que a inserção do pesquisador na comunidade ou grupo é a marca principal da observação participante. Dessa maneira, a observação participante propiciará a verificação dos comportamentos a serem observados e relatados da forma como ocorrem no Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, visando descrever e compreender o que está acontecendo na situação em que está posta.

b) Quanto à análise dramática:

Tendo em vista que a análise dramática é uma ferramenta que favorece o entendimento das interações dentro de limites físicos, utilizaremos para a compreensão das estruturas da espacialidade da religião na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, a terminologia dramática goffmaniana de forma adaptada, definindo palcos, atores, papéis, fachadas, bastidores e os mecanismos de representação do homem no espaço cotidiano da Instituição Total. (GOFFMAN, [1959] 2005, [1961] 2013).

Esses categoriais serão utilizados na descrição da observação participante e resultado das entrevistas com os assistidos da CPAI. Nas palavras de Marconi e Lakatos (2010, p. 90) “A vantagem do método consiste em respeitar a “totalidade solidária” dos grupos, ao estudar, em primeiro lugar, a vida do grupo na sua unidade concreta, evitando, portanto, a prematura dissociação de seus elementos”.

c) Quanto às entrevistas:

Para a apreensão do sentido da religião para o privado de liberdade da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, em coesão a observação participante e a análise dramática goffmaniana, optamos pela entrevista semi-estruturada aberta, sobretudo por esta apresentar inúmeras vantagens, conforme ressaltam Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2004) e Marconi e Lakatos (2010).

Segundo Alves-Mazzotti e Gewandsznajder (2004, p. 168) “Por sua natureza interativa, a entrevista permite tratar de temas complexos que dificilmente poderiam ser investigados adequadamente através de questionários, explorando-os em profundidade”. Os autores afirmam ainda que o caráter pouco estruturado das entrevistas sem um fraseamento e rigidez estabelecida para as perguntas assemelha-se a uma conversa o que favorece o investigador compreender o significado atribuído pelos sujeitos a eventos, situações, processos ou personagens que fazem parte de sua vida cotidiana.

Não o bastante, Marconi e Lakatos (2010) ressaltam as vantagens das entrevistas em relação a quem está pode ser aplicada, a sua flexibilização, as condutas a ser exploradas e compreendidas, a maneira da obtenção e aquisição das informações, as particularidades que podem ser revistas, as possibilidades de

interpretação, os significados atribuídos aos discursos. Afirmam os autores que a entrevista:

Pode ser utilizada com todos os segmentos da população; fornece uma amostragem muito melhor da população geral; há maior flexibilidade, podendo o entrevistador repetir ou esclarecer perguntas, formular de maneira diferente; especificar algum significado, como garantia de estar sendo compreendido; oferece maior oportunidade para avaliar atitudes, condutas, podendo o entrevistado ser observado naquilo que diz e como diz; dá oportunidade para a obtenção de dados que não se encontram em fontes documentais e que sejam relevantes e significativos; há possibilidade de conseguir informações mais precisas, podendo ser comprovadas, de imediato, as discordâncias; permite que os dados sejam quantificados e submetidos a tratamento estatístico. (MARCONI; LAKATOS, 2010, p. 181).

Dessa maneira, a partir de um roteiro de entrevista semi-estruturada aberta, (APÊNDICE 1), 12 (doze) indivíduos em privação de liberdade da CPAI foram entrevistados. Assim, para alcançarmos as questões norteadoras da referida pesquisa, escolhemos três perfis³² distintos de indivíduos em privação de liberdade para a realização da entrevista:

- (A) Aqueles que praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mantendo a mesma prática religiosa dentro da CPAI, os *Atores Veteranos de Conversão*;
- (B) Aqueles que não praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mas que se converteram à religião dentro da CPAI, os *Atores Convertidos dentro da CPAI*;
- (C) Aqueles que não praticam nenhuma religião dentro da CPAI, os *Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-pessoa”*.

É importante frisar que entrevistamos 4 (quatro) indivíduos em privação de liberdade da CPAI para cada perfil classificado (A, B e C). Logo, os três perfis distintos de assistidos pela CPAI serão apresentados nas entrevistas dispostas no sexto capítulo dessa dissertação intitulado: *Presos no cárcere, livres na Fé: o*

³² Ressaltamos que a classificação em três perfis distintos ocorreu como resultado da observação participante, imprescindível para atingirmos às questões norteadoras da pesquisa, além de revelar distintos “atores”, com seus papéis de representação, como é o caso dos entrevistados classificados no item (C) chamados de “Não-pessoa”, (GOFFMAN ([1959] 2005, p. 141) “Indivíduos que desempenham este papel estão presentes durante a interação, mas, sob certo aspecto, não assumem o papel nem de atores nem de plateia, nem pretendem ser o que não são”.

sentido da Religião para o privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

É imprescindível destacar que devido o local de pesquisa ser um ambiente de riscos, agimos com discrição para preservar a segurança e identidade de todos os servidores (agentes penitenciários, chefia de departamentos, assistência social) e presidiários da Unidade Prisional que concederam relatos durante os primeiros contatos e reuniões realizadas, assim como nas etapas de observação participante e entrevistas.

Dessa maneira, todos os servidores e presidiários identificados ao longo do texto possuem codinomes, conservando sua identidade real. Não o bastante, para que o método goffmaniano ocorresse de forma real, optamos pela transcrição fiel das falas de todos que concederem relatos e entrevistas.

Ressaltamos ainda e pedimos licença para discorrermos nosso texto em primeira pessoa sobre dois momentos importantes da fase inicial desta pesquisa: o contato inicial, onde solicitamos autorização à Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná (SESP/PR) e ao Departamento de Execução Penal do Paraná (DEPEN/PR) para adentrarmos e efetivarmos a pesquisa com os assistidos da CPAI, e os combinados das visitas que foram tratados com a assistência social da referida unidade.

4.2.1 Contatos iniciais

Às 13 horas do dia 29 de abril de 2016, sexta-feira, em cumprimento aos trâmites legais do Protocolo N.º 13.966.693-3, que versa sobre a autorização à Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná (SESP/PR) e ao Departamento de Execução Penal do Paraná (DEPEN/PR) para a realização de pesquisa de mestrado com os assistidos da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI), o mestrando do Programa de Pós-Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), compareceu a sede da CPAI, em Piraquara, Paraná, para dar ciência ao contido no respectivo protocolado.

Ao chegar à portaria da CPAI, fui barrado por dois agentes penitenciários que questionaram minha presença naquele local. Um deles perguntou: “Você é advogado?”, respondi que não, e me identifiquei como estudante de mestrado da UFPR e que havia comparecido para dar vistas, junto ao Departamento de Recursos

Humanos da CPAI, a um protocolo de autorização para entrar na Unidade Penal para desenvolvimento de pesquisa.

Após revista, os agentes penitenciários explicaram que era proibido entrar com qualquer tipo de aparelho eletrônico, principalmente máquinas fotográficas e celulares. Assim, meu celular ficou retido, logo recebi uma plaquinha de identificação para, após o término da visita, realizar a retirada do mesmo. Os agentes penitenciários informaram que esse procedimento ocorreria todas as vezes que entrássemos na Unidade, pois era uma rotina a ser cumprida para fins de segurança.

Passada essa primeira etapa, as cancelas foram erguidas e pude entrar em meu destino. Dirigi meu carro, cerca de 300 metros, por uma estrada de terra cercada, em ambos os lados, por árvores. Entre as árvores, havia alguns homens capinando e roçando as gramíneas. Eram alguns dos assistidos da CPAI que estavam trabalhando.

Dirigi mais alguns instantes e avistei a entrada da CPAI. Dentro do carro, um frio “bateu na barriga”. Não tinha como desistir, agora era real, tinha que adentrar nesse espaço, tão fora da nossa realidade. A minha frente, havia um estacionamento para visitantes. Estacionei o carro e desci para verificação do resultado do protocolo. Até então, não sabia se havia ocorrido o deferimento do pedido para a realização da pesquisa de mestrado.

Fora do carro, avistei um ônibus que estava parado na entrada da CPAI, onde alguns homens entravam organizadamente em fila. Eram presidiários seguindo para mais um dia de trabalho. Tanto aqueles que estavam dentro do ônibus, como os que aguardavam em fila, fora do ônibus, puseram-se a observar o pesquisador. Fiquei ali parado à espera, até que todos subissem. Assim, o ônibus deu a partida e seguiu seu itinerário.

Após, passei novamente por uma guarita. Ali haviam três agentes penitenciários, estes questionaram a minha presença. Informei que necessitava comparecer ao setor de Recursos Humanos (RH) da Unidade para assinar um protocolo. Logo, a entrada foi permitida. Perguntei onde era esse local e fui orientado a seguir em frente e falar no prédio administrativo, adiante.

No trajeto, uma Kombi oficial do governo do Estado do Paraná estava estacionada e alguns assistidos da CPAI descarregavam colchões e levavam para dentro da Unidade Penal. Questionei um agente penitenciário encarregado de cuidar

desta organização e o mesmo disse que era para abrigar contra o frio e entregar a novos detentos, visto que nos últimos dias o frio estava intenso na região.

Ao chegar ao prédio administrativo fui recebido por uma assistente administrativa, me apresentei e pedi informações sobre a localização do RH. A assistente administrativa solicitou que seguisse em frente e circulasse ao redor da Unidade, após avistaria uma sala identificada com a placa Recursos Humanos.

Assim o fez e cheguei ao destino. A porta estava entre aberta, percebi que havia alguém ali. Bati na mesma e um homem veio atender. Era o responsável pelo RH, que estava com o protocolado. Após cumprimento, o mesmo, meio tímido, entregou o protocolo e informou que deveria realizar a leitura das informações expostas, dando ciência, em seguida, ao contido. Depois disso, informou que apresentaria o pesquisador ao Chefe Diretor da CPAI.

Apreensivo quanto ao resultado, folheei o protocolado, avistei os documentos anexados: Ofício N.º 04/2016, (ANEXO 1), emitido pela Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGGeografia) da UFPR e requerimento do interessado, ambos solicitando autorização de entrada do pesquisador na Unidade Penal para assistir aos cultos e coletar dados para subsidiar a pesquisa, além da cópia do projeto de pesquisa.

Continuei a folhear o protocolo, às folhas 16 e 17 estava a Informação N.º 03/2016, (ANEXO 2), emitida pela Divisão de Educação e Produção/DEPEN/SESP – PR, endereçada à Coordenação de Educação, Qualificação e Profissionalização de Apenados/DEPEN, onde explicitava as informações do Ofício N.º 04/2016 PPGGeografia UFPR, requerimento do interessado e um resumo do projeto de mestrado.

De acordo com a Informação N.º 03/2016, o parecer foi favorável ao atendimento do pleito em questão, porém expôs em nota que o solicitante deveria se atentar aos Artigos 153 e 154 do Código Penal brasileiro:

Art. 153 – Divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem: Pena – detenção, de um a seis meses, ou multa. Art. 154 – Revelar alguém, sem justa causa, segredo, de que tem ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a outrem: Pena – detenção, de três meses a um ano, ou multa. (BRASIL, 1940).

Prosseguindo a leitura do Protocolo N.º 13.966.693-3, à folha 18, a Coordenação de Educação, Qualificação e Profissionalização de Apenados/DEPEN, (ANEXO 3), encaminhou o mesmo à Direção da CPAI para conhecimento do contido. À folha 19, através do Despacho N.º 12/2016, (ANEXO 4), o Diretor da CPAI, deferiu o pedido e encaminhou à Direção do DEPEN/PR, informando que o solicitante agendasse previamente os dias para a realização das atividades na Unidade Penal.

À folha 20, (ANEXO 5) o Diretor do DEPEN/PR ratificou a autorização e destacou que os resultados da pesquisa deveriam se prestar exclusivamente à instrução de tese de mestrado, ressaltando que a divulgação em eventos ou publicação só poderia ocorrer mediante autorização do DEPEN/PR.

Informou ainda que a CPAI deveria realizar as tratativas junto ao interessado, observando as rotinas de segurança da Unidade e por fim, que aguardaria a conclusão da referida pesquisa. Na mesma folha, o Diretor da CPAI deu ciência ao contido e informou ao RH da Unidade que agendasse reunião com o solicitante para dar ciência ao respectivo protocolado.

Desde a data de formalização do protocolo, 22 de fevereiro de 2016, até a data de finalização do mesmo, 27 de abril de 2016, foram exatos 66 dias de espera, entre tensão, angústia e incerteza quanto ao resultado da solicitação. Todos os dias acessava a ferramenta consulta ao protocolo no site do Portal do Servidor do Estado do Paraná, ferramenta está disponibilizada pelo Governo do Paraná, para acompanhar a tramitação de protocolos.

Após o interessado dar ciência ao contido no protocolo, o responsável pelo RH encaminhou o pesquisador à sala do Diretor da Unidade Prisional, onde fui recebido com extrema gentileza. O pesquisador explicitou os objetivos da pesquisa e os procedimentos metodológicos que seriam adotados. O Diretor da Unidade relatou a importância da Religião para quem está na condição de privação de liberdade e prontamente se dispôs contribuir com todos os procedimentos necessários para o sucesso da pesquisa.

Ao término da reunião, que durou cerca de trinta minutos, o Diretor da CPAI com presteza e atenção, solicitou ao responsável pelo RH que acompanhássemos e apresentássemos ao chefe de segurança da CPAI. Assim o fez, ficando acordados os procedimentos de segurança com o pesquisador. Logo, o chefe de segurança informou que um agente penitenciário acompanharia nossa permanência na

Unidade. Conversamos cerca de trinta minutos e o responsável pelo RH solicitou ao chefe de segurança que um agente penitenciário acompanhássemos até a Capela Ecumênica para que familiarizássemos com o espaço, afinal ali seria o “cenário cotidiano” de pesquisa. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Na Capela Ecumênica fui apresentado a um presidiário, chamado Douglas, responsável pelo cuidado do espaço. Douglas informou que estava concluindo sua missão na Capela e que nos próximos dias não estaria mais ali. Não o questionei, visto que o objetivo naquele momento era apenas de reconhecer o espaço da Capela Ecumênica.

Dentro da Capela, canções gospel tocavam sem parar uma após a outra, bíblias estavam sobre as cadeiras e alguns presos estavam ali. Com a presença do agente penitenciário, percebi que os assistidos da CPAI se afastaram, chegando inclusive a sair da Capela. O comportamento apresentado evidenciou que não há uma boa relação entre a “equipe dirigente” e os “internados” desta “Instituição Total”. (GOFFMAN, [1961] 2013).

Ficamos na Capela Ecumênica cerca de quinze minutos, e, em seguida, o responsável pelo RH disse que tinha que me apresentar a assistente social da CPAI, pois toda tramitação, a partir de agora, seria com ela. Saímos da Capela Ecumênica e fomos até a sala da assistência social, no caminho passamos ao lado do presídio, um barulho inexplicável soava de lá, a sensação era de angústia, dor e sofrimento.

Questionei-me, como em um mesmo espaço há lugares diferentes. Dentro da Capela Ecumênica pairava um som de paz e tranquilidade e em poucos metros, dentro do presídio, o verdadeiro “som do inferno” era emitido. Logo percebi que esta era uma das características desse Espaço Total. A partir disso, pude compreender e fazer uma alusão ao conceito de “cenários fixos e cenários móveis” que Goffman ([1959] 2005) enfatizava, conforme explicitado no segundo capítulo.

Chegando à sala da assistência social, fomos informados que a responsável não se encontrava. Uma secretária do setor disse que a assistente social da CPAI, foi participar de uma reunião em outra Unidade Prisional. Assim, ficou acordado com o responsável do RH que estaríamos entrando em contato posteriormente com a assistente social para agendamento das atividades a serem desenvolvidas. Após, agradei ao atendimento e despedimos ao final. Às 16h30 deixei para trás a CPAI, com um sentimento de conquista, afinal conseguir uma liberação para pesquisar dentro de uma Unidade Prisional, era uma vitória.

4.2.2 Combinados das visitas

Após contato telefônico com o setor de assistência social da CPAI, foi agendada uma segunda visita para tratar dos procedimentos que estariam norteando a entrada e desenvolvimento da pesquisa de mestrado. Em uma típica tarde gelada curitibana, às 13h35, do dia 18 de maio de 2016, cheguei à portaria da CPAI.

Depois de uma revista efetuada pelos agentes penitenciários, me dirigi ao estacionamento e adentrei na área livre da Unidade Penal onde os internos ficam soltos para o desenvolvimento de diversas atividades. Ao entrar na área comum da Unidade, um rapaz cruzou em minha direção, a princípio continuou a andar, em seguida, uma palavra soou, de forma branda e baixa: *“Oi doutor, você é advogado?”*. Um silêncio pairou. Um segundo questionamento ocorreu: *“Você é advogado?”*. De imediato respondi: *“Não, não sou!”*. Após responder, o rapaz baixou a cabeça e continuou a andar, seguindo o seu destino.

Continuando nosso itinerário, não deixamos de observar as “cenas cotidianas” que estavam ocorrendo nos diversos “cenários” da “Instituição Total” pelas representações dos “atores”, aqueles que estão na condição de privação de liberdade na CPAI, e a “equipe dirigente”, ou seja, os funcionários da Unidade. (GOFFMAN, [1959] 2005; [1961] 2013).

Em banquinhos, ao redor dos canteiros dos jardins, alguns internos se aqueciam ao sol da tarde; na quadra coberta, ao lado das salas de aula, pertencentes ao Centro Estadual de Educação Básica para Jovens e Adultos – CEEBJA Dr. Mário Faraco, uma partida de futebol ocorria. Aliás, os ânimos estavam exaltados, os internos estavam entusiasmados com uma partida de futebol.

Enquanto isso, nas imediações da administração central da Unidade, alguns internos limpavam os jardins e canteiros, outros entulhavam os restos de material orgânico, e alguns conversavam entre si formando pequenas aglomerações. Quanto aos servidores públicos da Unidade, estes desempenhavam as atividades laborais cotidianas. Enfim, um clima de tranquilidade transcorria normalmente.

A seguir, ao chegarmos à sala da assistência social, aguardamos alguns minutos, pois a servidora responsável pelo atendimento religioso da Unidade estava atendendo um interno. Concluído tal atendimento, fui recebido de forma atenciosa em todos os instantes pela assistente social, chamada de Melissa. Aliás, todos os

funcionários da Unidade, em todos os momentos foram cordiais, prestativos e atenciosos com o pesquisador.

Em uma conversa formal com Melissa foi apresentada a intenção de pesquisa e pontuados os procedimentos metodológicos da mesma. Este último item, foi tratado especificamente sobre as observações que seriam realizadas durante os cultos que ocorrem durante a semana e finais de semana e as entrevistas que ocorreriam com alguns dos assistidos da CPAI.

De posse do protocolo de N.º 13.966.693-3, que trata do pedido de autorização para a realização da pesquisa, Melissa informou que todos os trâmites de entrada e atividades a serem desenvolvidas pelo pesquisador deveriam ser informados a mesma, principalmente os dias de visitas, pois tinha que repassar à portaria e segurança da Unidade uma autorização para entrada, trânsito e saída da CPAI. Assim, ficou acordado que quando o pesquisador necessitasse adentrar no espaço da CPAI, antecipadamente entraria em contato via telefone para agendar os dias das observações e entrevistas.

Para fins de conhecimento do pesquisador sobre as diversas denominações religiosas credenciadas³³ à CPAI, Melissa apresentou uma listagem com dez igrejas responsáveis pelos cultos, batismos, orientações religiosas, aconselhamentos espirituais, estudos bíblicos, entre outros procedimentos. São elas:

- Igreja Internacional da Graça;
- Igreja Universal do Reino de Deus;
- Igreja Católica;
- Igreja ABBA de Curitiba;
- Congregação Cristã no Brasil;
- Igreja Missão Cristã;
- Comunidade Evangélica de Curitiba;
- Igreja Deus é Amor;

³³ Para obter o credenciamento é necessário apresentar: Requerimento preenchido e assinado, bem como anotação no verso do requerimento das atividades a serem desenvolvidas pelo membro na Unidade Penal; Carta de apresentação assinada pelo representante legal da entidade religiosa indicando o nome do membro e para qual Unidade Penal irá desenvolver as atividades religiosas; Duas fotografias 3x4 colorida e datada; Fotocópia legível e autenticada da cédula de identidade; Fotocópia legível e autenticada do CPF; Comprovação do Endereço através da fotocópia legível e autenticada da última fatura de (água/lua ou telefone) em nome do membro ou outro expedido por órgão Municipal / Estadual ou Federal desde que contenha a data atualizada. (DEPEN/PR, 2016).

- Igreja do Evangelho Quadrangular;
- Assembleia de Deus Missões;
- Igreja Missão para Cristo.

Não o bastante, Melissa demonstrou um informe sobre os dias e horários semanais de prestação de assistência religiosa pelas Igrejas credenciadas à CPAI, os quais ocorrem da seguinte maneira:

- Segunda à sexta-feira das 16 horas às 18 horas;
- Sexta-feira das 19 horas às 21 horas;
- Sábado das 10 horas às 12 horas, das 14 horas às 16 horas e das 16 horas às 18 horas;
- Domingo das 08h30 às 10 horas, das 10 horas às 12 horas, das 14 horas às 16 horas e das 16 horas às 18 horas.

É importante frisar que a entrada dos religiosos está condicionada a liberação por meio de credenciais, ressalva apenas para os cultos que acontecem na sexta-feira à noite, o chamado “Culto do Refeitório³⁴”, pois além dos credenciados, a assistência religiosa pode ser prestada por indivíduos não credenciados, desde que liberados pelo serviço social da CPAI.

Embora haja um cronograma da CPAI para o atendimento religioso, Melissa relatou que algumas denominações religiosas faltam constantemente. Logo, alguns cultos da Capela Ecumênica são realizados pelos próprios detentos. Vale ressaltar que esse fato foi presenciado pelo pesquisador. O culto que aconteceria hoje, (18/05/2016), terça-feira à tarde, não ocorreu, uma vez que os representantes da Igreja Assembleia de Deus não compareceram na Unidade. Aliás, Melissa disse que essa igreja, apesar de estar credenciada para o atendimento, faltava constantemente durante os cultos semanais.

De forma informal, Melissa relatou algumas situações presenciadas em seu cotidiano de trabalho que merecem destaque. Foi exposto que alguns assistidos da CPAI, voluntários durante a organização dos cultos, são responsáveis pela existência de conflitos internos. Segundo Melissa, há conflitos gerados pela doutrina

³⁴ O culto de sexta-feira é chamado de “Culto do Refeitório” pelos assistidos, pois ocorre sempre no refeitório da CPAI. (O autor, 2016).

que cada indivíduo acredita e a influência que cada um quer exercer sobre os demais privados de liberdade.

Em relação ao exposto, Melissa informou que os próprios presos escolhem quem serão os “voluntários” durante os cultos. Esses escolhidos ficam na função de pregador bíblico, diácono, intercessores religiosos, entre outros “cargos”, até o tempo em que os apenados permitem. Porém, muitas vezes, esse “voluntário” acaba não cumprindo com os seus deveres éticos e morais, visto que prega algo, mas não cumpre com o determinado por si próprio.

Melissa, para exemplificar tal situação, relatou que esse “voluntário” proíbe o consumo de drogas e o uso de celular dentro dos alojamentos, mas, em alguns casos, esse “voluntário” infringe sua própria determinação, caindo assim em contradição. Melissa relatou que pequenos conflitos podem ocorrer entre os apenados em relação às atividades diferenciadas dirigidas pelas Igrejas dentro da Unidade.

Lembrou Melissa de uma situação envolvendo a Igreja Universal do Reino de Deus e um “líder religioso” da Unidade. Segundo Melissa, a referida igreja promoveu uma noite de cinema³⁵ na CPAI, mas esse líder religioso não foi comunicado sobre o que estaria acontecendo. Disse Melissa: *“O líder religioso, indivíduo que controla o que ocorre dentro da Unidade, não gostou de não ser informado sobre o evento. Houve um estresse”*. Melissa não deu maiores detalhes sobre o ocorrido.

Depois de pontuadas todas as situações dentro da sala da assistência social fomos convidados a conhecer alguns espaços da Unidade. Seguimos primeiramente à sala da segurança da CPAI, onde Melissa solicitou que um agente penitenciário acompanhasse para garantir nossa segurança. Em seguida, fomos à Capela Católica, chegando lá, encontramos o cadeado do portão arrombado.

Melissa ficou preocupada, pois segundo ela, infelizmente dentro da Capela Católica e Capela Ecumênica, muitos presidiários escondem celulares, drogas e

³⁵ Mais de 300 presos da Colônia Penal Agroindustrial (CPAI) - unidade de regime semiaberto do Departamento de Execução Penal do Paraná (DEPEN/PR), na RMC, assistiram neste domingo (20), o filme “Os Dez Mandamentos”, exibido em uma sessão de cinema, na quadra poliesportiva da unidade. O evento foi ofertado nos períodos da manhã e tarde. Participaram também familiares dos detentos. A ação foi organizada pela Igreja Universal e contou com o apoio da direção da unidade. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br/modules/noticias/article.php?storyid=105&tit=Mais-de-300-presos-do-regime-semiaberto-assistem-filme-em-sessao-de-cinema>> Acesso em 18 de maio de 2016.

realizam atos sexuais. Ao entrar na Capela Católica algo chamou a atenção de Melissa. Havia uma bituca de cigarro descartada na cruz, aos pés da imagem de Jesus Cristo. Segundo Melissa, provavelmente um presidiário passou por ali, tragou o cigarro, consumiu por completo e descartou o material dentro da Capela Católica.

Mas, o mistério do arrombamento do cadeado ainda preocupava Melissa. Logo, procurou o responsável pela Capela Católica. Seguimos em direção à área dos doentes da unidade e encontramos um senhor, aparentemente de uns sessenta anos de idade, era o responsável pela Capela Católica.

Disse Melissa: *“Sr. Cristiano, o senhor sabe o que aconteceu com o cadeado do portão da Capela Católica?”* Timidamente, o senhor respondeu: *“Tive que estourar o cadeado, pois perdi a chave!”*. Melissa ficou despreocupada, uma vez que o mistério foi resolvido. Fui apresentado ao Sr. Cristiano por Melissa, informando-lhe sobre a pesquisa que estaria fazendo. O Sr. Cristiano disse que em que precisasse estaria ajudando.

Despedimos do Sr. Cristiano e fomos em direção à Capela Ecumênica, um percurso de cerca de 15 metros à frente. Quando estávamos afastados, questionei Melissa sobre o crime do Sr. Cristiano, ela respondeu dizendo que era falsificação de documentos. No caminho até a Capela Ecumênica, éramos observados o tempo todo pelos presos que estavam nas imediações da Unidade Penal.

Ao chegarmos à Capela Ecumênica, Melissa me apresentou a três presidiários que ali se encontravam, estes foram identificados pelo nome de Paulo, Pedro e Elias. Melissa informou que eles eram os responsáveis por toda organização e gerenciamento da Capela Ecumênica. Rapidamente Melissa me apresentou e explicou a pesquisa a ser desenvolvida. Assim, com grande entusiasmo fui recebido.

Paulo, Pedro e Elias se dispuseram auxiliar em todas as etapas. Falavam sempre as expressões: *“Graças a Deus, estamos aqui fazendo a obra do Senhor!”*, *“Estamos aqui na vontade do Pai!”*, *“O Senhor nos libertou!”* e *“Como é bom conhecer Jesus Cristo!”*. Ficamos cerca de 30 minutos na Capela Ecumênica, onde deixei os presos à vontade para se acostumarem com a presença do pesquisador. Falaram sobre como conheceram Jesus, da importância de estarem ali, as vidas salvas, o trabalho na obra de Deus. Não realizei registros, deixá-los à vontade foi nosso objetivo.

Após, nos despedimos. Saímos da Capela Ecumênica e fomos em direção aos portões da Unidade Penal. O agente penitenciário que nos acompanhou despediu-se também. Continuei conversando com Melissa e como última orientação, ela voltou a informar que quando precisássemos entrar na Unidade, que ligássemos previamente para que ela encaminhasse uma autorização à portaria da CPAI para que os agentes penitenciários liberassem nossa entrada. Despedimos e às 17 horas da tarde sai da CPAI.

A partir de agora nossa pesquisa nasceria. A metodologia exposta ganharia vida, o espaço cotidiano da unidade prisional estaria a ser revelado. A espacialidade da religião, que se expressa neste Espaço Total, estaria prestes a se projetar para o conhecimento geográfico. Enfim, nossos anseios e medos internos seriam testados por meio de nosso contato com os apenados da CPAI. Convidamos a todos a adentrarem e vivenciarem as cenas cotidianas do Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

5. AGORA ESTOU NO PARAÍSO, ESTE É O LUGAR DA SALVAÇÃO: CENAS COTIDIANAS NA CAPELA DA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ

As pessoas detidas ou presas não deixam de serem seres humanos, independentemente da gravidade do crime pelo qual foram acusadas ou condenadas. O tribunal ou outro órgão judicial que tratou do caso decretou que elas devem ser privadas de sua liberdade, não que devem perder sua humanidade. (COYLE, 2002).

5.1 DIÁRIO DE CAMPO N.º 01 - ASSISTINDO AO PRIMEIRO CULTO NA CAPELA

Sábado, 21 de maio de 2016, são 13h50 da tarde, transcorrido todo “ritual de interação” pela “equipe dirigente” na portaria da CPAI, ou seja, as revistas efetuadas pelos agentes penitenciários, mais uma vez o pesquisador adentra a “cena cotidiana” e percebe as “representações” dos apenados da Unidade Prisional. (GOFFMAN [1959] 2005; [1967] 2012; [1961] 2013).

Sob diversas “fachadas” os apenados, em um clima totalmente distinto ao que estão acostumados, veem seu “palco do cotidiano” invadido por inúmeros “atores”. (GOFFMAN, [1959] 2005; [1967] 2012). Afinal, o sábado é o momento dos familiares visitarem seus entes, além de muitos apenados estarem de “portaria”.

Ao entrar na CPAI, a rotina daquele espaço estava transformada. Nas áreas livres, sob o sol da tarde, alguns assistidos da Unidade Penal estavam com seus familiares, em sua maioria mães e esposas, credenciadas à visitação. Um verdadeiro banquete ocorria. Refrigerantes, salgadinhos, bolos, bolachas, tortas, enfim, inúmeras sacolinhas com alimentos eram percebidos.

Era nítido o cuidado e atenção que as famílias desprendiam a seus entes em privação de liberdade. Por um instante, perdemos a noção de estarmos dentro de uma Unidade Prisional. Aliás, o piquenique que estava ocorrendo a céu aberto era similar a um dia de sábado em um parque público curitibano.

Seguindo o trajeto, ao longe, pendurado em uma Araucária, avistamos uma placa com os dizeres: *“Capela Ecumênica – Sejam todos Bem Vindos!”*. Era o cenário da pesquisa. Aos arredores das cercas da Capela Ecumênica, banners de algumas igrejas evangélicas enriqueciam este “cenário” e aguçavam a curiosidade dos apenados, estimulando-os a participarem dos cultos, informando sobre a

programação que ocorreria naquele dia e algumas atividades desenvolvidas por estas denominações religiosas.

A Igreja Missão Cristã, em seu banner, expôs a frase bíblica “*A verdade que liberta*” (JOÃO, 8, 36) além de detalhar o trabalho realizado pela igreja através da “Ressocialização de Presidiários e Missões Transculturais”. O banner da Igreja Universal do Reino de Deus convidava todos a participarem dos cultos, enfatizando que “*Jesus Cristo é o Senhor*”.

Em um segundo banner da mesma denominação religiosa, estava especificada a frase “*Programa Momento do Presidiário – diariamente das 20 horas às 21 horas*”, chamando a atenção para a programação direcionada ao ensinamento bíblico para privados de liberdade de duas rádios, Rádio FM 88.5 e Atalaia AM 1170.

Já a Igreja Pentecostal Deus é Amor, além de realizar o convite aos assistidos da CPAI para participação dos cultos, expôs em seu banner o versículo “*Disse Jesus: Eu sou o caminho a verdade e a vida, ninguém vem ao Pai, senão por mim*”. (JOÃO, 14, 6). Além do mais, complementou as informações afirmando que apesar dos assistidos estarem na condição em que se encontram, que Jesus, mesmo assim, os amava.

Entrando na Capela, um som pairava no ar. Sentei em um banco bem atrás, no canto para não ser percebido e atrapalhar as “representações” que ali ocorreriam (GOFFMAN, [1959] 2005). Às 14h15 o culto de sábado estava iniciando. Um rapaz tocando violão entoava louvores. A primeira canção, intitulada “Olha pra Mim” (ANEXO 6), tomou conta daquele local.

Ao todo, seis canções foram entoadas pelo levita³⁶. Nos bancos da Capela, seis presidiários participavam do louvor, cantando e glorificando a Deus. O som funcionava como um convite aos que estavam do lado de fora da Capela. Assim, alguns presos e seus familiares adentravam neste espaço. Outros permaneciam por pequenos instantes e logo se retiravam.

Como diz Goffman ([1959] 2005), nesse jogo de “cenas”, uma chamou nossa atenção. Uma mãe e seu filho presidiário adentraram a Capela. A mãe ajoelhou-se enquanto o filho ficou sentado observando o que ocorreria. A mãe terminou suas

³⁶ Termo utilizado pelos assistidos da CPAI para referir-se àquele que ministra louvores na Capela Ecumênica. O termo Levita refere-se ao indivíduo da tribo de Levi, cujo cargo estava o serviço do templo de Jerusalém. Sacerdote. (FERREIRA, 2015).

orações e sentou-se ao lado do filho. O filho abraçou a mãe e, lentamente, deitou em seu colo, como se fosse uma pequena criança em busca de carinho e proteção.

A mãe chorou ao som do louvor. Passado alguns instantes, o filho deixou a mãe, saiu da Capela Ecumênica, e retornou com uma sacolinha cheia de alimentos e uma garrafa de refrigerante. Provavelmente a mãe levou algumas guloseimas durante a visita do final de semana. Juntos, participaram do culto com os demais assistidos.

Ao término do louvor, o Pastor começou a pregação com uma oração inicial. Solicitou a todos que abrissem suas bíblias. Aliás, estas eram deixadas propositalmente nos bancos da Capela para que todos tivessem acesso. A palavra bíblica trazida pelo Pastor foi a do Livro de Lucas, capítulo 15, versículos 11 a 32, referente à Parábola do Filho Pródigo. Após a pregação, o Pastor informou que aquele momento seria especial, já que aquele sábado seria destinado a Santa Ceia. Dessa forma, o Pastor convidou todos para participar da Ceia. Antes, solicitou ao levita que tocasse e cantasse a canção intitulada “Vem Cear” (ANEXO 7).

Depois da canção, o Pastor pediu ao seu acompanhante, um obreiro, que servisse o Pão e Vinho aos participantes em memória de Cristo como ato profético da Santa Ceia. Neste momento, dois presos não quiseram participar, um deles retirou-se da Capela, os demais foram servidos. Ao final da Ceia, às 15h35, o Pastor encerrou o culto, dando as bênçãos finais e os participantes deixaram gradativamente o espaço da Capela Ecumênica.

Permanecemos dentro da Capela Ecumênica e após alguns instantes, um dos participantes do culto veio em nossa direção. Com um semblante de alegria, era o Sr. Pedro, um dos presos da CPAI, responsável pelo cuidado e organização dos cultos na Capela e que Melissa, a assistente social da Unidade Penal que gerencia a assistência religiosa, apresentou durante a última visitação.

O Sr. Pedro cumprimentou o pesquisador, chamando-lhe de “irmão na fé”. Pedro disse que apresentaria o pesquisador ao Pastor que pregou a Palavra há poucos instantes. Assim o fez. Representando a 4ª Igreja do Evangelho Quadrangular, o Pastor Almir, acompanhado de um Obreiro, chamado de Sebastião, realizaram naquela tarde a pregação da “Palavra de Deus”.

“É uma satisfação levar a Palavra de Deus a este lugar, pois percebo a diferença na vida dos presos, principalmente em relação aos comportamentos apresentados”, disse o Pastor Almir. O Obreiro, o Sr. Sebastião, informou que “O

trabalho realizado pelas igrejas nos presídios devem ser divulgados. As pessoas desconhecem o que as igrejas fazem dentro dos presídios”.

Ambos ficaram felizes com a presença do pesquisador e disseram que estariam dispostos a ajudar em tudo que fosse necessário. Relataram sobre a importância da realização de entrevistas com os Pastores que atendem a CPAI, pois possuem vasta experiência no assunto. Informaram que a dificuldade em realizar trabalhos nos presídios reside no fato de que as pessoas ainda não estão preparadas para o enfrentamento de seus próprios medos, uma vez que o ambiente prisional foge da realidade que os indivíduos estão acostumados.

O Sr. Pedro aproximou-se de e informou que estaria organizando a Capela para o próximo culto, o culto das 16 horas. Nesse momento, o Pr. Almir e o Obreiro Sebastião deixaram a Capela e saíram dizendo que voltariam em breve para realizar outros cultos e que o pesquisador estava convidado para participar outras vezes. Por alguns minutos, o pesquisador ficou dentro da Capela sozinho para perceber o “Palco” e o “Cenário” deste Espaço Total (GOFFMAN, [1959] 2005).

A Capela Ecumênica da CPAI possui diversos espaços e itens que a tornam um lugar acessível para visitantes, pastores, obreiros, privados de liberdade e seus familiares, e, até mesmo, o corpo administrativo da Unidade.

Construída de alvenaria, o espaço interno é composto por um altar, onde há um púlpito, cadeiras para acomodar os pastores, instrumentos musicais utilizados no louvor (violão, teclado e contrabaixo) e microfones. Na parte central, dividida por um corredor, são localizadas as poltronas para aqueles que querem assistir aos cultos.

O teto é bem iluminado. Nas paredes há quatro ventiladores, sendo estes espalhados e bem distribuídos no local. Murais de recados, mesa e livro registro para pedidos de oração, bebedouro, escaninho para acomodar livros de autoajuda e bíblias, também são percebidos. De acordo com Goffman ([1959] 2005) esse seria o “cenário fixo” do palco cotidiano da CPAI.

No espaço externo, há uma área coberta destinada para reuniões e uma piscina para a realização de batismos. Ao perceber o que estava fazendo, Pedro se aproximou e disse que mostraria outros espaços da Capela. Assim, juntos prosseguimos e o Sr. Pedro informou que fazem parte da Capela: uma biblioteca de livros evangélicos, uma cozinha, um banheiro, dois dormitórios, sendo um deles seu, pois, por ser um dos ajudantes e zelar pela Capela, conseguiu o direito de dormir nesse local.

Pedro me convidou para conhecer seu quarto e, por um instante, o medo pairou em meus pensamentos. Incerto sobre o que iria ocorrer, estávamos a sós, mas o ofício fez perder o medo e encarar aquele momento inédito. Entrei no quarto, deixamos a porta aberta e Pedro começou mostrar o pequeno espaço que passava as noites. Em cima de sua cama, três bíblias estavam abertas. *“Leio a bíblia diariamente”*, disse Pedro.

Aos poucos a tensão foi passando, mas continuei próximo à porta. Não realizei questionamentos a Pedro, ele estava entusiasmado, contando sua história de vida. O pesquisador deixou a vontade, dando-lhe apenas a atenção necessária. Pedro disse que era soldado do exército e que realizou diversas viagens fora do Brasil como ajudante humanitário. Recordou, inclusive, de quando foi realizar trabalhos na África. Segundo Pedro, já cumpriu 1/6 de sua pena, de um total de 12 anos de detenção.

Fiquei curioso sobre os motivos que levaram a detenção de Pedro, segundo ele foi culpa das drogas. Pedro relatou que tinha um bom emprego, era evangélico e que conhecia Jesus, mas que passou utilizar drogas e que dali em diante sua via começou a afundar. Lembrou que sua família tinha medo de suas atitudes e comportamentos.

Pedro informou que um dia seu irmão brigou com um rapaz na “rua” e por “se doer pelo irmão”, foi parar atrás das grades. Pedro relatou que um dia saiu de casa, drogado e com vontade de matar alguém, e, justamente naquele dia, encontrou na rua o rapaz que brigou com seu irmão. *“Não pensei duas vezes e dei seis tiros nele”*, disse Pedro.

Após relatar, solicitei disfarçadamente a Pedro que gostaria de conhecer a biblioteca, pois não me sentia à vontade ali com ele. Saímos e o mesmo mostrou a biblioteca que estava repleta de livros evangélicos de autoajuda e aconselhamentos pessoais, além de materiais utilizados pelas igrejas para evangelização dos assistidos da CPAI. Saímos da biblioteca e ficamos conversando dentro da Capela, depois de alguns instantes um preso chamado Elio nos cumprimentou.

Apresentamo-nos e Pedro lhe informou que o “irmão”, no caso o pesquisador, estava ali para colher informações sobre religião. Elio e Pedro a todo instante, falavam da “obra do Senhor”, além de conversarem entre si sobre passagens e versículos bíblicos. Elio justificou que estava na CPAI por cumprimento

da obra de Deus, pois desde pequeno tinha um “chamado” para servir a “Casa do Senhor”.

Enquanto conversávamos, cânticos de louvores eram ouvidos no lado de fora da Capela. Seguimos o som. Era o rapaz que cantou e tocou no louvor que foi realizado pelo Pastor Almir e que, juntamente com outros dois rapazes, estavam tocando violão e cantando músicas evangélicas ao ar livre. Um pequeno louvor ocorria naquele local e alguns expectadores participavam daquele momento de adoração.

Pedro informou que eram presos convertidos e que estes faziam a diferença na Capela, inclusive o rapaz que dirigiu o louvor, pois ele achava-se há pouco tempo na CPAI, e por ser convertido, se prontificou estar à frente do louvor e dar aulas de violão aos demais assistidos. Ficamos ali observando a “cena” cerca de 30 minutos.

Os sons dos cânticos despertavam a curiosidade das pessoas que passavam próximas à Capela. Alguns paravam para ouvir, prestavam atenção e se retiravam. Uma verdadeira confraternização ocorreu naquele local, em meio aos louvores. Afinal, como era o sábado de visitas e muitos assistidos da CPAI receberam seus familiares, que lhes trouxeram “guloseimas”, estes compartilhavam entre si bolachas, tortas, bolos, refrigerantes e sucos.

Em meio a esta cena, um rapaz chamou nossa atenção. Percebendo nossa presença, logo se aproximou. Ao cumprimentá-lo, o rapaz esquivou-se rapidamente. Nesse instante, Pedro realizou uma intervenção dizendo ao rapaz que era um “irmão” que estava ali para pesquisar sobre religião.

“Pensei que fosse um agente penitenciário”, justificou o rapaz, ao perceber que o pesquisador portava um crachá semelhante ao usado pelos agentes penitenciários. O crachá pertencia ao pesquisador e era utilizado para identificação junto à equipe administrativa da Unidade Prisional.

Perguntei seu nome e o mesmo disse que se chamava Robson. Desfeito o mal entendido, Robson informou que entre os presos era proibido cumprimentar um agente penitenciário. *“Esse comportamento pode trazer sérios problemas aqui dentro. Não estou disposto a enfrentar qualquer situação desnecessária”,* disse Robson ao pesquisador. A atitude comportamental demonstra resistência, entre os “atores” e a “equipe dirigente” da CPAI, (GOFFMAN, [1959] 2005), ou seja, os presos e os agentes penitenciários.

Após esse episódio, percebi que passavam das 16h30 e ainda não havia começado o culto das 16 horas. O Sr. Pedro comunicou que a Igreja Deus é Amor tinha faltado. Deixamos os rapazes tocando e cantando os louvores na área do lado de fora da Capela e adentramos a mesma.

Lá dentro, louvores eram tocados. Pedro disse que propositalmente deixava uma música de fundo para que o “clima” na Capela ficasse mais agradável e atraísse mais pessoas. Pedro relatou que esse procedimento se repetia constantemente, sempre das 08 horas da manhã às 18 horas do entardecer.

Na Capela, sentado em um banco, um apenado estava concentrado lendo a bíblia. Enquanto isso, no lado de fora, alguns assistidos conversavam sobre futebol e outras cenas cotidianas ocorriam. Passamos por entre eles e um dos assistidos disse a Pedro que já estava na hora de “subir para a gritaria”, ou seja, retornar para o pernoite nos alojamentos da Unidade Prisional. Ouvindo isso, sussurrou Pedro ao pesquisador: *“Estou no paraíso. Posso passar a noite no dormitório da Capela”*.

Às 17h10 Pedro, o pesquisador e mais um apenado chamado Edison, saíram da Capela e despediram-se. Pedro e Edison seguiram em direção a Unidade Penal para identificação no ponto biométrico, procedimento este padrão, onde todos os apenados devem, obrigatoriamente, realizá-lo antes de adentrarem nos alojamentos. Diante dos fatos relatados o pesquisador deixou a CPAI refletindo sobre as cenas cotidianas observadas naquele dia.

5.2 DIÁRIO DE CAMPO N.º 02 – RELATOS DE FÉ

Sábado, 13 de agosto de 2016, são 14h10 da tarde, adentramos a Unidade Prisional e mais uma vez fomos surpreendidos pelas cenas cotidianas, que hora transcorriam no Espaço Total da CPAI. Naquela tarde, uma partida de futebol acontecia naturalmente e os assistidos da instituição vibravam como crianças em busca da vitória pelo seu time. Em meio à partida, sons de berimbau soavam na Instituição Total. Assim, uma roda de capoeira que ali ocorria, encantava e formava uma aglomeração ao seu entorno, logo os assistidos da Unidade observavam com atenção e curiosidade tal evento.

Não o bastante, risos eufóricos eram percebidos em alguns “cenários” da “Instituição Total”. Estes risos, facilmente identificados, pertenciam a crianças que brincavam alegremente com seus pais no parquinho e gramados da CPAI. Como aquele sábado antecedia o Dia dos Pais, foi concedido pela SESP e DEPEN às famílias, o direito de levarem seus filhos para efetuarem visitas aos pais em privação de liberdade na Unidade Prisional. Assim, por um breve instante, abraços, brincadeiras inocentes, carinho e atenção eram transmitidos pelos pais aos filhos que ali se encontravam.

Prosseguindo em nosso trajeto, chegamos à Capela Ecumênica da CPAI, esta seria tomada em instantes pelos internos que participariam de mais um culto que estava prestes a iniciar. É importante ressaltar que aos sábados dois cultos são realizados, o primeiro às 14 horas e o segundo às 16 horas.

Às 14h15 uma Pastora deu início ao culto, explicando um versículo bíblico. Em seguida, um momento de oração ocorreu, após indagou os participantes do culto se possuíam algum testemunho para compartilharem com os demais. Prontamente, um senhor levantou seu braço e disse que gostaria de compartilhar, o que chamou de “*milagre em sua vida*”. O senhor era um assistido da CPAI e, ao iniciar seu testemunho, informou que libertou-se pela mão Senhor, já que recebeu de Deus a cura de um câncer. Todos, nesse instante, glorificaram e agradeceram a Deus pela cura concedida.

No momento do desenrolar deste “Ritual de Interação”, (GOFFMAN ([1967] 2012), várias pessoas, talvez curiosas com o que estava acontecendo, adentravam e saíam da Capela. Famílias eram percebidas, a exemplo, um casal com sua filhinha de cerca de 4 anos de idade ficaram ali brevemente.

Todos os atores que entravam neste Cenário assinavam um livro de presença que ficava sobre uma mesa, próxima a entrada da Capela. Na porta da Capela, o Sr. Pedro fazia o papel de Diácono, recebendo, cumprimentando e direcionando aos assentos todos os participantes. Não o bastante, sobre os assentos, as bíblias estavam dispostas para aguçar a leitura de quem sentasse naquele banco. Ao todo, 17 assistidos da CPAI participaram do referido culto.

Em meio ao sermão proferido pela Pastora, ouviam-se clamores e exaltações a Deus por todos que ali se encontravam. Naquela tarde, a pregação pastoral enfatizava o poder da oração, a necessidade do amor ao próximo, a

importância do arrependimento, a luta contra perseguições malignas, a cura para a rejeição e sofrimento, além do retorno de Jesus Cristo.

Ao término, a Pastora passou a palavra para um Pastor que a acompanhava, e o mesmo fez um apelo para aquele que quisesse entregar sua vida a Deus que o fizesse naquele momento, aceitando Jesus como *“Único Senhor e Salvador”*. Depois foi realizada uma oração conjunta e todos aceitaram a Jesus em um ato profético coletivo.

Às 15h45 o Pastor encerrou o culto, dando a benção final. Em seguida, todos os participantes começaram a se retirar e saíram dando a *“Paz do Senhor”*. É imprescindível ressaltar que este Ritual de Interação ocorria constantemente entre os assistidos da CPAI, não apenas quando se despediam dos cultos, mas também quando encontravam uns aos outros nos diversos cenários do Espaço Total.

Após o culto, Pedro, o senhor que zela da Capela Ecumênica, quis me apresentar ao Pastor e assim o fez. Conversei brevemente com o Pr. Nelson, Coordenador da Primeira Igreja Evangélica Quadrangular de Curitiba. O Pr. Nelson solicitou que fosse chamado de *“Servo de Deus”*.

O Pr. Nelson disse que realiza trabalhos de evangelismo em presídios desde 1998. *“Percebo uma grande mudança na vida dos assistidos das Unidades Prisionais quando estes se convertem a uma religião”*, disse o Pr. Nelson. Falamos sobre a importância da religião no sistema prisional e o Pr. Nelson informou que *“A assistência religiosa deve ser mantida e divulgada além dos muros das cadeias, visto que ela recupera aqueles que estão fora dos caminhos do Senhor”*.

Enquanto estávamos na Capela Ecumênica, em um conversa informal, um dos participantes do culto dirigiu-se até nós e começou a falar da presença de Deus. Imediatamente recordei que era aquele homem que testemunhou a cura de um câncer no início do culto. O mesmo se ofereceu para conversar com o pesquisador, pois soube que estávamos ali para pesquisar sobre religião.

Assim como Goffman, que mergulhava nas cenas cotidianas e vivenciava as realidade dos atores cínicos e sinceros e suas representações no espaço cotidiano, não perderíamos essa oportunidade. Despedi-me do Pr. Nelson e afastamos para conversarmos. Fomos nos sentar em um banco no fundo da Capela.

Não sabíamos o que nos esperava a partir daquele momento. Aquele homem de aparência simples carregava em seu semblante a dor, o sofrimento e a solidão, talvez acometida pela reclusão do Espaço Total, que nas palavras de Goffman ([1961] 2013) poderia ser considerada a “Mortificação do Eu” do indivíduo quando está imerso em uma “Instituição Total”, ou simplesmente pelas dificuldades e fragilidades que passou em sua vida. Enfim, estaríamos a todo ouvidos para participar desta cena cotidiana.

Assim, Antônio, 46 anos de idade, de forma espontânea relatou sua história de vida, o que faz dentro da CPAI e a importância da religião para o indivíduo que está privado de liberdade. Antônio relatou que sempre residiu em Curitiba, que durante sua infância e adolescência era rebelde e que erros fizeram parte constante de sua vida; lembrou inclusive de um fato ocorrido há cerca de 13 anos atrás onde, em uma briga, levou uma facada, ficando internado em uma Unidade de Terapia Intensiva (UTI), entre a vida e a morte.

Segundo Antônio, por não gostar de obedecer a regras, aos 9 anos de idade, após inúmeros problemas familiares, fugiu de casa e nunca mais retornou ao seu lar. Desde então, não reencontrou mais sua família. *“Nesse período, vivi nas ruas e, inevitavelmente, para sobreviver, comecei a praticar pequenos crimes: furtos, assaltos e roubos”*, disse Antônio ao pesquisador.

De acordo com Antônio, aos 15 anos de idade foi privado de liberdade, onde passou a viver em um reformatório para menores em conflito com a Lei. Ao completar 18 anos, devido à maioridade penal, deixou a Instituição Total, porém retornou ao mundo do crime. Antônio disse que fez parte de uma facção que existia na cidade de Paranaguá, Paraná, chamada por ele de *“Irmãos Metralha”*, cujo objetivo principal era sequestrar pessoas, conseguir o dinheiro do resgate e, em seguida, assassinar a vítima sequestrada.

Segundo Antônio, *“em um sequestro mal sucedido em que houve uma morte”*, acarretou sua condenação no ano de 1989. Em 1997, Antônio disse que foi transferido para a Penitenciária Central do Estado (PCE), no Ahú, em Curitiba, ficando totalmente em Regime Fechado. *“Não vejo outro lugar de referência de lar a não ser a prisão, pois passei minha vida inteira entre as grades”*, relatou Antônio ao pesquisador.

Continuando nossa conversa, Antônio informou que há cerca de 3 anos está “*limpo na presença de Deus*”, ou seja, que se converteu verdadeiramente à Religião Evangélica e que desde então, sempre aos sábados e domingos, realiza evangelismo, prega a palavra de Deus, aconselha todos que estão “*fora dos caminhos corretos*”, e estudos bíblicos. Segundo Antônio, ele “*Cumpra os objetivos de Deus*” e que tem um “*Chamado de Deus*”. Sempre ao relator um fato, dizia que Deus era fiel e por isso que fazia a obra de Deus, levando Sua palavra.

Nesse momento, o pesquisador achou oportuno questionar Antônio em relação ao sentido da Religião para quem está privado de liberdade na CPAI e Antônio, de forma tímida, realizou uma breve explicação.

A Religião é o meio que as pessoas conhecem a verdade. Ela é a saída. Ela existe para que encontremos a saída e para os outros que estão ainda sem esperança. Mostre a esperança através da palavra de Deus. Ela representa Jesus, a solução, nosso testemunho, o sal da terra, testemunho vivo de Deus mudar a sua vida. (ANTÔNIO, 13/08/2016).

Ao término, Antônio complementou sua fala expondo os motivos de sua conversão. Relatou que quando estava livre conheceu sua esposa, mas que ela não poderia ter filhos, uma vez que tinha “*Útero Infantil*”. Porém, devido um “*Milagre de Deus*”, a mesma conseguiu engravidar e juntos tiveram uma filha, Roberta, hoje com 18 anos de idade. Após, com os olhos lacrimejados, Antônio abriu sua bíblia e mostrou a foto de Roberta

Nos momentos em que Antônio não estava envolvido com a “*Obra de Deus*”, informou que trabalhava nas imediações da CPAI, além de realizar serviços laborais externos, principalmente os que possuem parceria com as Prefeituras Municipais de Piraquara e Curitiba. Entre os trabalhos realizados, segundo Antônio, merecem destaque: a restauração de praças, parques e as chamadas academias ao ar livre.

Quando está ocioso, Antônio disse que sempre busca conhecer a Deus, e para isto, realiza orações e leitura da bíblia. Em momento algum interrompi Antônio, o mesmo ficou à vontade, a não ser quando perguntou se o pesquisador poderia ligar para sua esposa. Nesse caso, o pesquisador fingiu não tê-lo ouvido, prosseguindo a transcrição de seus relatos no diário de campo.

Enquanto conversávamos, o culto das 16 horas estava iniciando. Antônio pediu licença ao pesquisador, pois tinha que se retirar para auxiliar o Pastor que estaria *“pregando a Palavra de Deus”* naquela tarde. Despedimos e agradeci a Antônio pelo tempo dispensado.

Continuando nosso roteiro, o pesquisador ficou sentado em um banco dentro da Capela Ecumênica para colher novas observações. Ao lado do pesquisador, sentou-se um rapaz, que logo realizou o seguinte questionamento: *“Você está preso há muito tempo ou você é novato aqui na Unidade?”*. Em seguida, respondemos ao rapaz que não éramos presidiários, mas sim pesquisador da UFPR.

Assim, enquanto o próximo culto iniciava, começamos a conversar, expliquei o que estava fazendo e quais os nossos objetivos. Passado alguns minutos, o rapaz disse que gostaria de *“dar uma entrevista”* ao pesquisador. Respeitamos sua vontade e colhemos alguns relatos espontâneos acerca de sua experiência de vida, a situação no cárcere, sua conversão religiosa e as expectativas que possui para o futuro.

Questionamos seu nome e o mesmo se identificou como João Carlos e que possuía 34 anos de idade. João Carlos disse que era filho de evangélicos e que cresceu em um *“lar cristão”*, dentro dos princípios da doutrina da Igreja Evangélica Quadrangular. *“Aos 13 anos me desviei da igreja, passei a conhecer o mundo: as drogas, o álcool, praticar furtos, uso de arma de fogo e assaltos a bancos”*, disse João Carlos ao pesquisador.

Perguntamos a João Carlos os motivos de sua privação de liberdade e nos informou que cometeu um homicídio em 2005. Neste mesmo ano, segundo João Carlos, foi preso e ficou na cadeia até o ano de 2006, quando foi solto para aguardar a tramitação de seu processo. Ao voltar à liberdade, continuou praticar furtos e a usar drogas. Nas ruas, em 2008, conheceu Jesus, onde começou congregar em uma igreja evangélica. *“Jesus restaurou minha vida”*, disse João Carlos. Após, retornou ao trabalho: *“Abri uma peixaria”*. Porém, devido estar pendente com a justiça, em 2015 foi lhe expedido mandado de prisão.

João Carlos relatou que a partir de 05 de junho de 2015, dentro do presídio, começou fazer trabalhos de evangelismo, iniciando com o batismo de 15 homens privados de liberdade. Lembrou ainda de um momento único, do que ele chamou de *“trabalhar de Deus”*, onde um jovem homicida se converteu.

Tinha um celular na cela em que estava eu. Não era meu, mas fiquei de castigo 34 dias no isolamento. Isso fez com que eu ganhei almas para Deus. Quando sai fui para outra cela. Junto comigo tinha uma rapaz de coração duro, um assassino chamado Cleber Tiller. Era uma noite de sexta-feira, eu presidi a Palavra de Deus que tocou no coração de muitos lá dentro. Deus revelou para mim que o Cleber teria um filho. Falei para ele, e ele disse que sua mulher não poderia ter filhos. Passou um tempo e Cleber foi transferido para outra Penitenciária e 4 meses depois, recebi a notificação que ele entrou em contato com sua mulher e ela estava grávida. Naquela data, Cleber e sua mulher se converteram. Eu pude ver o poder de Deus. (JOÃO CARLOS, 13/08/16).

João Carlos disse que no dia 13 de junho de 2016 saiu do Regime Fechado e foi para o Regime Semiaberto, ou seja, para a CPAI. Nesse tempo, realiza trabalhos evangelísticos dentro dos alojamentos, sendo obreiro na Capela Ecumênica e efetiva alguns batismos. Aproveitamos esse momento e questionamos sobre o sentido da Religião dentro da CPAI e o mesmo realizou um breve comentário.

Acredito que a obra de Deus dentro da prisão é a única solução que pode transformar a vida de um criminoso. Até mesmo chefes de facção como os integrantes do PCC (Primeiro Comando da Capital). Só a Palavra de Deus muda. O sistema carcerário só causa mais revolta. Os juízes e governos devem colocar mais espaço para Pastores dentro das cadeias, e também fazer mais batismo dentro do Regime Fechado. (JOÃO CARLOS, 13/08/16).

Após tal comentário, João Carlos pontuou que possuía um sonho, o de escrever um livro sobre *“as coisas que viu dentro da cadeia e as maravilhas que Deus fez na vida das pessoas dentro da cadeia”*. Em seguida, finalizamos nossa conversa e prosseguimos a assistir o culto que estava ocorrendo.

O único detalhe que João Carlos deixou para relatar no final da conversa foi expor que era irmão de Pedro, o responsável pela Capela Ecumênica, ficamos surpresos com a revelação, visto que Pedro comentou sobre seu irmão no Relato de Campo N.º 01. Às 18h10 o culto fora encerrado. Naquela tarde, 18 pessoas participaram do culto na Capela Ecumênica da CPAI.

5.3 DIÁRIO DE CAMPO N.º 03 – A VERDADE QUE LIBERTA

Sábado, 27 de agosto de 2016, são 08h55 da manhã, estamos à frente da primeira portaria da CPAI, uma imensa fila se forma com a presença de familiares dos assistidos da Unidade Prisional. Constituída em sua maioria por mulheres, estas

traziam consigo sacolas de roupas, comidas, refrigerantes, enfim, mantimentos para seus entes, provavelmente, maridos, filhos, pais ou irmãos.

Sob diversas “fachadas”, a “equipe dirigente”, (GOFFMAN [1959] 2005), ou seja, os agentes penitenciários realizavam os procedimentos de segurança. Os “Rituais de Evitação”, (GOFFMAN [1967] 2012), isto é, as revistas eram feitas em todos, inclusive dentro das sacolas e comidas. Foi possível inclusive observar um agente penitenciário partindo com uma faca os alimentos com o intuito de verificar se haviam irregularidades.

Na portaria do Espaço Total, quando adentrávamos para pesquisar, encontrávamos distintos agentes penitenciários, onde devíamos identificar e informar sobre a autorização de entrada e permanência na Unidade Prisional. Logo, o setor de assistência social da instituição deixava no respectivo espaço tal autorização em duas vias, uma para controle da portaria e outra para que entregassem ao pesquisador.

Em um desses procedimentos, percebemos que nossa presença causou curiosidade entre os agentes penitenciários. Nesse instante, um dos responsáveis pela segurança veio em nossa direção e informou que gostaria de saber um pouco mais sobre a pesquisa. Explanamos a finalidade da entrada na CPAI e o agente penitenciário, que se identificou como Gabriel, relatou que a religião era primordial para a libertação do indivíduo em privação de liberdade e que ela era a verdade que liberta.

Para Gabriel, 48 anos de idade, há 22 anos na função de agente penitenciário, a frase: “*A religião é a verdade que liberta*”, possui um sentido especial, mas que trás para muitos indivíduos na condição de privação uma espécie de “*confusão em seu sentido*”. Segundo Gabriel, muitos assistidos da CPAI compreendem que a religião trás a liberdade antecipada da cadeia, ou seja, que podem sair o quanto antes do sistema prisional.

Para Gabriel, o sentido da religião no sistema prisional tem um caráter corretivo, sendo esta essencial dentro do Espaço Total.

A religião mostra um norte certo ou não em cada doutrina. A cadeia seria uma palma de Deus. O filho que errou lá fora tem dentro da cadeia um tempo de refletir. Seria uma forma de correção. A cadeia sozinha não cumpre com sua função. A religião supri um pouco dessa função. Conheceréis a verdade e Ela vos libertará. (GABRIEL, 27/08/16).

Apesar de não ser nosso intuito, foi interessante observar o olhar deste “ator”, na qual podemos identificá-lo como “não-pessoa”, como nos lembra Goffman ([1959] 2005), pois este participa de forma indireta nas espacialidades da religião dentro deste Espaço Total. Antes de prosseguirmos em nosso trajeto, tivemos a curiosidade de questionar Gabriel em relação a sua religião, visto que o mesmo demonstrou grande conhecimento religioso. Gabriel disse: *“Não sigo nenhuma bandeira, sou apenas cristão”*.

Após conversarmos com Gabriel, seguimos em direção ao itinerário, chegamos à segunda entrada da CPAI e fomos surpreendidos. Sempre entramos na Unidade Penal sem qualquer esforço ou barreira inicial, mesmo depois de passar pelos procedimentos de segurança da primeira portaria, hoje a situação foi um pouco diferente.

Quando chegamos à segunda entrada da CPAI fomos barrados pela equipe de segurança. Consequentemente, tivemos que explicar os motivos de estarmos ali, além de apresentar ao agente penitenciário a autorização concedida pela Direção da CPAI. Após pontuarmos nossas intenções, aguardamos alguns instantes e a segurança entrou em contato com a Chefia de Segurança da CPAI, que nos recebeu e solicitou explicações. Assim o fizemos e entregamos a autorização concedida pela Direção da CPAI para a respectiva entrada na Unidade.

Após verificar a autorização, a Chefia de Segurança informou que reproduziria uma cópia para fins de relatório, procedimento este padrão, onde são expostas todas as ocorrências da referida Unidade. Logo, foi concedida a permissão para a entrada, porém com uma ressalva, foi solicitado ao pesquisador que usasse um crachá de identificação.

Nesse instante, o pesquisador argumentou à Chefia de Segurança o fato de utilizar o crachá, pois no início dos primeiros contatos com os assistidos da CPAI, o mesmo portava crachá institucional da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED/PR) e houve certa repulsão deste por parte de alguns assistidos, visto que confundiram o pesquisador com agente penitenciário, e como não há uma boa relação entre esses pares (agentes penitenciários e assistidos da CPAI), o pesquisador tinha receio da utilização, podendo comprometer os resultados da pesquisa. Dessa maneira, de forma compreensiva, o Chefe de Segurança autorizou a entrada.

Dentro do Espaço Total da CPAI, muitos assistidos estavam no pátio principal em meio a conversas, alguns estavam com suas famílias, enquanto outros aguardavam à espera de familiares. Enfim um clima de ansiedade para uns e felicidades para outros pairava naquele local. Mas, apesar da ocorrência de tais “representações”, era possível ouvir o barulho dentro dos dormitórios. Muitos assistidos da Unidade permaneciam, como diz Goffman ([1959] 2005), em seu “cenário” cotidiano, ou seja, nos alojamentos.

Caminhamos em direção à Capela Ecumênica, espaço das representações cotidianas, e ao chegarmos, deparamo-nos com sons de louvores evangélicos que eram reproduzidos à espera do início do culto que seria realizado às 10 horas daquela manhã.

Dentro da Capela, no altar religioso, estavam 2 assistidos da CPAI dedilhando e afinando os violões para o louvor que seria ministrado. Enquanto isso, outros estavam sentados nos bancos da Capela realizando leituras da bíblia, estas, como sempre, estavam distribuídas propositalmente nos bancos deste espaço para aguçar a curiosidade, levando à leitura. Além do mais, alguns estavam ajoelhados, realizando orações silenciosas, enquanto outros curiosos entravam na Capela e traziam seus familiares para conhecerem o espaço.

Na entrada da Capela Ecumênica, sobre uma mesa, havia um livro Ata para registro dos pedidos de orações dos visitantes. Ao lado desse livro Ata, alguns panfletos com informações religiosas estavam dispostos. A exemplo, estava o informativo de uma rádio gospel intitulada “Rádio BBN, 92.3 FM”. Neste panfleto duas informações chamavam a atenção.

A primeira era a identificação de um versículo bíblico que trazia a seguinte reflexão *“Na verdade te digo que aquele que não nascer de novo, não pode ver o reino de Deus”*. (JOÃO, 3, 3). A segunda, a partir dessa reflexão, aos atores cínicos ou sinceros, (GOFFMAN [1959] 2005), da CPAI, incumbia à responsabilidade, se assim o quisessem, de completar a respectiva frase: *“Se eu morrer hoje, a minha alma irá para o _____”*.

Assim, a cada uma caberia seu veredito, sua sentença, o verdadeiro sentido da religião para o indivíduo privado de liberdade. Poderíamos inclusive mencionar, a configuração das representações da espacialidade religiosa que ocorre neste Espaço Total.

Às 10h05min o culto daquela manhã foi iniciado por uma Pastora que se identificou pertencente à Igreja Assembleia de Deus, estando esta acompanhada por uma Missionária Cristã. Uma oração inicial foi feita. Em seguida, cânticos tradicionais, quer dizer, Hinos da Harpa Cristã foram entoados. Com grande entusiasmo os “atores”, Goffman ([1959] 2005), participaram alegremente do louvor, que ganhou euforia quando a Pastora cantou um cântico intitulado “Vem, essa é a hora da Adoração” (ANEXO 8).

O louvor levou todos a um clima de oração. Expressões como “*Aleluia, Glória a Deus*”, “*Louvado seja o Teu nome*” e “*Te amamos Jesus*” eram ditas a todo instante pelos participantes do culto. Um intenso clima de adoração pairou no ar. O êxtase entrou e atingiu seu ápice quando foi entoado o cântico intitulado “Senhor te quero” (ANEXO 9).

No mesmo instante em que estavam ocorrendo às canções, aos poucos a Capela Ecumênica começava receber visitantes. Embora muitos assistidos da CPAI com suas famílias adentrassem e logo saíssem da Capela, outros permaneciam neste espaço, ocupando os bancos para participarem do culto. Em sua maioria, eram esposas acompanhando esposos e mães fazendo companhia a seus filhos. Neste momento foram contabilizadas 25 pessoas.

Após o louvor, a Pastora perguntou se havia alguém entre os participantes que gostaria de relatar um testemunho ou uma benção que Deus realizou em algum momento de sua vida. Prontamente, um assistido da CPAI o fez. Um senhor, de cerca de 60 anos de idade, foi à frente do altar e brevemente relatou que Deus libertou sua vida e que isso só ocorreu quando conheceu Jesus. Disse ainda que todos deveriam fazer a mesma coisa, pois a salvação só ocorreria se aceitassem a Jesus. Ao término de sua fala, a Pastora deu início à pregação.

Como sempre, para mergulhar nas “cenas cotidianas” e perceber as “representações” dos “atores”, (GOFFMAN, [1959] 2005), o pesquisador ficou sentado no fundo Capela Ecumênica. De repente, um rapaz sentou-se, meio acanhado ao lado do pesquisador e decorrido alguns minutos perguntou: “Você é preso?”. O pesquisador respondeu que não, explicando os motivos pela qual estava ali. De imediato, o rapaz disse ao pesquisador que ao observá-lo concluiu, ao olhar em seu rosto, que não seria um “preso”.

Pronto a dialogar, não perdemos a oportunidade. O rapaz chamava-se Roberto Antônio e tinha 38 anos de idade. Roberto Antônio informou que era novo na Unidade, estava na CPAI há exatos 26 dias, pois ficou na condição de privação de liberdade no Regime Fechado por 1 ano e 2 meses. Ao explicar ao rapaz que estávamos ali para compreender o sentido da religião para quem está privado de liberdade, o mesmo disse que não saberia responder, mas que se fosse outra pergunta “*O que Deus, Jesus representa para quem está preso?*”, saberia dar as respostas.

Assim, em uma breve conversa, Roberto Antônio relatou que conheceu Deus dentro da Unidade Prisional em agosto de 2015, passando ter intimidade com Ele por meio da leitura da bíblia e orações. Disse que antes nunca se importou com religião, contudo passou a colocar em prática os ensinamentos bíblicos quando compreendeu o verdadeiro sentido de dois versículos.

Roberto Antônio abriu sua bíblia e fez questão de ler tais versículos ao pesquisador. Estes eram os encontrados no livro de Mateus, capítulo 07, versículo 24, e o livro de João, capítulo 07, versículos 16 -18, conforme segue:

Portanto, quem ouve estas minhas palavras e as pratica é como um homem prudente que construiu a sua casa sobre a rocha. (MATEUS, 7, 24).

Jesus respondeu: O meu ensino não é de mim mesmo. Vem daquele que me enviou. Se alguém decidir fazer a vontade de Deus, descobrirá se o meu ensino vem de Deus ou se falo por mim mesmo. 18. Aquele que fala por si mesmo busca a sua própria glória, mas aquele que busca a glória de quem o enviou, este é verdadeiro; não há nada de falso a seu respeito. (JOÃO, 7, 16 -18)

De acordo com Roberto Antônio, começou colocar em prática as mensagens desses versículos bíblicos para ver se “dava resultado”. “*Passei a obedecer e deixei de fazer coisas erradas, parei de mentir e passei a cumprir os mandamentos de Deus, passei, desta maneira, a ser abençoado*”, ao falar isso, Roberto Antônio pediu licença para continuar prestar atenção nas palavras da Pastora que pregava naquele momento. Agradecemos ao mesmo pelo relato exposto e continuamos observar as cenas cotidianas que ocorriam na Capela Ecumênica.

Às 11h25min a Pastora encerrou a pregação, passando a palavra para a Missionária que acompanhava. Esta deu início a um breve louvor e assumiu uma nova pregação. Neste momento, 38 pessoas participaram do culto, ouvindo

atentamente a mensagem bíblica da Missionária. Antes de encerrar o culto, a Missionária convidou as mães e esposas que estavam ali dando apoio ao seu ente privado de liberdade.

Em seguida, 8 mulheres se dirigem a frente do altar, onde foram realizadas orações para que estas pudessem, segundo a Missionária, suportar as dificuldades, os sofrimentos, as angústias, as incertezas e a dor pela espera do término do cumprimento da pena de seus filhos ou maridos, e os problemas enfrentados em seu dia a dia. Ao concluir as orações, os filhos e maridos dirigiram-se diante do altar para abraçar suas mães e esposas.

Às 12h05 o culto foi encerrado e deixamos nosso cenário de pesquisa para trás. Em nosso trajeto, éramos observados pelos assistidos da CPAI que ficavam no entorno da Unidade ainda à espera de familiares.

É imprescindível ressaltar que os alojamentos da CPAI ficam abertos para que todos os assistidos circulem nos espaços da Unidade Prisional nos finais de semana. Porém, segundo um agente penitenciário, há uma norma entre os assistidos, a de que só pode circular para fora dos alojamentos nos finais de semana àquele que estaria recebendo familiares. Assim, essa norma, é rigorosamente cumprida entre os internos.

5.4 DIÁRIO DE CAMPO N.º 04 – HISTÓRIA DE VIDA

Sábado, 17 de setembro de 2016, são 14h08, e o palco cotidiano, como sempre, estava repleto de atores, cada qual desenvolvendo um respectivo papel. Aquela tarde estava bem agradável, o tempo favorecia distintas atividades externas para serem desempenhadas entre os assistidos da CPAI.

Na portaria, algumas famílias aguardavam para entrar no Espaço Total da Unidade Prisional. Dentro da Unidade, alguns assistidos estavam à espera por seus entes. Por conseguinte, nossa presença era percebida e observada enquanto caminhávamos em direção à Capela Ecumênica.

Ao entrarmos na Capela Ecumênica, o culto estava prestes a iniciar. Não demorou muito e um dos assistidos da CPAI ministrou um louvor, onde cânticos foram entoados. Nesse instante, a Capela começou ser ocupada por alguns assistidos da Instituição Total juntamente com seus familiares, aparentemente mães acompanhando seus filhos.

Não demorou muito e um interno da CPAI fez a abertura do culto relatando sobre um testemunho, chamado por ele de *“Milagre de Deus em minha vida”*. No altar, este homem indagou todos sobre como falar de prosperidade para quem estava na condição de preso. Disse que não gostava muito de falar de dinheiro, principalmente quando relacionado a dízimos e ofertas, mas que naquele momento era necessário, pois Deus fez um milagre em sua vida.

Este homem, aparentemente entre 30 e 35 anos de idade, afirmou que estava há 3 anos privado de liberdade, que era pai de dois filhos e que sua esposa estava grávida. Relatou que antes de conhecer Deus, sua família tinha poucos recursos financeiros, sua esposa passava por necessidades, chegando ao ponto de ter que emprestar dinheiro de familiares para o mantimento da casa.

Em sua fala explicitou que quando se entregou a Deus, as coisas começaram a melhorar, principalmente após obedecer a seus mandamentos, entre eles, dizimar, ou seja, dar 10% de sua renda para a obra Dele. Explicou que ao fazer isso, um milagre começou ocorrer em sua casa. *“A prosperidade entrou em minha casa, minha esposa não precisou mais emprestar dinheiro”*, esta foi a frase que o rapaz disse, se referindo a um auxílio no valor de R\$ 600,00 reais que sua esposa passou a receber.

Em seguida, todos que estavam na Capela Ecumênica começaram a aplaudi-lo. Ao lado do rapaz, dois pastores da Igreja Evangélica Quadrangular esperavam para efetivar a pregação do primeiro culto daquela tarde. Em seguida, o rapaz passou a palavra para um dos pastores que estava no altar, que o agradeceu pelo testemunho dado, após se retirou.

Neste primeiro culto, 28 pessoas acompanharam a pregação proferida pelo Pastor sobre uma parábola bíblica do livro de Lucas, capítulo 18, versículos 09 a 14, intitulada *“Parábola do Fariseu e Publicano”*. Às 14h50, após a referida pregação, o Pastor passou a palavra ao Pastor que estava acompanhando, dando continuidade a uma nova mensagem bíblica.

Porém, antes de transmitir tal mensagem, ele lembrou todos que estaria encerrando o culto por volta das 15h15, visto que os internos deveriam se dirigir a Unidade para que às 15h30 pudessem registrar sua presença no ponto biométrico. Fazendo uso das palavras de Goffman ([1967] 2012), este Ritual de Interação é um procedimento de segurança padrão da CPAI, onde em horários específicos, todos os

internos da Unidade devem registrar sua presença, visto que fugas ocorrem constantemente do Espaço Total.

Assim, conforme combinado pelo Pastor, às 15h15 o primeiro culto da tarde fora encerrado. Antes, o Pastor convidou os presentes para subirem no altar para serem “ungidos com óleo sagrado”. Posteriormente, todos que estavam na Capela Ecumênica acolheram tal procedimento solicitado, e em seguida, deixaram este espaço de representação.

Ao término desse primeiro culto, ficamos a sós na Capela Ecumênica. Esta foi uma oportunidade para perceber, com diz Goffman ([1959] 2005, [1967] 2012), os diversos “cenários e fachadas” deste “palco cotidiano”. E assim o fizemos.

Ao lado da entrada principal havia um mural destinado a informativos religiosos das distintas igrejas evangélicas que realizavam a assistência religiosa na CPAI. Dentre os diversos informativos, um chamou nossa atenção. Era o convite para participação da 4ª Confraternização de Ex-Presidiários Evangélicos do Paraná.

O evento seria realizado entre os dias 08 e 09 de outubro de 2016, às 18h30, na Rua Emílio Romani, 2218, Vila Verde, no Bairro Cidade Industrial de Curitiba, promovido pelo Centro Evangelístico da Igreja Missão Cristã. Com a frase bíblica *“Porque o Filho do Homem veio salvar o que se tinha perdido”*, (MATEUS, 18, 11), o tema do evento era exposto.

Além dos informativos, abaixo do mural, uma mesa estava organizada com livros e revistas evangélicas. Estes eram deixados neste local propositalmente para que aguçassem a leitura daqueles que passassem por ali. Diversos temas faziam parte dos conteúdos dos materiais, dentre eles: a atuação das missões evangélicas no mundo como um desafio do milênio; a reflexão de que famílias que obedecem a Deus prosperam; dados de relatórios de pesquisas demonstrando que o evangelho afasta jovens das drogas, dentre outros temas.

Enquanto transcrevíamos as observações em nosso diário de campo, um jovem aproximou do pesquisador e realizou o seguinte questionamento: *“O que você tanto escreve aí?”*. Rapidamente apresentamos e explicamos nossas intenções de estudo. O jovem disse que estava à disposição para conversarmos. Sem demora, convidamos o jovem para sairmos da Capela Ecumênica e sentarmos em um banquinho próximo a esse espaço para ouvi-lo e registrarmos seus relatos. Este aceitou imediatamente.

Juliano, 28 anos de idade, casado, condenado a reclusão por 12 anos, foi remanejado para a CPAI no dia 26 de junho de 2016, antes esteve durante 2 anos e 3 meses na condição de Regime Fechado. Esse era o perfil do jovem que nos procurou. Ficamos atentos para suas revelações. Juliano disse que gostaria de contar sua história de vida para que fizesse parte do trabalho do pesquisador.

Ele explicou que trabalhava no serviço de limpeza de um hotel, na cidade de Campo Mourão, Paraná, mas que entrou nas drogas por motivos financeiros. *“Eu era escravo do vício, procurava brigas, tinha pensamentos de matar pessoas”*, relatou Juliano.

Matei uma pessoa em 2006, não fui preso, o irmão do cara veio procurar, fugi e cheguei em Curitiba. Comecei a trabalhar em construção de estrutura metálica para a empresa GVT, trabalhei um tempo, tendo uma vida normal. Passou um tempo, cai nas ruas, pedi a conta da firma, gastei todo dinheiro do acerto com drogas e coisas erradas. Comecei a passar necessidade e corri procura emprego. Quando puxaram minha ficha, descobriram o meu crime, fui preso e condenado no Regime Fechado. (JULIANO, 17/09/2016).

Juliano disse que no dia 18 de março de 2016, dentro do Regime Fechado, na PEPI II (Penitenciária Estadual de Piraquara II), conheceu a Deus. Relatou que era católico, mas que conheceu a verdade e a verdade o libertou. Assim, em 27 de junho de 2016, um dia após chegar à CPAI, Juliano se converteu a religião evangélica.

Ninguém apresentou a religião pra mim. Foi Deus que fez isso. Lá na PEPI II tem uma galeria evangélica, comecei a frequentar. Foi a melhor coisa que aconteceu, foi uma mudança radical que aconteceu na minha vida. Não pretendo voltar mais pra lá. São várias religiões, todas levam à salvação. A religião muda as pessoas. A religião muda quem quer mudança. Deus quer que demos o primeiro passo, mais tudo depende do nosso esforço. (JULIANO, 17/09/2016).

Hoje, Juliano desempenha inúmeras atividades religiosas dentro da CPAI: é obreiro, prega a Palavra de Deus, realiza pastoreio, unge as pessoas, anuncia o evangelho, faz a obra de Deus. Esse foi um dos fatores que, segundo Juliano, causaram a grande mudança em sua vida. Enquanto conversava conosco, Juliano portava um estojo com “óleo ungido”, livretos, panfletos, revistas evangélicas e bíblias para poder distribuir nas galerias.

De acordo com Juliano, 50 internos convivem em seu alojamento, sendo todos evangélicos. Disse que a vida dentro do alojamento evangélico era muito boa,

mas que todos que estavam ali deveriam agir corretamente. *“Se tiver na galeria, tem que fazer as coisas certas, sem erros”*, disse Juliano ao pesquisador.

Só que uns diz que são convertidos, mas não são. Muitos não participam das atividades religiosa. Muitos tão lá só pra te sossego, evita sofrimento, viver um vida melhor. Queremos pessoas pra aprende a leva o evangelho pra toda criatura. Dentro da Unidade vejo muita coisa errada, mas finjo que não vejo e nem escuto. Tem muita gente que quando tava no Fechado era convertido e quando veio para o Semiaberto da Colônia Penal parou de frequentar a igreja. (JULIANO, 17/09/2016).

Com essas colocações podemos compreender as proposições de Erving Goffman em relação aos atores cínicos e sinceros, pois ao conviver no mesmo alojamento, conforme relatado por Juliano, há distintas representações por parte dos indivíduos privados de liberdade quanto ao sentido da religião para estes. A “mortificação do eu”, as “táticas de adaptação” no cárcere e o “sistema de privilégios”, conforme Goffman ([1961] 2013) explicita, podem ser observados nos comportamentos apresentados.

Após relatar essas características, Juliano quis evangelizar o pesquisador e, para “mergulhar” nessa representação, permitimos o envolvimento. Juliano explicou o texto bíblico de Romanos, capítulo 07, versículo 07 a 25. Nesse momento de explicação, frisou o versículo *“Ora, se eu faço o que não quero, já o não faço eu, mas o pecado que habita em mim”*. (ROMANOS, 07, 20). Segundo Juliano, esse é um dos mandamentos que sempre segue, visto que possui um sentimento de raiva, particularmente quando alguns internos da CPAI agem com provocações contra si.

Ele relatou que recebe muitas provocações, inclusive nos momentos que tem que explicar a Palavra de Deus para aqueles que não são convertidos. *“Entendo que espíritos malignos estão nas pessoas. Isso é o que leva, a agirem dessa forma comigo. Não tenho medo, pois quem tem fé não tem medo. Medo não provém de Deus”*, disse Juliano.

Segundo Juliano a religião é importante para a salvação do corpo e da alma, a libertação de doenças, vícios e drogas. *“Só vindo preso pra dá valor em pequenas coisas”*, ressaltou Juliano. De acordo com ele, renunciou as coisas do mundo para servir a Deus, fazendo isso de coração, pois quando trabalha na igreja, ganha a chamada remissão, ou seja, a redução do tempo de pena a ser cumprida na instituição.

Tenho um sonho: servi a obra de Deus, da glórias a cada dia e aprende mais sua Palavra. Vivo por Deus, pois já sofri muito. Tenho muitas marcas no meu corpo, tive vários acidentes, andava bêbado nas ruas, usei muito crack. Meu objetivo de vida é ter uma casa, fazer churrasco evangélico pra resgatar almas pra Deus, ajuda famílias carentes, leva a Palavra pra Centros de Recuperação. Hoje tenho uma luta com minha esposa. Ela é bipolar, tem um espírito maligno de vícios, brigas e fumo. Tenho que jejuar muito pra converter minha mulher e sua família. (JULIANO, 17/09/2016).

Aproveitamos a oportunidade e questionamos Juliano acerca do trabalho das diversas igrejas evangélicas dentro da CPAI e o mesmo informou que *“Tem disputa de religião dentro da Unidade. Tem até igreja que quer ser melhor que a outra, uma fica tentando tirar o servo da outra”*. Conforme ressalta Goffman ([1961] 2013), essa relação de poder atesta as complexas interações existentes entre a equipe dirigente e os internados das Instituições Totais. “Os participantes da equipe dirigente tendem a sentirem-se superiores e corretos” (GOFFMAN, [1961] 2013).

Após realizar tal comentário, Juliano disse que tinha algo muito importante para falar. Era sobre sua vida, como havia se tornado uma “pessoa difícil”.

Minha mãe me abandonou de 2 para 3 anos de idade. Quando eu era pequeno ela me batia muito. Ela bateu com um facão na minha cabeça, fiquei tomando gardenal e sulfato ferroso até os 10 anos. Quando ela me abandonou fiquei morando com os outros, ia na padaria pedi resto de pão. Morava lá em Campo Mourão. Quando fiquei jovem, 12 para 13 anos aprendi a roubar, esfaquear e torturar pessoas. Tentei matar várias pessoas. Aos 17 anos minha mãe apareceu, tentei matar ela com uma enxada. Ela foi me procurar, porque soube que eu tava com a pensão do meu pai. Quando sai daqui quero encontrar ela, pedi perdão. Fala de Deus. Ela pode estar agora nas ruas, passando fome. Quero cuidar dela. (JULIANO, 17/09/2016).

Enquanto conversávamos, o segundo culto daquela tarde estava prestes a iniciar. Cânticos de louvores eram ouvidos, algumas pessoas entravam na Capela Ecumênica. Percebendo tal movimentação, Juliano disse que estaríamos encerrando nossa conversa, pois precisava ajudar na preparação do culto. Por conseguinte, antes de despedir-se do pesquisador, realizou um pedido final.

Juliano perguntou se poderíamos estar anotando o número de telefone de sua esposa e na sequência ligar para a mesma. O pesquisador, lembrando-se das recomendações e procedimentos de segurança que hora fora repassada por parte do setor de assistência social da CPAI, comentou, no intuito de cumprir com as recomendações solicitadas e não infringir a Lei, que toda vez que deixava a Unidade, seus pertences, inclusive suas anotações, eram checadas e lidas pelos

agentes penitenciários. Juliano sem questionar, aceitou tal afirmação, mas exclamou a frase: *“Tudo bem, mas isso é censura!”*

Posteriormente, entramos na Capela Ecumênica, Pedro, interno da Unidade e responsável pela Capela, estava realizando um momento de oração. Nesta ocasião, 19 pessoas assistiam o segundo culto da tarde, iniciado às 16h15. Enquanto Pedro realizava as orações direcionadas a cura de doenças, libertação de enfermidades, a situação de todos que estavam em privação de liberdade, aos governantes do Brasil, e aos agentes penitenciários, um assistido da CPAI dedilhava um violão ao fundo, onde, ao término das orações feitas por Pedro, dirigiu um louvor e todos participaram juntamente.

Passado esse primeiro momento, às 16h37, um Pastor pertencente à Igreja Deus é Amor, chegou acompanhado de mais 3 pessoas. O referido Pastor assumiu o altar e orações foram realizadas. Após, solicitou que um de seus ajudantes distribuisse aos participantes do culto um Hinário da Harpa Cristã para que juntos pudessem cantar o Hino N.º 198 intitulado “Jesus, o bom amigo”, (ANEXO 10).

No momento da canção um interno da Unidade, que estava sentado ao meu lado, percebendo que estava sem o Hinário, compartilhou a letra da canção com o pesquisador. Para não constranger, aceitamos. Então, como Goffman ([1959] 2005), vivenciava suas experiências nos distintos contextos e espaços cotidianos, mais uma vez utilizamos desse recurso.

Encerrado esta cena, o Pastor principal solicitou a um de seus auxiliares para dar continuidade à pregação bíblica. Às 16h56, 15 assistidos ouviram atentamente suas palavras. Às 18h15 o culto foi encerrado e deixamos a Capela Ecumênica. Porém, quando saímos desse espaço, dois cartazes chamaram nossa atenção. Ambos convidavam quem passasse por ali para participação de campanhas evangélicas, ou seja, a realização de cultos especiais com pedidos de oração.

O primeiro cartaz, afixado na parede externa da Capela Ecumênica, recebia a denominação *“Campanha da Graça”*. Tal culto ocorreria às quintas-feiras, ao meio dia. Havia um convite no cartaz: *“Entregaremos o mel ungido para curar, libertar sua vida e abençoar, venha!”*. Além do convite, um versículo bíblico enfatizava a importância do evento: *“Porque pela graça sois salvos mediante a fé, e isto não vem de vós, é dom de Deus”*. (EFÉSIOS, 2, 8).

O segundo cartaz encontrava-se afixado na cerca que separa a Capela Ecumênica aos demais “cenários” da “Instituição Total” (GOFFMAN, [1959] 2005, [1961] 2013). Este convidava todos para participarem de um culto especial que ocorreria todas as terças-feiras, ao meio dia, recebendo a denominação: *“Campanha: Uma carta para Deus, alcançando o impossível pela fé”*.

Ao perceber a curiosidade do pesquisador, Pedro, o responsável pela Capela Ecumênica, cujo momento estava trabalhando na porta da mesma na função de diácono, recepcionando e direcionando visitantes, cumprimentou o pesquisador e começou a relatar a importância de tais campanhas.

Pedro relatou que muitos apenas procuram orações, inclusive aqueles que pertencem a facções, como o PCC, Primeiro Comando da Capital. Nessas ocasiões, segundo Pedro, cerca de 50 pessoas não convertidas chegam a participar deste culto e que nesses momentos alguns acabavam se convertendo.

Pedro realizou um convite para que participássemos de tais momentos, principalmente do culto de sexta-feira à noite, o chamado “Culto do Refeitório” que ocorre, como o próprio nome diz, no refeitório de uma das galerias da Unidade, espaço este destinado à alimentação dos assistidos.

Segundo Pedro esse seria um momento importante de descobertas e verificações. *“Dentro da Unidade tem muita coisa errada, já vi inclusive drogas e celulares. Muitos usam drogas. A coisa lá dentro é feia”*, disse Pedro ao recordar de vários líderes de facções que se converteram quando assistiram o Culto do Refeitório.

Esse seria o nosso desafio a partir de agora. Estaríamos indo posteriormente a Unidade para tal observação. Afinal, seria imprescindível à pesquisa. Estaríamos saindo de nossa “zona de conforto”, da Capela Ecumênica para penetrar em outro cenário cotidiano da Instituição Total.

5.5 DIÁRIO DE CAMPO N.º 05 – O CULTO DO REFEITÓRIO

Sexta-feira, 23 de setembro de 2016, são 18h45, as múltiplas leituras do espaço cotidiano e as distintas representações dos indivíduos em privação de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI) estavam prestes a serem identificadas. Após diversos momentos de observação ocorridas na Capela

Ecumênica da CPAI, como diz Goffman ([1959] 2005), nosso “cenário fixo” de pesquisa seria outro: o local destinado à alimentação dos internos, o refeitório.

Seríamos instigados a realizar nossa observação para além do espaço da Capela Ecumênica, uma vez que fomos convidados inúmeras vezes pelos assistidos da Unidade para perceber, como eles diziam: “*Os milagres que ocorrem no Culto do Refeitório*”. Logo, para a pesquisa, esse momento seria imprescindível para observar e perceber os categoriais goffmanianos.

Após passarmos pela segurança da CPAI, entramos no primeiro bloco (pavilhão) que fica próximo à área administrativa da Unidade. Caminhamos e deparamos com dois agentes penitenciários que zelavam pela segurança do espaço. Apresentamo-nos e pontuamos a intenção de estar naquele local, àquela hora.

Sem qualquer problema, os dois funcionários permitiram a entrada, porém ficaram surpresos com nossa presença. Um dos agentes penitenciários exclamou: “*Esse não tá com cara de preso. Afinal, preso não faz mestrado!*” Ao término de tal comentário, o funcionário deu risadas, abriu uma grade de ferro que separava a área externa do bloco ao refeitório, permitindo nossa permanência.

À nossa frente, um novo cenário estava disposto. Naquele momento o refeitório, espaço de alimentação, não teria sua função habitual cotidiana. Mas sim, um cenário, que hora se transformaria em um espaço religioso, com suas feições e características, dando-lhe forma e sentido para o chamado “Culto do Refeitório”, assim identificado pelos assistidos da CPAI.

Organizados um atrás do outro e separados por um corredor central, bancos foram enfileirados para que todos que adentrassem no refeitório, pudessem se assentar. As mesas, a qual estes faziam par, encontravam-se sobrepostas e organizadas nas laterais do espaço.

Improvisado, um púlpito, ou seja, mesa ou tribuna onde autoridades religiosas realizam sermões foi montado. Sobre este, uma bíblia estava aberta. Nas laterais das paredes, caixas de som encontravam-se dispostas para que as canções do louvor fossem projetadas. Próximo ao púlpito, um violão, uma mesa para partitura musical e dois microfones estavam organizados para a ministração de louvor. Essa transformação de cenário, de refeitório para espaço religioso, é, segundo Goffman ([1959] 2005), o exemplo do categorial “cenário móvel”.

Sentamos no último banco desse novo espaço para observarmos e colhermos o maior número de informações. Aos poucos, alguns internos começaram ocupar o refeitório para o início do culto. Porém, gritos chamaram nossa atenção: “*A hora do culto. Está quase na hora do culto!*”, era um assistido passando no corredor onde estavam localizados os alojamentos para convidar os demais internos para participarem do “Culto do Refeitório”.

No mesmo instante, um barulho inexplicável era percebido e vinha daquela direção. O som era produzido do interior dos alojamentos que estavam ocupados por inúmeros assistidos. O emaranhado de vozes produzia um barulho ensurdecedor, como dito anteriormente, inexplicável. Como se passássemos do céu, local do culto, para o inferno, murmúrios de dor e sofrimento daqueles que estavam privados de liberdade.

Enquanto isso, os preparativos para o início do culto estavam sendo realizados. Um levita³⁷, denominação comum nas Igrejas Evangélicas para aquele que canta louvores, interno da Unidade, realizava aquecimento vocal e ao mesmo tempo afinava seu violão. Atrás do pesquisador, um assistido montava um bebedouro para aqueles que quisessem beber água, o fizessem. Ao lado deste, uma pequena mesa, com um livro para visitantes registrarem seus pedidos de oração, estava disposta.

Repentinamente, uma canção soou no ar. O ministro de louvor, assistido da CPAI, começou entoar cânticos de louvores. Os assistidos que estavam no refeitório participaram desse momento, cantando juntamente. O levita instigava-os inúmeras vezes dizendo: “*Vocês podem fazer uma barulho para Deus?*”. Assim, música após música, todos eram envolvidos em um clima de louvor e adoração. O levita convidou todos os assistidos para cantarem uma música chamada “Sobre as Águas”, (ANEXO 11), estes, com grande fervor, cantaram repetidamente inúmeras vezes.

Às 19h35min, Pedro, assistido da CPAI, percebendo o atraso e ausência dos representantes da Igreja Universal do Reino de Deus que realizariam a assistência religiosa daquela noite, iniciou o culto convidando os presentes para realizarem orações e pedirem perdão por seus pecados.

Alguns se prostravam de joelhos no chão, enquanto outros ficavam em pé dando clamores. Pedro suplicou para que todos fizessem orações aos que estavam

³⁷ *Ibidem*, p. 89.

nos alojamentos e que, por algum motivo, não puderam comparecer ao culto. Dizia em voz alta: *“Perdoa eles, pois eles não Te conhecem!”*; *“Onde tiver um carcerário, que envie seus anjos!”*. Naquele instante, 34 internos da Unidade estavam participando do “Culto do Refeitório”.

Muitos internos da Unidade traziam consigo bíblias, porém aqueles que não a portavam, sentavam-se com colegas para juntos, lerem versículos bíblicos. É interessante destacar que os atores que ocupavam este cenário, em sua grande maioria, eram constituídos por jovens que aparentavam ter entre 22 e 29 anos de idade.

Entre as orações de Pedro e as canções que eram realizadas, um desses jovens chamou nossa atenção. Sentado ao nosso lado, cabisbaixo, porém atento ao que estava ocorrendo no refeitório, este jovem nos procurou e questionou nossa presença. Apresentamo-nos e explicamos, como sempre, os motivos de estarmos ali. Curioso, o mesmo, sem qualquer timidez, disse que gostaria de desabafar sua história de vida. Atento, preparamos para participar desse “Ritual de Interação”, (GOFFMAN, [1967] 2012).

Rogério, 28 anos, pai de dois filhos, informou que era a primeira vez que participava do “Culto do Refeitório”. Disse que era filho de pais evangélicos e que conheceu a Deus aos 14 anos de idade, porém aos 16 saiu da presença Dele.

la na igreja só para agradar a namorada, mas no fundo eu era desviado. Fui preso em 2010, sai em 2011, em 2012 fui condenado a 8 anos de cadeia. Nesse ano minha mãe teve uma visão que eu teria que ficar preso para me fortalecer. Era usuário de drogas, usava cocaína, assassinei 4 pessoas, destruí vidas. Era escravo do diabo. Não tinha sentimentos por ninguém, era um coração de pedra. Tinha medo do inimigo tragar minha vida. Minha vida agora está nas mãos de Deus. (ROGERIO, 23/09/16).

Rogério informou que se reconciliou com Deus dentro do Regime Fechado e que a partir desse momento sua vida mudou. Relatou que percebeu grandes milagres em sua vida: *“Era para sair do Regime Fechado somente em 2017, mas Deus me colocou na CPAI no início de 2016. Deus enviou um advogado!”*. Disse ainda que Deus estava provendo as necessidades de sua família: *“Eles recebem muitas doações, não falta leite para os meus filhos”*.

Rogério continuou relatando que ao entrar no Regime Fechado, acreditava ser uma pessoa doente. *“Era impotente perante as drogas e o crime. Tinha apoio da família para superar, mas faltava algo, Jesus. Eu precisava de Deus”*, ressaltou

Rogério, que encerrou sua fala conosco explicitando a importância da realização dos cultos no sistema prisional, principalmente a oportunidade de participar do “Culto do Refeitório”: *“No Regime Fechado pregava a palavra dentro do banheiro, ganhei muitas vidas. Aqui muitos precisam de milagres. Se não tivesse culto faria dentro de um buraco. A vida sem Jesus é perdida. Sou um testemunho, um milagre”*.

Enquanto conversava com Rogério, Pedro passou a palavra para um rapaz chamado Paulo, conhecido por todos como “Irmão Paulo”. Recordamos dele, pois quando iniciamos as primeiras observações de campo, Pedro informou que Paulo era o exemplo de mudança e da transformação que Deus realizava dentro do presídio.

Segundo Pedro, Paulo estava privado de liberdade há 12 anos e era líder do Primeiro Comando da Capital (PCC), facção criminosa responsável por rebeliões, sequestros, assaltos, assassinatos e narcotráfico. Naquela noite, Paulo foi o mensageiro da “Palavra de Deus”.

Às 20h18 da noite, Paulo deu continuidade ao culto e diante do púlpito, montado improvisadamente, solicitou que todos orassem juntos, após explicou alguns versículos bíblicos. Contou um testemunho de quando tentou falar de Deus para dois rapazes que estavam dentro de um dos alojamentos e a importância da conversão religiosa.

Tava muito frio e fui levar para a ala (alojamento) dois colchão. Tinha dois rapazes lá deitado. Deus segurou eu lá. Não pude deixar de falar que a prática deles estava levando eles para o inferno. Não tava ali para julgar, pois a Bíblia diz que não é para julgar. Mas que Deus estava ali para ajudar. Eu disse: A verdade voz libertará. Creia na Palavra “Jesus” Verbo vivo. Quer ver milagre na sua vida, creia na Palavra. Quer ver mudança em sua vida, creia na Palavra. Quer ser discípulo para morar no céu, creia na Palavra. Se continuar no pecado e não se arrepende, haverá um destino pra você. Mas, quem morrer em Cristo, será salvo. (“IRMÃO PAULO”, 23/09/2016).

Atentamente, todos os participantes do culto, 38 pessoas, prestavam atenção e concordavam com as palavras de Paulo. Estes diziam repetidamente as expressões: *“Aleluia! Glória a Deus!”*. Naquele momento, Paulo tinha autoridade para aconselhar, realizar orações, dar sermões, instigar a reflexão e a conversão dos presentes.

Às 20h50 da noite, Paulo finalizou o culto e solicitou que todos ajudassem a organizar o refeitório, recolhendo os bancos e mesas, desmontando o púlpito,

guardando todos os materiais, enfim, o cenário móvel daquela noite estava sendo desmanchado. Aquele espaço, que outrora era o palco de atuação religiosa, estava sendo despido para sua função habitual: espaço de alimentação dos internos da CPAI.

Às 21h05 da noite, deixamos para trás os “atores” desta “Instituição Total”, (GOFFMAN [1959] 2005, [1961] 2013), estes se dirigiam para mais um pernoite nos alojamentos da CPAI. A partir de agora, um novo desafio viria pela frente. Com a observação do “Culto do Refeitório”, encerramos a fase de observação de campo, fase está imprescindível, sobretudo para que familiarizássemos e ganhássemos a confiança dos internos da Unidade para a próxima etapa da pesquisa: as entrevistas.

6. PRESOS NO CÁRCERE, LIVRES NA FÉ: O SENTIDO DA RELIGIÃO PARA O PRIVADO DE LIBERDADE NA COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ

Lembrem-se dos que estão na prisão, como se aprisionados com eles; dos que estão sendo maltratados, como se vocês mesmos estivessem sendo maltratados. (HEBREUS, 13, 3).

6.1 A VOZ DO CÁRCERE: AS ENTREVISTAS

Como exposto nos Procedimentos Metodológicos da presente dissertação, escolhemos realizar as entrevistas com 12 indivíduos em privação de liberdade da CPAI, a partir de três perfis distintos: (A) Aqueles que praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mantendo a mesma prática religiosa dentro da CPAI; (B) Aqueles que não praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mas que se converteram a religião dentro da CPAI; (C) Aqueles que não praticam nenhuma religião dentro da CPAI.

Assim, procurando investigar o sentido da religião para o indivíduo privado de liberdade da referida Instituição Total e baseada na experiência religiosa destes, para efeitos de organização, identificaremos esses indivíduos (A), (B) e (C), em suas representações, respectivamente, como Atores Veteranos de Conversão, Atores Convertidos dentro da CPAI e Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-pessoa”.

Em relação ao termo “Não-pessoa”, como nos mostra Goffman ([1959] 2005), é todo aquele que está presente nas interações nos espaços cotidianos, mas não assume o papel de ator e nem de plateia. Em outras palavras, são os indivíduos privados de liberdade que não participam das cenas cotidianas na Capela Ecumênica da Unidade Prisional, mas estão inseridos no Espaço Total da CPAI.

É imprescindível ressaltar que, para fins de segurança e preservação da identidade dos entrevistados, estes serão identificados por codinomes. Lembramos que este procedimento foi realizado também durante o registro dos depoimentos concedidos ao pesquisador por alguns assistidos da Instituição Total nos momentos das observações de campo.

6.1.1 As representações dos Atores Veteranos de Conversão da CPAI

No dia 25 de setembro de 2016, adentramos no Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI) para mais uma etapa da pesquisa de campo. Nesse primeiro momento, o responsável pela Capela Ecumênica, o Sr. Pedro, conhecido entre os internos como “Pastor Pedro”, nos auxiliou na identificação de 4 rapazes que enquadravam-se no primeiro perfil a ser pesquisado, ou seja, aqueles que praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade e que permaneceram com a mesma prática religiosa dentro da CPAI, ou seja, *os Atores Veteranos de Conversão*.

Marcos foi o primeiro entrevistado. Marcos possui 29 anos de idade, é solteiro, está namorando, está em privação de liberdade há 6 anos e 8 meses e cumpre pena por assalto à mão armada. Antes de ser condenado, esteve 4 vezes detido em delegacias. “*Fui 157!*”, lembrou Marcos ao iniciar a entrevista, ressaltando o número do artigo do Código Penal que infringiu e que acarretou sua sentença.

Na Instituição Total, Marcos trabalha como faxineiro, participa dos cultos e é levita, ou seja, é responsável pelo louvor dentro da Capela Ecumênica. De acordo com Marcos, as três coisas que auxiliam o homem privado de liberdade é “*Deus, em primeiro lugar, o trabalho realizado dentro da instituição e os amigos verdadeiros, pois estes auxiliam uns aos outros*”.

Carlos foi o segundo entrevistado. Carlos possui 37 anos de idade, é casado, foi condenado por contrabando de suplementos alimentares e anabolizantes. Na data da entrevista, (25/09/16), estava há 31 dias em privação de liberdade na CPAI. Antes de estar na Instituição Total, Carlos mencionou que permaneceu 11 dias em uma delegacia na cidade de Cascavel, Paraná, e após pagar uma fiança, aguardou em liberdade o julgamento de seu processo de acusação.

Carlos disse que na CPAI não realiza atividade laboral, pois dedica seu tempo a Deus. Para ele, Deus, a igreja e os irmãos da fé, são as três coisas que auxiliam o homem que se encontra preso. “*Não tem mais!*”, exclamou Carlos ao finalizar o questionado, demonstrando a importância dos fatores pontuados.

David foi o terceiro entrevistado. David tem 37 anos, é réu primário, foi condenado por homicídio e tráfico de drogas. Na data da entrevista, (25/09/16), estava há 30 dias na CPAI. O entrevistado justificou o pouco tempo na referida Instituição Total, devido ter cumprido parte de sua pena, 6 anos e 7 meses, no Regime Fechado em outra Unidade Prisional, no Complexo Penal de Piraquara, Paraná.

Atualmente, David trabalha na limpeza da Capela Ecumênica, cursa o 7º ano na Educação de Jovens e Adultos, no CEEBJA localizado dentro da instituição. Nos momentos livres, evangeliza na Capela Ecumênica e nos alojamentos. Para ele, estar buscando Cristo e Deus, o trabalho remunerado do presídio e a oportunidade de estudar, são fatores essenciais que auxiliam o homem em privação de liberdade.

Continuando o roteiro, Josué foi o quarto entrevistado. Josué tem 35 anos, casado, réu primário, cumpre pena por assalto, está há 3 anos e 4 meses em privação de liberdade. Deste total, 2 anos e 7 meses esteve no Regime Fechado de outra Unidade Prisional, no Complexo Penal de Piraquara, Paraná.

Na CPAI, Josué trabalha diretamente na limpeza da Unidade Prisional, nos momentos vagos, está finalizando uma das etapas da escolarização, por meio da Educação de Jovens e Adultos, além de realizar o trabalho de obreiro na Capela Ecumênica. Para ele, a religião, o apoio e a compreensão da família, e a esperança da liberdade, são fatores que auxiliam o indivíduo que está preso.

Ao iniciar a entrevista, os entrevistados foram indagados quanto a Religião que pertenciam e todos foram unânimes pontuando que são Evangélicos. Com exceção de Marcos, os demais entrevistados relataram o tempo de conversão, a importância de serem convertidos antes de estarem privados de liberdade e os problemas enfrentados no decorrer da trajetória religiosa.

Sou evangélico, batizado há 13 anos. Saí da igreja por causa da minha esposa. Ela é católica. Me reconciliei com Deus há 6 meses. Foi a melhor atitude da minha vida. Se caísse aqui sem Jesus, não saberia o que aconteceria. O sistema trata todos como lixo. É complicado, e muitas outras coisas que não convêm falar agora. (CARLOS, 25/09/16).

Sou evangélico, da Igreja Assembleia de Deus da Missão, há 4 anos que sigo a denominação. Estive afastado por 2 anos da igreja. Duas semanas antes de ser preso, reconciliei com Deus. Ao todo, estou há 10 anos caminhando com Jesus. (DAVID, 25/09/16).

Sou evangélico da Congregação Cristã do Brasil. Nasci no lar de pais evangélicos. A minha mãe era da Igreja da Graça e o meu pai da Igreja Deus é Amor. Hoje eles estão também na Congregação Cristã do Brasil.

Mesmo estando dentro da igreja, fazia o que achava certo, na mente o diabo conseguiu dominar total. (JOSUÉ, 25/09/16).

Aos entrevistados, questionamos se estes conversavam sobre religião com os companheiros de alojamento e todos afirmaram que sim. Foram caracterizadas as transformações que Deus realizou em suas vidas, a conversão e o amor por estarem colaborando com a obra de Deus. Para eles, a religião dentro dos alojamentos da Unidade Prisional é uma maneira de evangelização, cooperação com a obra de Deus e o cumprimento das promessas de salvação para aqueles que andam nos caminhos corretos.

Falo sobre o que Deus fez e faz em minha vida. Só Deus pode transformar nossa vida. Deus tem o poder de transformar a vida. (MARCOS, 25/09/16).

Converso sempre com os companheiros de alojamento. Conheci um rapaz quando estive na Polícia Federal e através de mim, ele conheceu a Jesus e se batizou. (CARLOS, 25/09/16).

Amo fazer. É uma satisfação pessoal. Realizo meus sonhos. Me chamam de Pastor Davi, não sou Pastor, mas é o apelido que dão. Sou cooperador da obra de Deus. (DAVID, 25/09/16).

Converso sim. Falo da evangelização das promessas de Deus para um futuro melhor. O plano de salvação de Deus. A vida aqui é passageira, somos peregrinos. Todos devem procurar a justiça de Deus para receber a vida eterna. (JOSUÉ, 25/09/16).

É interessante destacar que, em relação à importância das atividades desenvolvidas pelas igrejas dentro da CPAI, os entrevistados pontuaram que esta possibilita a edificação, a evangelização, o renovo e o caminho para a correção, acarretando a uma mudança de vida. Ficou registrado o fato de que o mundo do privado de liberdade é um mundo de incertezas e desconfianças, principalmente quando envolve a temática da conversão religiosa.

Goffman ([1961] 2013) chama atenção para essa perspectiva ao tratar da quarta etapa do processo de adaptação do indivíduo ao ambiente da Instituição Total, onde o internado parece aceitar a interpretação oficial e tenta representar o papel do internado perfeito. As palavras de Marcos, David e Josué explicitaram os argumentos expostos.

Sim, elas são importantes para a edificação, sempre ligado em Deus. Única solução é Deus para mudar de vida. O trabalho é contínuo, não importa quantas pessoas estão na igreja. (MARCOS, 25/09/16).

Sim. Elas realizam a obra de evangelização para produzir a fé, principalmente para as pessoas que passam por desespero. Traz a luz para quem está cego. É super importante. (DAVID, 25/09/16).

Elas são importantes sim. Pela questão de pessoas que não acreditam em nós, vem aqui e acabam mudando o comportamento. As pessoas vêm e desacreditam de nós, mas quando veem os pastores, acabam se convertendo. Esses são usados por Deus. (JOSUÉ, 25/09/16).

Em uma das falas foi pontuado, inclusive, que os trabalhos realizados pelas igrejas, vão além de sua função, pois, cumprem o papel de restaurar o indivíduo privado de liberdade. Logo, uma crítica foi levantada por um dos entrevistados em relação ao exposto. Para Carlos, o sistema prisional não cumpre com o seu papel social: *“A única coisa de valor aqui dentro é o trabalho das igrejas. É o único sistema de restauração, pois o sistema não cumpre, só te afunda, mais pela forma como somos tratados”*.

Não o bastante, os entrevistados foram indagados sobre o que leva o indivíduo privado de liberdade a participar de uma religião dentro da Unidade Prisional, e, em relação à temática, ficou caracterizado que o sofrimento diário, a dor, o desespero, a opressão, as realidades vivenciadas por cada indivíduo no contexto carcerário, e uma espécie de vazio existente internamente no ser humano, aliado à necessidade que cada indivíduo possui em preencher este vazio, são os fatores que condicionam a prática religiosa. As falas de Marcos, Carlos, David e Josué caracterizaram os pontos levantados e demonstraram que a religião é imprescindível para a superação dos problemas vivenciados dentro do Espaço Total da CPAI.

O sofrimento, a opressão do inimigo. Estamos cansados de sofrer! Depois que experimentamos o poder de Deus, ninguém consegue viver sem. (MARCOS, 25/09/16).

O desespero. Se não fosse Deus, você se mata aqui dentro. Quando você olha para o final e não tem saída, o caminho é Deus. Vive nosso sistema para ver como é aqui dentro! Caiu no sistema, o que vai sustentar? Muitos escolhem remédios, drogas, mas o único sistema é Deus, pela misericórdia. (CARLOS, 25/09/16).

A dor e o sofrimento. Diz o ditado: Quem não vai pelo amor, vai pela dor. O sofrimento aproxima de alguma coisa. O ser humano tem a necessidade de se acreditar em algo. A fé para muitos é uma loucura, pois acreditar em um Deus invisível. Mas existe um vazio, uma necessidade de acreditar em alguma coisa. A gente procura substituto. O Ateu considero como um ator. Procuramos substitutos. A criatura procura Deus. Eu tinha tudo: carro, moto, mulheres, dinheiro, mas não tinha paz. (DAVID, 25/09/16).

Não é o que leva, mas os fatos da nossa vida. Quando estamos no fundo do poço, olhamos para cima. O que nos leva é Deus. Oração do pai e da mãe. As interseções da igreja. (JOSUÉ, 25/09/16).

No que diz respeito à temática conversão religiosa, os entrevistados foram questionados como identificam se um preso está realmente convertido e estes ressaltaram que a mudança de comportamento apresentada pelos indivíduos em privação de liberdade que frequentam a Capela Ecumênica é o principal fator observado. *“É uma metamorfose na vida das pessoas”*, expressou David.

Assim, são alguns dos exemplos expostos pelos entrevistados à mudança nas atitudes cotidianas, a maneira como esse indivíduo se comporta, as mentiras e o sentimento de vingança que deixavam de existir, a libertação das drogas e a não submissão à influência de “más” companhias. Logo, para que isso ocorresse verdadeiramente foi pontuada a necessidade desse indivíduo estar buscando Deus constantemente, seguindo os seus mandamentos.

Pelo seu dia-a-dia, através da Palavra de Deus. Pela conversa dele, a forma de agir, seu testemunho no dia-a-dia. Suas atitudes falam mais alto que sua voz, por isso não preciso de ouvir, mas fazer. (MARCOS, 25/09/16).

Parece que é uma provação. Muitos são usados pelo inimigo e outros por Deus. Descrevo pela mudança de temperamento, quantidade de vezes que busca a Deus, pelas revelações, como, por exemplo, a escolha dos responsáveis pela igreja que são escolhidos por oração. Lá fora perguntava para Deus: Você faz tantos milagres? Isso vi aqui dentro. São muitos milagres, revelações. Deus opera e não deixa dúvidas. Uma vez dita a palavra de Deus, ela não volta. (CARLOS, 25/09/16).

Pelas atitudes, o comportamento no contexto. Antes mentia, agora não mais, tinha sentimentos de vingança, agora não tem mais. É uma metamorfose na vida das pessoas. É só quem convive para saber. Muitos julgam de forma generalizada. (DAVID, 25/09/16).

Através dos atos, o dia-a-dia, o comportamento, se está liberto das drogas, com quem deixa de andar, se para de falar palavrões, se abriu as portas do coração para Deus. A pessoa só consegue milagres quando entregamos a Ele. As pessoas tem que ter confiança. (JOSUÉ, 25/09/16).

Porém, apesar de identificarem mudanças no comportamento dos indivíduos em privação de liberdade da Unidade Prisional, um dos entrevistados complementou sua fala destacando sua opinião em relação à existência de uma possível “recaída” do indivíduo convertido dentro do Espaço Total da CPAI.

Acho que de umas 10 pessoas convertidas aqui dentro, infelizmente 3 ou 4 vão acabar não resistindo as suas tentações, a sua natureza e vão se afastar. Os presos usam de forma generalizada. Os outros melhoram e são

testemunhas. Alguns vão se afastar, mas tem gente que vai ser diferente. O ego se torna um pretexto. O pensar em que as pessoas vão dizer de mim. Devemos aprender e compreender as pessoas. (DAVID, 25/09/16).

Os entrevistados foram indagados se percebem que há preso que frequenta alguma igreja na prisão só para obter vantagens, a exceção de David, que pontuou não acreditar no questionado, pois, para ele, o indivíduo busca na religião a esperança que Deus lhe abençoe, tanto nos aspectos familiares, como também na redução do tempo da pena a ser cumprida, todos os entrevistados disseram que há pessoas que procuram vantagens em participar de uma igreja dentro do Espaço Total da CPAI, tanto para poder sair das péssimas condições sociais e da superlotação dos alojamentos que não são evangélicos, como também para a quitação de dívidas de drogas e proteção quanto a conflitos existentes com outros internos.

Já teve! Tem preso que entra em dívida por ser usuário de droga dentro da cadeia. A igreja aqui dentro paga a dívida e depois de um tempo ele deixa de frequentar a igreja. (MARCOS, 25/09/16).

Pelo pouco tempo que estou aqui, tem gente que frequenta para sair dos alojamentos ruins, então vão para o evangélico, lugar onde são realizados orações. Nesse pouco tempo recai, chorei muito, ouvi e dei conselhos. As pessoas do alojamento evangélico se ajudam. Muitos recaem, pois somos de carne. (CARLOS, 25/09/16).

Acredito que a maioria se comporta na busca de benefício para que Deus abençoe a pessoa, sua família e o processo que está respondendo. Se Deus fizer eu faço. Não vejo benefícios, “barganha”. A fé vem por ouvir a Palavra de Deus. (DAVID, 25/09/16).

Infelizmente sim. Às vezes tá aqui no nosso meio, mas não tem conversão. Estão se escondendo do povo. Só para morar no alojamento tem que participar. A vantagem é que estão ali só por sossego, para ficar tranquilo. (JOSUÉ, 25/09/16).

De fato, as colocações evidenciadas por Marcos, Carlos e Josué, atestam acerca dos indivíduos que utilizam de mecanismos de representação na vida cotidiana para conseguirem vantagens, isso nos mais variados e distintos ambientes do cotidiano, inclusive dentro do Espaço Total da CPAI, ou seja, os chamados atores cínicos. (GOFFMAN, [1959] 2005).

Os entrevistados foram questionados se quando estão de “portaria”, isto é, quando saem da Unidade Prisional para passarem alguns dias com seus familiares, participam de alguma religião fora da CPAI. Marcos relatou que frequenta sempre a igreja e que participa ativamente dos cultos: *“Vou sempre na igreja Assembleia de*

Deus. Sou levita lá, canto, louvo e dou testemunhos". Assim como Marcos, David também frequenta uma igreja, participa das atividades religiosas, onde inclusive realiza pregações em uma igreja pertencente à denominação religiosa que frequenta: *"Fui na igreja e fui recebido pelo meu Pastor. Em um sábado levei a palavra de Deus em uma subigreja do bairro"*. Diferentemente dos demais entrevistados, Carlos relatou que não deixou a Unidade através de portaria, mas quando conquistasse esse direito, estaria frequentando. Já Josué informou que nunca frequentou uma igreja quando esteve de portaria, porém isso não era motivo para deixar de realizar a obra de Deus: *"Não vou, mas em casa explico a bíblia, mostro canções, tento conversar com a família. Um ato religioso"*.

Finalizando as entrevistas desse primeiro perfil de privados de liberdade da CPAI, os Atores Veteranos de Conversão, procurou-se identificar qual o significado/sentido da religião para estes. Para Marcos, não há distinção entre a religião para quem está ou não privado de liberdade, visto que esta seria o cumprimento dos mandamentos de Deus.

Na bíblia, Paulo diz: A verdadeira religião é auxiliar viúvas, auxiliar os órfãos, essa é a verdadeira religião. O sentido da religião é auxiliar, levar a palavra, se preocupar com o próximo, fazer o que agrada a Deus. O pouco que você tem é repartir com o próximo. O sentido dela aqui dentro é o mesmo de fora: é servir a Deus. (MARCOS, 25/09/16).

Em relação ao questionado, Carlos pontuou que a religião dentro da CPAI permite que os indivíduos estejam aperfeiçoando e buscando sua fé. Dessa forma, Deus seria a diretriz para alcançar a chamada vida eterna.

Caminho, vida eterna em abundância. Deus quer que vivamos em vida eterna. Caso contrário, tem que pagar os atos. Somos responsáveis pelos atos. Não somos obrigados a seguir, mas Ele é o caminho. Único lugar que procurei a Deus foi aqui dentro. Lá fora não tinha tempo. Aqui é uma escola para aperfeiçoar, buscar a fé. Não me preocupo com o que os outros vão dizer lá fora. Mesmo pecando, sempre fui muito prospero. Deus abençoou sempre em todas as áreas. Mesmo errado, Deus não deixou de estar ao meu lado. (CARLOS, 25/09/16).

Nas palavras de David, a religião preenche um vazio que há nas pessoas, dando um sentido à vida. Pontuou as dificuldades enfrentadas em se firmar em uma religião dentro da Unidade Prisional, sobretudo devido aos problemas diários vivenciados. Vale ressaltar que, para David, a religião é o fator que direciona o

indivíduo a Cristo, sendo este o libertador e consolador nos momentos de tribulações.

A minha vida tem sentido agora. A religião aponta para Cristo. Ele é o caminho, a verdade e a vida. Conheceréis a verdade e ela voz libertará. Estava lá fora livre, mas aprisionado por dentro. Tenho a paz dentro de mim, mesmo nas tribulações de hoje. Ela tem um sentido, um propósito e o meu futuro está garantido nas mãos de Deus. Ele é tudo. O antes foi morto. Deus vai levantar uma geração dentro da cadeia, pois aqui tem um sofrimento tremendo. Alguns dizem que é mais fácil de conhecer Deus aqui dentro. Convivemos com defeitos, crises assistenciais. Tenho que ser tolerante. A paciência é o maior preço. A tribulação produz, gera paciência. Servir a Deus aqui dentro é muito difícil. Na cadeia agente aprende, cresce e não desperdiça mais. (DAVID, 25/09/16).

Para Josué, a verdadeira Religião é o cristianismo. Logo, todo aquele que deseja buscar a salvação, deve seguir a Cristo. *“Prefiro falar que a Religião tá na bíblia. O importante é o cristianismo que é o tudo na vida. Eu sou o caminho a verdade e a vida. O cristianismo é tudo, é o plano de salvação para o homem”*, ressaltou Josué. Para ele, as igrejas estão passando por momentos de dificuldades, ocasionados, sobretudo, pelo papel dos fiéis, uma vez que estão distantes da presença de Deus. *“As pessoas estão frias, a igreja está fria. As pessoas tem que compreender que devem servir a Deus. A salvação é com Deus. Nosso caminho não é aqui. Deus não vai levar qualquer um. Tem que ter uma classificação”*, finalizou Josué.

6.1.2 As representações dos Atores Convertidos dentro da CPAI

Seguindo o mesmo encaminhamento, o Pastor Pedro, responsável pela Capela Ecumênica, identificou e apresentou 4 internos da CPAI que enquadravam-se no segundo perfil de indivíduos a serem pesquisados. Dessa maneira, Alex, Paulo, Mateus e Lucas foram entrevistados pelo pesquisador em distintos momentos, um após o outro.

No dia 25 de setembro de 2016, Alex concedeu a presente entrevista. Alex, 28 anos, solteiro, réu primário, relatou que foi detido por latrocínio, ou seja, roubo seguido de morte. O entrevistado disse que está há 9 anos e 1 mês privado de liberdade, sendo que, deste total, 7 anos e 10 meses cumpriu sua pena em Regime Fechado. Na CPAI, está há 1 ano e 3 meses.

Alex ressaltou que além de trabalhar e estudar dentro da Unidade Prisional, participa constantemente dos cultos na Capela Ecumênica. Para ele, buscar Jesus, o apoio da família e as atividades desenvolvidas no Espaço Total da CPAI, ou seja, trabalhar e estudar são fatores que auxiliam o homem que se encontra preso.

O segundo entrevistado foi Paulo. Em entrevista concedida no dia 19 de novembro de 2016, Paulo relatou que possui 31 anos, que era solteiro, e que cumpre pena por latrocínio, formação de quadrilha e posse ilegal de armas. Na data da entrevista, Paulo afirmou que está detido há 10 anos. Relembrou também que antes da privação de liberdade, passou 1 vez por delegacia.

Atualmente, Paulo trabalha dentro da CPAI na “rouparia”, ou seja, na distribuição e organização de colchões a novos detidos, além de exercer a função de Pastor dentro da CPAI. É imprescindível ressaltar que tivemos a oportunidade de presenciar, em diversos momentos durante a observação de campo, os cultos dirigidos por Paulo. Para ele, as pessoas que realizam orações, que pregam a palavra de Deus e que estão dispostas a amor, são os fatores que auxiliam o indivíduo que está preso.

Continuando o itinerário, o terceiro entrevistado chama-se Mateus. Com 25 anos de idade, Mateus disse que no momento está solteiro, que era réu primário, e que na data da entrevista, (19/11/2016), estava há 6 anos e 6 meses privado de liberdade, pois cometeu um homicídio. Mateus informou que trabalha dentro da CPAI, em uma empresa de reciclagem de pneus, estuda no CEEBJA Dr. Mário Faraco e realiza cultos na Capela Ecumênica da Unidade Prisional.

Ao ser questionado sobre três coisas que auxiliam o homem que está preso, Mateus afirmou que primeiramente seria a importância do apoio daqueles que estão próximos ao presidiário; em seguida possuir um objetivo que condicione a um crescimento pessoal; e, em terceiro lugar, as lembranças familiares e o desejo de constituir uma família.

Quando você passar pelo deserto, lembre que as pessoas lá fora se preocupam com você, as pessoas ajudam você seguir uma vida reta. Focar em algo que é para o crescimento próprio é importante também para ter valores lá fora. Lembrar na perda da família da pessoa, quero ter uma vida, esposa. Busco esse caminho! (MATEUS, 19/11/2016).

Finalizada a entrevista com Mateus, Lucas foi o quarto entrevistado. Lucas 26 anos, solteiro, réu primário, após cometer um homicídio, está na condição

privação de liberdade há 5 anos e 3 meses, de um total geral de 15 anos e 6 meses que deve cumprir. Atualmente trabalha na metalurgia de uma empresa dentro da CPAI, estuda no CEEBJA Dr. Mário Faraco e, nos finais de semana, participa dos cultos na Capela Ecumênica.

No momento da entrevista, Lucas ressaltou que foi obreiro quando esteve preso no Regime Fechado. Ao questionarmos sobre as três coisas que auxiliam o homem preso, Lucas afirmou: *“A palavra de Deus, a família e a vontade de querer mudar, pois sem isso não dá”*. Além disso, Lucas complementou sua resposta enfatizando uma crítica em relação ao sistema prisional: *“A cadeia não recupera ninguém, se a pessoa quiser, não dá. Nós nos apegamos em Deus”*.

Apresentado os entrevistados, serão explanadas as respostas extraídas destes. A primeira questão levantada foi identificar qual era a religião dos 4 internos da Unidade Prisional que faziam parte do segundo perfil de entrevistados: os *Atores Convertidos dentro da CPAI*.

De forma unânime, todos informaram que são evangélicos convertidos após a privação de liberdade e que antes de estarem na condição de reclusão, não participavam ou eram convertidos a uma determinada religião.

Sou evangélico, me converti dentro da prisão. Cai preso e tinha um irmão preso comigo na Delegacia de Furtos e Roubos do Jardim Botânico, aqui de Curitiba. Ele começou a pregar e aceitei Jesus. Quando fui para o fechado, sai de Deus, comecei a usar drogas. Do tempo que estou aqui, faz 5 anos e 6 meses que reconciliei com Deus e estou na fé. (ALEX, 25/09/16).

Sou evangélico e me converti dentro do Regime Fechado. Antes de estar preso não frequentava nenhuma denominação religiosa. Costumo dizer que religião é “religar” com Deus. A salvação é a busca do homem. A religião é levar a palavra aos homens. (PAULO, 19/11/16).

Sou evangélico e me batizei aqui dentro pela Igreja Assembleia de Deus da Madureira. A religião causa conflitos, contendas. A verdadeira religião é pregar para viúvas e doentes. Há uma única religião a seguir: a que tem o amor, o afeto as pessoas, o respeito e a oportunidade daquela pessoa conhecer algo e mudar sua própria vida e seu direcionamento. (MATEUS, 19/11/16).

Hoje sou evangélico, batizado na Assembleia de Deus da Missão. Fui batizado dentro da Casa de Custódia de Curitiba. Tenho 4 anos e 3 meses de conversão. Me converti com 1 ano de prisão. Antes não ia em nenhuma igreja. (LUCAS, 19/11/16).

Continuando as entrevistas, questionamos se estes conversavam sobre religião com os companheiros de alojamento. Dar testemunhos de vida, fazer

leituras bíblicas, realizar convites aos apenados para participarem dos cultos e falar sobre a obra de Jesus e o amor de Deus, foram os principais itens destacados.

Eu estou sempre conversando com os meus irmãos sobre o que Jesus fez por nós, isso independentemente da religião, de ser evangélico, católico, espírita. Dou sempre testemunho do que acontece e aconteceu na minha vida e também na vida dos meus familiares. (ALEX, 25/09/16).

Eu costumo dizer que não converso especificamente sobre religião, mas sim sobre Jesus. Se a pessoa conhece Jesus, falo sobre a bíblia, se não, falo sobre coisas seculares e quando Deus tocar essa pessoa, convido para ela ir na igreja e ler a bíblia. (PAULO, 19/11/16).

Eu sempre converso, mas nesse momento estou focado no amor, em como será a vida lá fora, as determinações, pois muitos que seguem o caminho com Cristo, são perseguidos, muitos que saem daqui, saem lá fora, pois o mundo lá fora dá liberdades. E o mundo olha para quem está aqui e diz que não terá mudança, que continuará no crime. Foco muito em acreditar em nós mesmos, em ser a diferença. Acredito que se seguir um caminho, consigo mudar as pessoas. São pessoas que cometeram crime, mas não indica que vão permanecer. (MATEUS, 19/11/16).

Sim, bastante. Discutimos passagens da bíblia. Tem dias que agente tem sonhos e conversamos com os outros, pois tem coisa que já aconteceu. Teve vezes que sonhei com algo e a outra pessoa também e Deus deu um livramento. Fazemos planos para o futuro. Levar a palavra de Deus, testemunhar o que Deus fez em nossas vidas. (LUCAS, 19/11/16).

É necessário expor que ao finalizarmos tal questionamento, Mateus, um dos entrevistados, relatou as dificuldades que percebe em relação à aceitação da sociedade quanto à conversão religiosa dentro de presídios. Dessa forma, demonstrou a insegurança que vive em relação ao que as pessoas podem pensar de si quando souberem que está/esteve na condição de privação de liberdade.

As pessoas julgam quem está aqui dentro. Não acreditam nas pessoas. Esquecem que Deus capacita e que podem mudar. Vou sair de tornozeleira no final do ano. Vou usar só com calça, não por me esconder. Sei que as pessoas vão me julgar ao ver com isso. Vão dizer: um assaltante, um preso! Não quero usar calção. Hoje eu tenho namorada e os amigos dela não sabem que sou preso, ela é do curso de Direito. Tenho medo da reação dos amigos dela. Como participo de festas com eles, tenho medo! Vou contar a minha história por meio de parábolas, pois buscarei entender a reação das pessoas naquele momento. (MATEUS, 19/11/16).

Não o bastante, de acordo com os entrevistados, é de fundamental importância o trabalho realizado pelas igrejas na Unidade Prisional, visto que, para eles, as igrejas se destacam no processo de evangelização, na quebra de estigmas, no crescimento espiritual, na restituição e transformação daqueles que estão privados de liberdade.

A igreja, com certeza, é muito mais importante do que trabalha aqui dentro e estuda. Trabalho e estudo todo mundo tinha lá fora, mas não trouxe benefício. É importante o trabalho das denominações para pregar o evangelho e trazer a Palavra de Deus para toda criatura que não conhece as maravilhas de nosso salvador. (ALEX, 25/09/16).

São primordiais! O preso já vem com conceito que nasce na favela e não tem chance. As igrejas, além de falar de Deus, se preocupam com as pessoas que estão aqui dentro. É primordial este trabalho, porque a sociedade joga um fardo em cima de uma pessoa que está com a consciência minada e com isso ele vê pessoas que trazem algo diferente, que é o amor de Deus e ela se vê importante. Jesus desperta nela a esperança e um novo caminho no alvorecer. (PAULO, 19/11/16).

São muito, tanto para o crescimento espiritual, como para a união entre famílias. As igrejas ajudam restituir lares e mostrar que a sociedade, ela erra. Eu respeito o pensamento de cada um que está aqui. A igreja recebe todos, tanto aqui dentro, como lá fora com a família. (MATEUS, 19/11/16).

Sim. Aqui dentro agente se apegue em algo. E Deus quer salvar a vida de muitos aqui dentro, através da igreja, da palavra, dos cultos, das músicas. Deus transforma agente. Se não tivesse a igreja, seria muito mais difícil aqui dentro. (LUCAS, 19/11/16).

Quando questionados em relação ao que leva o indivíduo privado de liberdade a participar de uma religião dentro da Unidade Prisional, constata-se que a distância, o abandono, o sofrimento, a angústia, a necessidade individual de deixar de estar só, expresso, para muitos, por um vazio que acompanha cada indivíduo, foram alguns dos pontos levantados pelos entrevistados.

O sofrimento por estar preso, das visitas que não vem, do desprezo de familiares e da sociedade. A angústia e tristeza que a pessoa sente. (ALEX, 19/11/16)

Acredito que seja o desespero de sair de um local aonde a mente humana não imagina saída. Através da palavra pregada gera fé e a pessoa se torna quando dá liberdade de ver algo diferente que jamais ele viveu. O desespero é como uma pessoa agonizando ao ponto de morrer, o último grito. (PAULO, 19/11/16).

Eu precisava de um socorro, pois estava na depressão. Foi onde busquei auxílio e vi a necessidade de Deus na vida. Não me apeguei a religião, mas ao evangelho de Jesus. A maioria vem pelo sofrimento, o desespero, a solidão. Deus é algo que preenche nós, o nosso vazio. Estamos longe da família, Deus preenche. (LUCAS, 19/11/16).

De acordo com as colocações, percebemos que Paulo e Lucas argumentaram, similarmente, em relação aos pontos levantados por Alex, exceto Mateus, que em sua fala inicial, justificou ser um “*chamado do Espírito Santo*”, para explicar o questionado.

O principal fator é porque tem um chamado do Espírito Santo que enche o vazio que o mundo deixou e também a necessidade de ter alguém. É bem claro quando a bíblia diz que Deus troca um coração de pedra por um coração de carne. Quando você cai na cadeia, na prisão, você fica com aquilo na mente, vou continuar no crime, vou continuar no crime. Mas você ouve histórias de pessoas por percas e isto te convida para mudança, até mesmo perante as autoridades. O envolvimento com a igreja dá uma diferença de tratamento, há mais respeito. (MATEUS, 19/11/16).

Para os entrevistados, as ações e os comportamentos apresentados no cotidiano do Espaço Total da CPAI por aqueles que estão privados de liberdade, ou seja, as atitudes, os encontros frente aos problemas cotidianos, as decisões que devem ser tomadas, os testemunhos de vida demonstrados, as participações durante os cultos, entre outros itens, são alguns dos fatores que atestam se um preso está realmente convertido ou não, como diz Goffman, ([1959] 2005), se este indivíduo é um ator cínico ou sincero.

Dá para ver através do testemunho. A pessoa vem nos cultos. As práticas procuram evitar, tipo: drogas, contraversões e usar aparelho celular dentro da cela. A pessoa se converte pelas atitudes: maneira de pensar, sentir, agir, dá bom testemunho. (ALEX, 25/09/16).

Pelos seus atos, o modo de falar. Não fala mais na gíria e começa um linguajar diferente. O modo de tomar decisões ao invés de deixar à ira tomar, o ódio tomar. Agora vem a lágrima e o choro na presença do Senhor e o sorriso é o cartão postal dessa pessoa. (PAULO, 19/11/16).

A bíblia diz no livro de Lucas, Jesus disse assim: Simão, Simão, eis que Satanás quer peneirar e Eu roguei por ti quando se converteres, oneras os seus irmãos. O que tenho sobre conversão é sobre o brilho quando a glória de Deus está sobre alguém. Ali há uma diferença no falar, agir, e assim busco saber se uma pessoa está convertida ou não, porque nós somos conhecidos por nossas ações. (MATEUS, 19/11/16).

Pelo seu comportamento e bom testemunho. Por suas reações diante de problemas que lhe acometem. Quando tá tudo bem é fácil adorar a Deus, mas quando tá na luta é difícil. A pessoa cai preso, cheio de guerra, daí ela se converte. Para saber se ela tá convertida, quando ela sair de portaria, ela vai sair confiando plenamente na palavra de Deus, caso contrário, ela trará uma arma para se proteger aqui dentro e sair em segurança. Fiz essa oração quando sai de portaria pela primeira vez: Deus, eu estou saindo de portaria, eu poderia muito bem pedir para alguém me trazer uma pistola aqui na frente, mas decido confiar no Senhor e que seja feita a sua vontade. (LUCAS, 19/11/16).

Nesse instante, questionamos aos entrevistados se os presos da Unidade Prisional frequentavam alguma igreja dentro deste Espaço Total somente para a obtenção de vantagens. Logo, ao analisarmos as informações expostas por Alex e

Mateus, percebemos que, para eles, há “atores cínicos” no espaço cotidiano da Capela Ecumênica e nos alojamentos evangélicos da CPAI.

Então, às vezes a pessoa encontra esse meio para se esconder. Já teve caso de irmão dentro do alojamento. Tem gente que deve dívida de droga e vai para o alojamento evangélico e a igreja paga a dívida. Ele fica alguns dias ainda ali, vai no culto e depois sai, some. Os pastores lá dentro, tipo o preso pastor, estipula uma determinada quantia, mas é para uso dele. (ALEX, 25/09/16).

Sim, muitos. Vantagens em relação a ganhos, tipo de tratamento diferencial. Quem está no alojamento evangélico o tratamento é diferente. A bíblia diz que nem todos que estão em Israel são israelenses. Há vasos para honrar e outros para desonrar. Nós devemos focar em quem transforma e não naquele que busca e deixa de ser transformado. Aqui dentro, os alojamentos têm coisas erradas, e nos alojamentos evangélicos você é recebido diferente. As pessoas fazem doações e muitos se aproveitam disso. Isso não acontece de hoje. Até mesmo na vida mundana as pessoas buscam você quando está lá em cima, mas quando você decai, vê quem verdadeiramente está ao seu lado. Aqui não muda, é a mesma coisa. Sempre vai ter um aproveitador, mas eles esquecem que aquele que busca proveito próprio através da obra do Senhor será cobrado por Ele. (MATEUS, 19/11/16).

Em contrapartida, em relação ao tema exposto, Paulo e Lucas apresentaram opiniões semelhantes, porém distintas ao que Alex e Mateus haviam colocado. Para eles, os indivíduos que frequentam a Igreja na Unidade Prisional não estão neste espaço para a obtenção de vantagens, uma vez que a igreja, por si só, não privilegia àqueles que participam dos momentos religiosos.

Não, o preso é interesseiro. Acredito que se a igreja desse remissão de pena, muitas pessoas frequentariam, mas existe um porém, os cultos não seriam os mesmos, porque Deus adora pessoas que o adoram em espírito e em verdade, e com espírito voluntário. (PAULO, 19/11/16).

Aqui dentro não tem como obter vantagens, somos todos iguais. Não tem dinheiro. A vantagem que poderia ter é de poder ficar na frente da obra, porque as pessoas iam dormir na Capela. Lá fora as pessoas acham uma forma de enganar o povo. (LUCAS, 19/11/16).

Continuando a entrevista, indagamos os entrevistados se quando estão de “portaria”, participam de alguma religião fora do Espaço Total da CPAI, e todos, sem exceções, relataram que participavam de cultos e eventos religiosos de Igrejas Evangélicas. Paulo, Mateus e Lucas quiseram, inclusive, relatar suas práticas religiosas e, aproveitando para enriquecer o trabalho, registramos as devidas colocações.

Vou em várias denominações. Onde convidar prego a palavra. Vou no monte orar, faço vigília, vou na casa dos irmãos enfermos para orar. Participo da cruzada de ex-presos, os que estão lá fora e os que estão aqui dentro. O Pastor que visita aqui fecha um culto com uma igreja e aí somos responsáveis por esse culto nas igrejas que aceitam a entrada. Falamos de vários temas específicos. O último que fizemos foi na Igreja Assembleia de Deus, no bairro Guaraituba, na cidade de Colombo. Fizemos também em duas igrejas aqui em Curitiba, na igreja Amor Eterno, no bairro Boqueirão, e na 64ª Igreja Quadrangular, no bairro Santa Cândida. (PAULO, 19/11/16).

Participo sempre da Assembleia de Deus junto com o meu tio que é pregador da palavra. Ele é Pastor, mas é conhecido como missionário. Vou começar a pregar na rua, vou levar na igreja dele uma carta de recomendação. (MATEUS, 19/11/16).

Vou nos cultos da Assembleia de Deus. Nós temos um grupo evangelístico, só de presos e toda portaria um pastor sede uma igreja para fazer uma cruzada de dois dias. A cruzada é uma reunião para levar a mensagem de Deus. É algo que não tá só aqui dentro, tá se expandindo a palavra de Deus, através dos presidiários. (LUCAS, 19/11/16).

Finalizando as entrevistas com os Atores Convertidos dentro da CPAI, procuramos investigar qual era o significado/sentido da religião para eles. Em relação ao questionado, Alex, Paulo e Lucas, destacaram a problemática que percebem em relação à palavra religião. Para eles, as relações de poder provenientes da religião, causam os conflitos entre a humanidade. Logo, preferiram relacionar a questão levantada ao significado da palavra Jesus e evangelho. Assim, responderam que:

Não vou colocar como religião, mas o evangelho. O poder de Deus para todo aquele que crer. O evangelho é a boa nova. Se a pessoa usava drogas, já não usa mais. É uma transformação de vida, mental, sentimental e comportamento. O evangelho é mudança de vida. (ALEX, 25/09/16).

A Religião causa muita divisão, muitas contendas, brigas, desnecessárias, por dogmas e costumes que são impostos por homens e muita das vezes, em vez de atrair as pessoas a Deus, acabam fazendo algo contrário e com isso o adversário da nossa alma consegue retirar almas que para o Senhor são preciosas. Ele consegue ceifar do reino dos céus e levar para o “ades”, afastado do amor. A religião é um problema devido as divisões e contendas. Jesus é importante para o cristão e não religião. (PAULO, 19/11/16).

Esse nome religião é o que tem causado muitas guerras no mundo todo. Se as pessoas falassem de Jesus e não de religião, talvez hoje o mundo não estava o caos que está. Muitos cegos pela sua própria inteligência estão matando por sua própria religião. (LUCAS, 19/11/16).

Porém, para Mateus, a religião possui um significado especial, ou seja, zelar pelo próximo e a separação de pessoas de boa índole para o cumprimento das obras de Deus. *“O significado é cuidar dos órfãos e viúvas. Está no livro de Efésios.*

Só que as pessoas, elas distinguem entre denominações”, disse Mateus, que procurou complementar seu raciocínio destacando que:

Como Paulo disse em Filipenses, capítulo 3, versículo 15: “Esquecendo-me das coisas, para trás ficam, prossigo para o alto, está a frente de mim”. Religião aqui dentro busco traduzir em um só sentido, separação de povos, como disse Davi: Quão bom e suave que os irmãos vivam em união. Ela, aqui dentro, é buscar um foco só, amar as pessoas, mostrar para as pessoas o que elas são e qual o valor que elas tem, porque muitas pessoas que vivem nas drogas, na prostituição, são medidas o porque de estar ali ou viver assim. Ali terá um desapontamento em um passado de abandono, ele sim precisa encontrar os verdadeiros religiosos que tem afeto onde há amor, por aqueles que estão no abandono, somente isso. (MATEUS, 19/11/16).

É interessante pontuar que, ao término das entrevistas com os Atores Convertidos dentro da CPAI, Paulo, um dos entrevistados, pediu licença ao pesquisador e indagou se poderia realizar uma oração naquele momento. Dessa maneira, assim como Goffman que vivenciava as representações dos indivíduos em seu espaço cotidiano, aceitamos participar do respectivo “Ritual de Interação”. (GOFFMAN ([1967] 2012). Logo, durante cerca de 5 minutos, Paulo impôs sua mão em direção ao pesquisador, realizando orações para o sucesso e conclusão da pesquisa, e para que o pesquisador tivesse uma vida abençoada por Deus.

6.1.3 As representações dos Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-Pessoa”

Neste momento da pesquisa, foram registradas as colocações de Elio, Willson, Marlon e Vinicius Luiz, o último perfil de entrevistados. É imprescindível ressaltar que para a identificação desse grupo saímos do espaço cotidiano da Capela Ecumênica e adentramos em outro cenário do Espaço Total da Unidade Prisional. Assim, o pesquisador foi apresentado a alguns frequentadores da Academia, espaço de musculação e exercícios físicos da CPAI, localizada ao lado da Capela Ecumênica.

O Pastor Pedro e dois membros religiosos, em comum acordo, fizeram o primeiro contato com o grupo de frequentadores da Academia onde, por meio de uma breve fala, apresentaram o pesquisador, explicitando sua intenção dentro da Unidade Prisional. Apesar de alguns frequentadores deste espaço recusarem conceder a entrevista, outros sem qualquer tipo de entrave, após compreender a importância da pesquisa, participaram prontamente dessa etapa.

À vista disso, no dia 19 de novembro de 2016, Elio, 30 anos, solteiro, há 6 anos e 10 meses em privação de liberdade, foi o primeiro entrevistado. Atualmente ele trabalha dentro da Unidade Prisional realizando a distribuição e organização de colchões para novos presidiários. Ele revelou que teve 3 passagens por delegacias antes de ser julgado, condenado e encaminhado ao Regime Fechado por ter cometido um homicídio. Para ele, a família, os irmãos da igreja e os amigos dentro da Unidade Prisional são os fatores que auxiliam o indivíduo preso.

O segundo entrevistado foi Willson. Aos 23 anos e solteiro, cumpre pena por tráfico de drogas. Willson disse que antes de estar na CPAI, por 3 vezes esteve preso em delegacias e na data da entrevista, (19/11/16), estava na Unidade Prisional há 3 meses. Atualmente ele trabalha na academia de musculação e estuda no CEEBJA Dr. Mário Faraco. Para Willson, dar valor na vida, respeitar as pessoas e valorizar a família, são fatores que auxiliam o homem quando está em privação de liberdade.

Marlon, 23 anos, solteiro, em reclusão por assalto há 3 anos e 4 meses, foi o terceiro entrevistado. Antes de estar na CPAI, ressaltou que esteve preso 3 vezes, incluindo uma vez em que era menor de idade. *“Na terceira, voltei sozinho, me entreguei!”*, exclamou Marlon. Ele trabalha na CPAI na metalurgia de um barracão industrial, estuda no CEEBJA Dr. Mário Faraco no período da noite, e gosta de frequentar a academia de musculação da Unidade. Questionado sobre os fatores que auxiliam o homem privado de liberdade, Marlon destacou a importância da família, do dinheiro e o respeito.

A família, para ajudar na caminhada, não ficar sozinho na caminhada. A cadeia fica mais tranquila, fazem visita para nós. O dinheiro para comprar alguma coisa e comer bem. Ganho para trabalhar R\$ 500,00 reais por mês. O respeito. Tem muita gente diferente aqui dentro! (MARLON, 19/11/16).

O quarto e último entrevistado desse grupo foi Vinicius Luiz. Privado de liberdade há 5 anos, Vinicius Luiz tem 32 anos, é solteiro, e esteve no Regime Fechado durante 4 anos, e há 1 ano está na CPAI. Antes de estar na instituição, ele disse que esteve preso por 3 vezes. Para ele *“trabalhar para entreter a cabeça, se dar bem com todos os demais e o estudo, que ajuda na remissão da pena”*, são fatores que auxiliam o homem em privação de liberdade. Atualmente, Vinicius Luiz trabalha no refeitório da Unidade Prisional, servindo alimentos de uma empresa terceirizada, estuda no CEEBJA Dr. Mário Faraco e pratica musculação.

Ao iniciarmos a entrevista com os Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-Pessoa”, perguntamos aos entrevistados qual era a sua religião, todos, sem exceções, responderam que não possuem religião. *“Não tenho religião, não sigo nenhuma. A minha família inteira é evangélica, eu não”*, disse Elio. *“Não possuo religião. A minha família, no caso minha mãe e minha tia seguem a igreja Universal do Reino de Deus”*, informou Willson. *“Não tenho religião”*, destacou Marlon. *“Fui batizado na igreja evangélica, mas não sou convertido. Na adolescência me envolvi com drogas e crime e depois desviei”*, pontuou Vinicius Luiz.

Após essa primeira resposta, indagamos aos entrevistados se eles conversavam sobre religião com os companheiros de alojamento. Quanto a essa questão, as respostas variaram. Elio e Willson, apesar de não possuírem uma determinada religião, discorreram sobre o assunto dizendo que conversam com os companheiros de alojamento sobre o tema. *“Sim, bastante. Das coisas que falam na igreja. As palavras que a gente vê, ou quando um pregador fala algo e agente diz isso e encaixa em você ou comigo”*, disse Elio; *“De vez em quando sim. Discuto alguma coisa, um tema, uma passagem da bíblia”*, respondeu Willson.

Em contrapartida, Marlon e Vinicius Luiz, disseram que não falam ou dificilmente falam do assunto. Porém, pontuaram alguns locais onde veem o tema ser tratado. *“Não falo. É tudo igual. Não tem diferenciação. Falo só com a família”*, respondeu Marlon; *“Difícilmente! No alojamento não falam, só falam no alojamento evangélico”*, disse Vinicius.

Em relação à opinião dos entrevistados sobre a importância das atividades desenvolvidas pelas igrejas na CPAI, mesmo declarando que não possuem uma religião, avaliaram que elas são essenciais para a conversão religiosa, a mudança de vida, postura e comportamento dos apenados, o respeito ao próximo dentro da Unidade Prisional, e a propagação do bem.

Bastante. Porque agente vê que tira muita gente do crime, no contexto geral. Tem muita gente que reconcilia com Jesus. E se não tivesse a igreja, não teria como se converter e reconciliar. É importante para mudar a vida das pessoas. (ELIO, 19/11/16).

Sim. Porque a igreja faz o bem, ensina respeitar o próximo, amando. Não acontece coisas como brigas, conflitos, ensina só coisa boa. Ela pacifica muita coisa. O trabalho da igreja abre a mente da pessoa. A pessoa vai na igreja e o coração é mudado. (WILLSON, 19/11/16).

Sim. Incentivar a parar com coisas erradas, ajudar a livrar dos negócios. Os cara que tão na igreja, são os que mais estão preso, mais tempo. São cara

que sabe que quando saí, vão fazer a mesma coisa. Tem um cara que conheço que matou 2 policiais, tirou 12 anos, já cumpriu 2 anos, tem que ficar mais 10 anos e agora o cara tá na igreja. Esses cara diz que era o “cão” na rua, mas tem que chamar mais gente, tem poucos dentro da igreja que frequentam. (MARLON, 19/11/16).

Elas são importantes, mas o povo que tem que ver isso. As igrejas querem o bem. Fazem coisas boas para o povo aqui dentro. Acho que ela seria boa para mim se eu fosse seguir a religião evangélica. Mas, tipo assim, tem que ter compromisso. Não sei se tenho prepara ainda para isso. (VINICIUS LUIZ, 19/11/16).

Porém, ao serem questionados sobre o que leva o indivíduo privado de liberdade participar de uma religião dentro da Unidade Prisional, encontramos divergências em relação às respostas dos entrevistados. Nas considerações de Elio e Vinicius Luiz fica explícito que, para eles, o indivíduo preso busca na religião uma forma de refúgio, em resposta ao que Goffman ([1961] 2013), denomina “Sistemas de Privilégios e Táticas de Adaptação no Cárcere”, ou seja, os mecanismos utilizados pelos indivíduos em Instituições Totais para suportar a separação com o meio externo, os possíveis castigos físicos, a dor e o sofrimento, as injúrias, o medo da morte, entre outras características.

Tem muita gente que se esconde na religião, por causa do castigo que tá preso, tipo um “213”, o que comete estupro. Aqui tem bastante. Tem gente que se esconde, pois sabe que é intocável. Tem bastante gente que sai das facções e que tá na igreja por causa disso. O que aconteceu: o irmão do PCC, ele pede para sai e para isso tem que parar com o crime, vai para a igreja onde não é cobrado, o abandono da facção no caso. Também tem muitos que é para não pagar dívida de droga. Tem muitos que é falta da família e encontra um refúgio nos irmãos da igreja que são afetivos. (ELIO, 19/11/16).

Alguns mudança de vida, outros por sofrimento, tipo perdeu mulher na cadeia. O bagulho tá meio louco e o cara tá com medo de morrer e procura a igreja. O cara arruma problema aqui dentro. As vezes você matou alguém e encontra um parente aqui dentro e os cara manda matar. Tem muita gente que tem briga na rua e acaba se encontrando na cadeia. Mas isso não são todos, é um refúgio a igreja. Outros pelo medo de entrar novamente no Fechado. Muitos também têm dependência química aqui dentro e se apegam a Deus para se livrar das drogas. (VINICIUS LUIZ, 19/11/16).

Para Willson e Marlon, o indivíduo privado de liberdade, ao participar de uma religião dentro da Unidade Prisional, procura em Deus a minimização de seu sofrimento e a superação quanto aos problemas vivenciados dentro do Espaço Total da CPAI.

Ele busca conforto, no momento de saudade e sofrimento. Então ele busca Deus para conforta o momento que tá vivendo. Mas muitos seguem e lá fora faz as coisas erradas, usam drogas. Aqui é só o momento. Quando saem, abandonam tudo e começa o crime de novo. (WILLSON, 19/11/16).

A desgraça. Alguma coisa errada aconteceu com ele, ou quando não tá aguentando mais. Às vezes, você que orar dentro do alojamento, mas não dá, pois lá é um inferno. Eu já até tentei. Então as pessoas vão para tentar falar com Deus. (MARLON, 19/11/16).

O tema conversão religiosa foi levantado aos entrevistados e questionamos como eles identificavam se um preso estava realmente convertido. No entanto, houve novamente divergências quanto a real conversão dos indivíduos privados de liberdade no Espaço Total da CPAI. Assim, de acordo com Goffman ([1959] 2005; [1961] 2013), atores cínicos e sinceros e seus mecanismos de representação no Espaço Total da Instituição Total, podem ser verificados através das falas dos entrevistados. Elio e Vinicius Luiz visualizam a conversão entre aqueles que frequentam a Capela Ecumênica da CPAI.

Tem muitos que dá para ver que são convertido, pois vão na igreja todo dia, jejuam, oram por todos nós, não só com eles. Eles tentam conversar com todos. Passam em todos os alojamentos querendo conversar, passam e pedem orações nos alojamentos. Agente vê que eles tão firmes na palavra de Jesus. (ELIO, 19/11/16).

Vejo nos hábitos, palavreado, comportamento, atitude. Os caras que são evangélicos mesmo são separados em outro alojamento. O cara que quer fumar um baseado e ficar com os caras evangélicos é difícil. Ele, provavelmente, vai cair. (VINICIUS LUIZ, 19/11/16).

Mas, nas palavras de Willson e Marlon, dificilmente há conversão. Para eles, há grande dificuldade em se constatar que um indivíduo está realmente convertido. As vivências dos dois entrevistados justificaram suas colocações. Apesar de exporem tal dificuldade, percebem que há pessoas capazes de realizarem boas ações, porém sujeitas a se desviarem do “caminho do bem”.

Não percebo, pois é difícil. Não dá para saber quando o cara tá bem convertido. Até mesmo as pessoas que estão livres, que fazem o bem, do nada, desviam. Então, aqui dentro pode acontecer a mesma coisa. Todo mundo pode errar, cair no erro. (WILLSON, 19/11/16).

Quando passei pelo Fechado em 2012 conheci um irmão que pregava a palavra no corredor e tudo mais, e daí quando sai para a rua encontrei o cara com uma garrafa de pinga. Falei para ele não é você aquele cara e ele disse sou, mas desandei. Não conheci ninguém, mais tem uns piás que são do bem. Tem o Pastor que mora na Igreja, o Rosivaldo, parece que ele é

convertido, o jeito que ele olha para os caras. O resto não falo, pois não conheço. (MARLON, 19/11/16).

Do mesmo modo, quando questionados se percebem que tem preso que frequenta alguma igreja na prisão só para obter vantagens, as respostas também apontam para distintas opiniões. Dentre os entrevistados, Vinicius Luiz respondeu ao questionado em três palavras: *“Não reparei isso”*. Logo, finalizou essa questão sem expor sua opinião acerca do tema. Diferentemente de Vinicius Luiz, Elio, Willson e Marlon expressaram suas opiniões por meio de argumentações que sustentaram o ponto de vista defendido por cada um.

Sim. Tem muito preso que vai pra toma café. Não faz nada o dia todo, vai sempre pra pedir doação. Os cara fica o dia todo dormindo e quando dá fome, vai na igreja. Se aproveitam dos pastores, pois os pastores são do bem. (ELIO, 19/11/16).

No meu vê não tem vantagem. O que muitos fazem é só esconder na igreja dos problemas. Vantagem não tem. As vezes o cara vai na igreja, porque o cara tem problema com um preso e a igreja protege. A igreja é o refúgio dessa pessoa para evitar os problemas. O preso, ele arruma conflito, fica virado, arruma dívida, aí a igreja é a trégua e ele escapa do problema. Na verdade do cara que frequenta a igreja é um cara bem visto pelos presos, mas o cara que vai sempre, não o cara que vai pouco. (WILLSON, 19/11/16).

A igreja tem o mesmo benefício do que os outros setores aqui dentro da prisão. Eu acredito que os caras que estão aqui dentro, estão fazendo alguma coisa de bom. Não tem benefício da igreja, a única coisa boa que eles dão é que só tem café. (MARLON, 19/11/16).

Continuando com as entrevistas, questionamos os entrevistados se quando estão de portaria participavam de alguma religião fora da CPAI. Willson disse que nunca havia participado, mas que sua mãe realizou convites para que frequentasse os cultos em sua igreja. Marlon justificou que nunca visitou uma religião fora do Espaço Total da CPAI, pois a única vez que saiu da Unidade Prisional foi em 2012, devido à gravidade do crime que cometera. Elio e Marlon foram os únicos que destacaram participações em cultos fora da CPAI. *“Fui umas 3 vezes na igreja que a minha mãe frequenta. O nome dela é Congregação Cristã no Brasil”*, disse Elio; Já Vinicius Luiz pontuou: *“Sim. Já fui com a minha mãe no culto da Quadrangular”*.

Finalizando a entrevista com o grupo dos Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-Pessoa”, indagamos quanto ao significado/sentido da religião para eles:

É uma coisa boa que ajuda essas pessoas, só que ao mesmo tempo dentro das penitenciárias se aproveitam dela. É a segunda família da gente, até para quem não é convertido como a gente, encontramos apoio moral, essencial para a gente. (ELIO, 19/11/16).

Essa pergunta é difícil! Na realidade não sigo nenhuma ainda. Deus tem um significado importante, não sei dizer, mas sei que tem um significado bom. Coisa boa. (WILLSON, 19/11/16).

Mostra quem é Deus, suas palavras, seu caminho, que é o certo. Tem um monte de religião diferente, mas o Deus é o mesmo. Ela é o caminho, Deus é o caminho. Cada um deve lutar pra ter e viver o que está certo. (MARLON, 19/11/16).

Vejo o cara se apegar com Deus. A religião aqui é mais evangélicos. Eles fazem culto. Não tem católico, são poucos. Os evangélicos dominam. A religião não é nada. É mais o cara e Deus. A religião é a pessoa e Deus. (VINICIUS LUIZ, 19/11/16).

As respostas apresentadas indicam distintas concepções acerca do sentido/significado da religião para este grupo de entrevistados.

A obtenção de privilégios e a maneira de encontrar conforto à solidão expressa nas palavras de Elio; A religião sem um sentido explícito, mas a crença em Deus, direcionando a um significado essencial para o homem, exposto nas considerações de Willson; O caminho e o direcionamento de Deus, retratado por Marlon; As relações de poder provenientes da relação católicos e evangélicos, percebidas nas falas de Vinicius Luiz.

Para não concluir, o resultado das entrevistas realizadas com os 12 indivíduos em privação de liberdade da CPAI, a partir de três perfis distintos, trouxeram à tona a “Voz do Cárcere”, ou seja, as representações de distintos atores no Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

7. “A CONQUISTA DA LIBERDADE”: CONSIDERAÇÕES FINAIS

Dois anos, tempo suficiente ou preparação e amadurecimento para um próximo momento de pesquisa? Por entre os caminhos que procuramos trilhar ao longo da pesquisa de mestrado, inúmeras foram as leituras realizadas, a redação de fichamentos, resumos e resenhas, a indagação que levou a discussões, erros e correções, o tempo dedicado ao trabalho de campo através das observações e entrevistas realizadas com pessoas tão distintas, o convívio com indivíduos em privação de liberdade, julgados e condenados por diferentes crimes. Valeu a pena! Mas antes de conquistar nossa “liberdade”, para não concluir, teceremos algumas considerações finais, imprescindíveis ao tema de pesquisa.

Em *“Unidade Prisional como Espaço Total: A religião na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná”* lançamos, sobretudo, um primeiro desafio: o ato de pesquisar dentro de uma Unidade Prisional. Buscamos, para tanto, as diretrizes que poderiam ser trilhadas pela Geografia Social. Logo, um segundo desafio foi posto: inserir a metodologia teatral dramatúrgica do sociólogo Erving Goffman ao conhecimento geográfico. Para tanto, aproximamos o método monográfico e a metodologia dramatúrgica de Erving Goffman ao discurso geográfico, transpondo o categorial espaço ao espaço do cotidiano goffmaniano.

Dessa maneira, as proposições teóricas defendidas por Goffman ([1959] 2005), [1961] 2013) acerca dos conceitos de Instituição Total e Representação Teatral, nos indagou a existência de um “Espaço Total” dentro de Unidades Prisionais, ou seja, espaço de coerção, privação, isolamento, sofrimento, solidão, medos e represálias, onde a presença da religião nesse contexto, assume para o privado de liberdade múltiplos sentidos. Logo, tal característica despertou nosso interesse pela compreensão da religião para o indivíduo privado de liberdade na Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI).

Assim, a Religião materializa-se no espaço enquanto espacialidade que dá sentido para o privado de liberdade. Nesse contexto de dor, angústia e sofrimento a religião no espaço prisional surge para ir além do espaço do cárcere, pois atinge a essência da natureza simbólica do homem por meio do sentido que traz a todos os indivíduos, sejam eles cidadãos livres ou privados de liberdade.

Isto posto, nessas últimas páginas, faremos uma breve retrospectiva acerca das considerações expostas a partir das questões norteadoras apresentadas na

introdução deste trabalho e que direcionaram a organização dos capítulos da presente dissertação.

Para alicerçar nosso embasamento teórico, pontuamos que distintas perspectivas teórico-metodológicas podem ser atreladas a abordagem cultural e a abordagem social da Geografia. A partir dessa compreensão, fizemos uma explanação onde uma perspectiva de análise geográfica foi exposta enquanto categorial espacial em Goffman. Para tanto, por meio do referido autor, relacionamos o conceito de espaço enquanto palco de representação das ações dos indivíduos em seu cotidiano, onde procuramos fundamentar nossa pesquisa compreendendo os caminhos percorridos por Erving Goffman em sua teorização.

Baseado em Goffman ([1959] 2005; [1967] 2012, [1974] 2012), explicitamos como ocorrem as representações de cada indivíduo em seu dia a dia. Logo, apresentamos quais são os principais mecanismos de representação que cada indivíduo utiliza em seu espaço cotidiano, inclusive quando estão em privação de liberdade. É nessa perspectiva que pontuamos o conceito de Espaço Total.

Após discorrermos quanto ao embasamento teórico constante no segundo e terceiro capítulos, apresentamos ao leitor a área de estudo, identificando a estrutura da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná, o que compete a esta Unidade Prisional, suas características e o perfil dos assistidos desta Instituição Total. Apresentamos, em seguida, os procedimentos metodológicos norteadores da pesquisa, a autorização concedida pela Secretaria de Segurança Pública e Administração Penitenciária do Paraná (SESP/PR) e ao Departamento de Execução Penal do Paraná (DEPEN/PR), e os acordos das visitas realizados entre o setor de assistência social da Unidade Prisional e o pesquisador.

Foram caracterizados, a partir dos registros da observação participante, ou seja, os diários de campo ocorridos durante as visitas à CPAI, as representações dos indivíduos em privação de liberdade na Unidade Penal e algumas considerações de pastores que realizam a assistência religiosa na Capela Ecumênica da Unidade.

O trabalho desempenhado pelos pastores foi uma característica observada. Apesar de algumas denominações religiosas estarem ausentes nos cultos, outras, em sua grande maioria, cumprem com seu papel assiduamente. A assistência religiosa nos presídios é algo, de acordo com relatos de pastores e obreiros, que deve ser divulgado para além dos muros das Unidades Prisionais, visto que percebem uma transformação comportamental na vida dos presidiários.

É importante ressaltar que nesse momento de registro do diário de campo pudemos vivenciar as cenas cotidianas dentro de uma Unidade Prisional. A problemática envolvendo o relacionamento entre os agentes penitenciários e os assistidos da CPAI, a existência de relações de poder entre presos de distintas denominações religiosas, o predomínio da doutrina evangélica, o sentido de “lar” que a prisão pode assumir, fato este relatado por um presidiário por ter passado grande parte de sua vida atrás das grades, a existência de atores cínicos e sinceros dentro dos alojamentos evangélicos, além da mortificação do eu, as táticas de adaptação no cárcere e o sistema de privilégios, explicitados por Goffman ([1961] 2013), e observados em muitos comportamentos apresentados.

Quanto às entrevistas, pudemos vivenciar 12 representações acerca do sentido da religião para o privado de liberdade entre os entrevistados, aqui divididos em três perfis distintos de assistidos da Unidade Prisional: I) Aqueles que praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mantendo a mesma prática religiosa dentro da CPAI, identificados por nós como Atores Veteranos de Conversão; II) Aqueles que não praticavam uma determinada religião antes de estarem em privação de liberdade, mas que se converteram a religião dentro da CPAI, os chamados Atores Convertidos dentro da CPAI; III Aqueles que não praticam nenhuma religião dentro da CPAI, ou seja, os Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-pessoa”.

Em relação os Atores Veteranos de Conversão, todos se identificaram como evangélicos, sendo que Deus, a igreja, o trabalho, os amigos, a oportunidade de estudar e a compreensão da família são fatores que auxiliam o indivíduo na condição de privação de liberdade. Para eles, a religião dentro dos alojamentos da Unidade Prisional é uma maneira de evangelização, cooperação com a obra de Deus e o cumprimento das promessas de salvação para aqueles que andam nos caminhos corretos.

Para esse grupo de entrevistados, o sistema prisional não cumpre com o seu papel social. Ficou caracterizado que o sofrimento diário, a dor, o desespero, a opressão, as realidades vivenciadas por cada indivíduo no contexto carcerário, e a existência de um vazio no homem, condicionam a prática religiosa dentro da Unidade Prisional. Para alguns dos entrevistados há pessoas que procuram vantagens em participar de uma igreja dentro do Espaço Total da CPAI. Para os

Atores Veteranos de Conversão o sentido da religião seria o cumprimento dos mandamentos de Deus, o aperfeiçoamento e a busca de fé, e o sentido da vida.

Quanto os Atores Convertidos dentro da CPAI, todos pontuaram que são evangélicos. Para eles, o apoio da família, trabalhar e estudar, as orações realizadas, aqueles que pregam a palavra de Deus e que estão dispostas a amar, são os fatores que auxiliam o indivíduo que está preso. De forma unânime, todos informaram que antes de estarem na condição de reclusão, não participavam ou eram convertidos a uma determinada religião. De acordo com os entrevistados, é de fundamental importância o trabalho realizado pelas igrejas na Unidade Prisional.

Para esse grupo de entrevistados a distância, o abandono, o sofrimento, a angústia, são algumas das características que levam o indivíduo privado de liberdade a participar de uma religião na Unidade Prisional. Para eles, as atitudes, os enfrentamentos frente aos problemas do dia a dia, as decisões que devem ser tomadas, os testemunhos de vida demonstrados, as participações durante os cultos, entre outros itens, são alguns dos fatores que atestam se um preso está realmente convertido ou não. Para alguns dos entrevistados há pessoas que procuram vantagens em participar de uma igreja dentro do Espaço Total da CPAI. O sentido de religião para a maioria dos entrevistados desse grupo resume-se nas palavras Jesus e Evangelho.

Em contrapartida, os Atores Não Convertidos da CPAI: “Não-pessoa”, todos, sem exceções, não possuem religião. Para eles, a família, os irmãos da igreja e os amigos, o respeito entre os internos, a valorização da família, ter dinheiro e trabalhar são fatores que auxiliam o homem em privação de liberdade. Para esse grupo de entrevistados as igrejas são essenciais para a conversão religiosa, a mudança de vida, postura e comportamento dos apenados.

Percebemos entre esse grupo de entrevistados, divergências quanto a real conversão dos indivíduos privados de liberdade no Espaço Total da CPAI. Do mesmo modo, quando questionados se percebem que tem preso que frequenta alguma igreja na prisão só para obter vantagens, as respostas apontaram para opiniões diversas. Logo, constatamos distintas concepções acerca do sentido/significado da religião para este grupo de entrevistados.

A partir das considerações expostas verifica-se que a religião assume distintos sentidos para o privado de liberdade dentro do Espaço Total da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná. Além disto, os relatos evidenciam que a religião

produz outra espacialidade, a espacialidade do mundo para além dos muros do cárcere, ou seja, o “espaço de liberdade”. Esta espacialidade permite que o indivíduo transite pelos lugares e funde um novo lugar para o ser religioso, possibilitando que, a partir da mortificação do eu no Espaço Total da prisão, surja um novo ser capaz de viver nesse espaço.

É imprescindível pontuar que as proposições teóricas goffmanianas podem ser atreladas ao conhecimento geográfico, como diz McDowell (1996) “a possibilidade de utilização dessa diversidade de perspectivas teóricas permite uma ampla apropriação do conhecimento geográfico”. Dessa maneira, a Geografia pode ir ao encontro de novas fontes de saberes, uma vez que assuntos que até então não recebiam um olhar geográfico, ganham relevância.

A pesquisa assinala diretrizes, a “ponta do Iceberg” para que futuras discussões ocorram, principalmente o aprofundamento da temática abordada. Este é o desafio do geógrafo do século XXI. Logo, Goffman configura-se como um expoente a essa descoberta uma vez que, ao compreendermos o cotidiano através da metáfora teatral goffmaniana, haverá uma Geografia Social integrada às espacialidades do mundo social. Por conseguinte, o campo do conhecimento será cada vez mais frutífero, tornando a ciência geográfica rica e plural.

REFERÊNCIAS

- ALVES-MAZZOTTI, A. J.; GEWANDSZNAJDER, F. **O método nas ciências naturais e sociais: Pesquisa Quantitativa e Qualitativa**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2004.
- ANDACHT, F. A Representação do Self na Obra de Goffman: Sociosemiótica da Identidade. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 125-146.
- ANDRADE, E. L. de. **“A Rua dos irmãos”**: Uma etnografia na prisão. 130 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.
- ARRUDA, R. F. de. **Geografia do Cárcere**: Territorialidades na vida cotidiana carcerária no sistema prisional de Pernambuco. 241 f. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.
- ARRUDA, R. F. de. **Por uma Geografia do Cárcere**: Territorialidades nos pavilhões do presídio Professor Aníbal Bruno em Recife - PE. 111 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Departamento de Ciências Geográficas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2006.
- BECKER, H. S. As Políticas da Apresentação: Goffman e as Instituições Totais. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 101-110.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade: Tratado de Sociologia do Conhecimento**. Petrópolis: Vozes, 1993. [1985].
- BOURDIEU, P. Goffman: o descobridor do infinitamente pequeno. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 11-12.
- BORGES, L. de O; CARVALHO, V. D. de; REGO, D. P. do. Interacionismo simbólico: Origens, pressupostos e contribuições aos estudos em psicologia social. **Psicologia, Ciência e Profissão**, Brasília, v.30, n.1, 2010. Disponível em: < http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932010000100011 > Acesso em: 25 janeiro 2016.
- BRANDÃO, C. R, MESQUITA, Z. **Territórios do cotidiano: Uma introdução a novos olhares e experiências**. Porto Alegre: Editora da UFRS/EDUNISC, 1995.
- BRASIL. Lei nº 2.848, de 07 de Dezembro de 1940. Institui o Código Penal brasileiro. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 07 dez. 1940. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto-lei/Del2848compilado.htm > Acesso em: 04 julho 2016.

BRASIL. Lei nº 7.210, de 13 de Julho de 1984. Institui a Lei de Execução Penal. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 13 jun. 1984. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l7210.htm > Acesso em: 01 julho 2014.

CARLIN, A. P. Erving Goffman: Obras originais e traduções. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 167-172.

CAVALCANTI, L. de S. Geografia e educação no cenário do pensamento complexo e interdisciplinar. **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v. 22, n.2, jul./dez., 2002. Disponível em:< <https://revistas.ufg.br/bgg/article/view/15389/9438>> Acesso em: 20 junho 2016.

CLAVAL, P. Geografia Cultural: Um balanço. **Revista Geografia**, Londrina, v. 20, n. 3, setembro, 2011. Disponível em: < <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/geografia/article/view/14160>> Acesso em: 18 março 2017.

CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. Geografia Cultural: Introduzindo a temática, os textos e uma agenda. In:_____ **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 09 – 18.

COSGROVE, D. E.; JACKSON, P. Novos Rumos da Geografia Cultural. In: CORREA, R. L.; ROSENDAHL, Z. **Introdução à geografia cultural**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003, p. 135 – 146.

COYLE, A. **Administração penitenciária: uma abordagem de direitos humanos**. Londres: International Centre for Prison Studies, 2002.

DUARTE NUNES, E. Goffman: Contribuições para a sociologia da saúde. **Physis – Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 01, 2009. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/physis/v19n1/v19n1a09.pdf>> Acesso em: 12 janeiro 2016.

EFÉSIOS. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 2, vers. 8, p. 235.

FIORAVANTE, K. E. **O espaço carcerário e a reestruturação das relações socioespaciais cotidianas de mulheres infratoras na cidade de Ponta Grossa, Paraná**. 168 f. Dissertação (Mestrado em Geografia – Gestão do Território) – Setor de Ciências Exatas e Naturais, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2011.

GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004.

GASTALDO, É. Erving Goffman, antropólogo da comunicação. In:_____. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 111-124.

GIL, A. H. C. de F. O espaço performático do cotidiano analisado de acordo com a metodologia sócio-interacionista de Erving Goffman. In: XVI Encontro Nacional dos

Geógrafos – Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e esperanças – Espaço de Socialização de Coletivos, 25 a 31 de julho de 2010, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: 2010. p. 1-11.

GIL, A. H. C. de F. Um olhar sobre a cidade e alguns dos seus cenários - perspectivas do interacionismo simbólico e a metodologia de Erving Goffman - uma contribuição ao estudo da geografia do cotidiano. **Geosaberes**, Fortaleza, v. 6, número especial (1), out. 2015. Disponível em: <
<http://www.geosaberes.ufc.br/seer/index.php/geosaberes/article/view/393/323>>
Acesso em: 12 maio 2016.

GIL, A. H. C. de F.; GIL FILHO, S. F. A vida cotidiana e suas realidades múltiplas: A episteme da corrente interacionista de Erving Goffman. In 3º Colóquio Nacional do Núcleo de Estudos em Espaços e Representações (NEER) – Cultura, Espaço e Representações: mundos em transformação, 01 a 06 de novembro, 2010, Porto Velho. **Anais...** Porto Velho: EDUFRO, 2010. p. 20-25.

GIL, A. H. C. de F.; GIL FILHO, S. F. Espacialidade Mortuária: Interacionismo Simbólico e Representações Religiosas. **RELEGENS THRÉSKEIA – Estudos e Pesquisa em Religião**, Curitiba, v. 01, n.01, 2012. Disponível em:<
<http://revistas.ufpr.br/relegens/article/viewFile/31040/20750>> Acesso em: 10 maio 2016.

GIL, A. H. C. de F.; GIL FILHO, S. F. Geografia do cotidiano: Uma leitura da metodologia sócio-Interacionista de Erving Goffman. **Ateliê Geográfico**, Goiânia, v. 02, n.02, agosto, 2008. Disponível em:<
<https://revistas.ufg.br/atelie/article/view/4708/3969>> Acesso em: 03 fevereiro 2016.

GIL FILHO, S. F. **Espaço Sagrado**: Estudos em Geografia da Religião. Curitiba: IBPEX: 2008.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012. [1974].

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2005. [1959].

GOFFMAN, E. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2013. [1961].

GOFFMAN, E. **Ritual de interação**: ensaios sobre o comportamento face a face. Petrópolis: Vozes, 2012. [1967].

GUSMÃO, E. H. A. de. **Dinâmicas prisionais e religião**: Uma análise sobre as trajetórias e experiências de detentos em processos de conversão. 176 f. Tese (Doutorado em Antropologia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

HEBREUS. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 13, vers. 3, p. 275.

HEIDRICH, A. L.; COSTA, B. P. da; PIRES, C. L. Z. **Maneiras de Ler Geografia e Cultura**. Porto Alegre: Imprensa Livre: Compasso Lugar Cultura, 2013.

HELLER, A. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

JOÃO. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 3, vers. 3, p. 116.

JOÃO. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 7, vers. 16 - 18, p. 124.

JOÃO. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 8, vers. 36, p. 126.

JOÃO. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 14, vers. 6, p. 135.

JUNQUEIRA, S. R. A. Ensino Religioso na Perspectiva da Escola: Uma identidade pedagógica. **INTERAÇÕES - Cultura e Comunidade**. v. 4 n. 05 / 2009. Disponível em: < <http://www.gper.com.br/noticias/b1c158dd10fb5f0b97ca65fa40755884.pdf>> Acesso em: 10 fevereiro 2017.

LEFEBVRE, H. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.

LEVITA. In: FERREIRA, Aurélio B. de Hollanda. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

LIVRAMENTO, A. M. do. **Homens encarcerados**: Assistência religiosa e estratégias de vida na prisão. 137 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Centro de Ciências Humanas e Naturais, Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2012.

MACEDO, C. C. **Imagem do eterno**: religiões do Brasil. São Paulo: Moderna, 1989.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. São Paulo: Atlas, 2010.

MARTINS, C. B. A contemporaneidade de Erving Goffman no contexto das ciências sociais. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 26, n. 77, outubro, 2011. Disponível em:< http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092011000300019> Acesso em: 10 fevereiro 2016.

MARTINS, J. de S. **(Des)Figurações**: A vida cotidiana no imaginário onírico da metrópole. São Paulo: Editora Hucitec, 1996.

MATEUS. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 7, vers. 24, p. 10.

MATEUS. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 18, vers. 11, p. 25.

MCDOWELL, Linda. A transformação da geografia cultural. In: GREGORY, D.; MARTIN, R.; SMITH, G. **Geografia Humana: sociedade, espaço e ciência social**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1996. p. 159 – 188.

MINISTÉRIO DA JUSTIÇA. **Levantamento Nacional de Informações Penitenciárias (Infopen)**, Brasília, 2015. Disponível em: <<http://www.infopen.gov.br/>> Acesso em: 12 março 2016.

NUNES, J. H. **Interacionismo simbólico e dramaturgia: a sociologia de Goffman**. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2005.

OLIVEIRA, L. M. L. C. C. de. **Os filhos evangélicos do novo caldeirão do diabo: A conversão religiosa na penitenciária de Alcaçuz**. 111 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2012.

PARANÁ. Decreto n.º 1276, de 31 de Outubro de 1995. Institui o Estatuto Penitenciário do Estado do Paraná. **Diário Oficial do Estado do Paraná**. Curitiba, PR, 31 out. 1995. Disponível em: <http://www.depen.pr.gov.br/arquivos/File/Estatuto_Penitenciario__1.pdf> Acesso em: 15 março 2016.

RODRIGUES JUNIOR, A. S. Metodologia sócio-interacionista em pesquisa com professores de línguas: revisitando Goffman. **Linguagem & Ensino**, Pelotas, v. 8, n. 01, jan./jun., 2005. Disponível em: <http://repositorio.ufop.br/bitstream/123456789/1468/1/ARTIGO_MetodologiaS%C3%B3cio-interacionistaPesquisa.pdf> Acesso em: 10 janeiro 2016.

ROMANOS. In: BÍBLIA Sagrada. 2. ed. São Paulo: Scripturae Publicações. 2004. Cap. 7, vers. 20, p. 192.

SAHR, W-D. Ação e espaço MUNDOS – a concretização de espacialidades na geografia cultural. In: SERPA, A. **Espaços culturais: vivências, imaginações e representações**. Salvador: EDUFBA, 2008, pp. 31-58.

SANTANA, V. R. de. **“Aceitar Jesus, porque Satânas atenta...”**: As conversões neopentecostais no presídio feminino de Sergipe. 126 f. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Departamento de Sociologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2013.

SCHELIGA, E. L. **“E me visitastes quando estive preso”**: Sobre a conversão religiosa em unidades penais de segurança máxima. 178 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA DO PARANÁ. **Departamento de Execução Penal**, Curitiba, 2016. Disponível em: <<http://www.depen.pr.gov.br/>> Acesso em: 10 março 2016.

TUAN, Y. F. **Paisagens do medo**. São Paulo: Editora UNESP, 2005. [1979].

VELHO, G. Becker, Goffman e a Antropologia no Brasil. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 37-48.

WATSON, R. Lendo Goffman em interação. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 81-100.

WINKIN, Y. Erving Goffman: o que é uma vida? O incômodo fazer de uma biografia intelectual. In: GASTALDO, É. **Erving Goffman: desbravador do cotidiano**. Porto Alegre: Tommo, 2004. p. 13-45.

ZOMIGHANI JÚNIOR, J, H. **Território Ativo e Esquizofrênico: Prisão e Pena Privativa de Liberdade no Estado de São Paulo**. 320 f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) – Departamento de Geografia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

APÊNDICE 1 – ROTEIRO DE ENTREVISTA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR DE CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

I – IDENTIFICAÇÃO

Primeiro nome: _____ Idade: _____ Estado civil: _____

Motivo de sua condenação: _____

Tempo de prisão: _____

Quantidade de vezes na prisão: _____

Atividades que realiza na CPAI: _____

Aquilo que auxilia o homem que se encontra preso: _____

II – ENTREVISTA

1) Qual a sua religião?

2) Você conversa sobre religião com seus companheiros de alojamento?

3) Na sua opinião, as atividades desenvolvidas pelas igrejas na CPAI são importantes?

4) O que leva o indivíduo privado de liberdade a participar de uma religião dentro da Unidade Prisional?

5) Como você identifica se um preso está realmente convertido?

6) Você percebe que tem preso que frequenta alguma igreja na prisão só para obter vantagens?

7) Quando você está de “portaria” você participa de alguma religião fora da CPAI?

8) Fale sobre o significado/sentido da religião para você?

ANEXO 1 – OFÍCIO N.º 04 – SOLICITAÇÃO DE PESQUISA

MINISTÉRIO DE EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
SETOR CIÊNCIAS DA TERRA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA



Of.04/2016-PPGGEOGRAFIA

Curitiba, 12 de fevereiro de 2016

Ao Sr. Luiz Alberto Cartaxo Moura
M. D. Diretor do Departamento de Execução Penal – DEPEN

Prezado Diretor

Versa o presente sobre solicitação de permissão para o Sr. Danilo Henrique Martins, aluno do curso de Mestrado do Programa de Pós Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná, entrar na Colônia Penal Agrícola (CPA) localizada no município de Piraquara, para participar dos Cultos Religiosos, coletar dados e realizar entrevistas com os Assistidos por esta instituição, visando identificar as representações da Religião Cristã para o indivíduo privado de liberdade dentro da Colônia Penal Agrícola, em Piraquara, tendo em vista o desenvolvimento da dissertação intitulada "Para Além dos Muros: A Geografia da Religião em Unidade Prisional", sob a orientação do Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho,

Reiteramos o compromisso em utilizar os dados disponibilizados por esta instituição apenas para análise e elaboração de uma dissertação de mestrado do programa, ficando o comprometimento do uso dos mesmos, apenas, para este fim e, após a conclusão do trabalho, será encaminhado uma cópia para a Biblioteca da instituição.

Sendo o que se apresenta, reiteramos protestos de estima e consideração.

Atenciosamente,

Prof. Dr. Tony Vinicius Moreira Sampaio
Coordenador do Programa de Pós Graduação em Geografia

ANEXO 2 – INFORMAÇÃO N.º 03/2016



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL - DEPEN
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO



Protocolado nº 13.966.693-3

INFORMAÇÃO Nº 03/2016



Da: Divisão de Educação e Produção/ DEPEN/ SESP – PR.

Para: CEQP/DEPEN/SESP-PR.

Assunto: Solicitação, do Mestrando DANILO HENRIQUE MARTINS, emitido pelo Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde consta solicitação do aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, para adentrar a Colônia Penal Agroindustrial do Estado do Paraná (CPAI) e Penitenciária Central do Estado (PCE), em Piraquara.

Interessado: Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR.

Considerando:

- O Ofício nº04/2016, emitido pela Coordenação do Programa de Pós- Graduação em Geografia da Universidade Federal do Paraná (UFPR), onde consta solicitação para DANILO HENRIQUE MARTINS, aluno do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPR, adentrar a Colônia Penal Agroindustrial do Estado do Paraná (CPAI) e Penitenciária Central do Estado (PCE), em Piraquara, com a finalidade de participar dos Cultos Religiosos, coletar dados, realizar entrevistas com as pessoas privadas de liberdade desse Estabelecimento Penal, visando identificar as representações da Religião Cristã, na intenção de subsidiar a dissertação de mestrado "Para além dos Muros: A geografia da Religião em Unidade Prisional", às fls. 04;
- A solicitação de DANILO HENRIQUE MARTINS, RG 8.983.939-4, Professor, pertencente ao Quadro Próprio do Magistério da Secretaria de Estado da Educação do Paraná (SEED) E Secretaria Municipal da Educação de Curitiba, onde solicita autorização para adentrar a Colônia Penal Agroindustrial do Estado do Paraná e Penitenciária Central do Estado (PCE), em Piraquara, com a finalidade de "participar dos Cultos Religiosos, Coletar Dados e realizar Entrevistas com os apenados assistidos por esta instituição para a efetivação da pesquisa de Mestrado intitulada " Para além dos Muros: A geografia da Religião em Unidade Prisional", às fls. 05;
- O projeto de pesquisa apresentado ao Departamento de Geografia, Setor de Ciências da Terra, da UFPR, "Para além dos Muros: A geografia da Religião em Unidade Prisional", com orientação do Prof. Dr. Sylvio Fausto Gil Filho ou Salete Kozel, às fls. 06 a 14, onde esclarece:
 - 1 – Objetivo Geral: "Identificar as representações da Religião Cristã para o indivíduo privado de liberdade dentro da CPAI e PCE, em Piraquara", às fls. 09;
 - 2 – Objetivos específicos, às fls. 09:
 - a) "Caracterizar as influências da Religião Cristã, para o indivíduo privado de liberdade da CPAI e PCE;
 - b) Compreender os papéis de representação dos detentos na espacialidade do cotidiano carcerário em consonância à Religião;
 - c) Analisar a interação social dos carcerários a partir da construção de significados e representações;
 - d) Destacar a representação da Religião Evangélica no espaço carcerário por meio da



**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL - DEPEN
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO E PRODUÇÃO**



Protocolado nº 13.966.693

atuação da Igreja Evangélica Templo das Águias;

e) Propor uma Geografia da Religião a partir da metodologia de Erving Goffman".



- 3 – A metodologia se desenvolverá em seis etapas, conforme evidenciado às fls. 13:
- a) 1ª – Pesquisa bibliográfica referente ao tema;
- b) 2ª – Contato com as Direções do DEPEN e dos Estabelecimentos Penais envolvidos na pesquisa;
- c) 3ª – De posse das autorizações supracitadas ocorrerá aplicação da pesquisa "in loco" para identificação de grupos de presos que participam de atividades religiosas;
- d) 4ª – Além da realização de levantamento das principais denominações religiosas que atuam na CPAI, haverá também, entrevistas com os Pastores da Igreja Evangélica Templo das Águias (IETA) e demais membros que atuam na instituição, visando verificar as representações percebidas nos carcerários a partir da religião cristã;
- e) Análise e transcrição dos dados coletados por meio das entrevistas realizadas, para construção da dissertação e exposição dos resultados encontrados;
- f) Construção da redação da dissertação de mestrado, defesa de qualificação e redação final.

Diante do exposto, esta Divisão de Educação e Produção se expressa ciente da informação e favorável ao atendimento do pleito em questão. Sugere que, para subsidiar a análise da Direção do DEPEN acerca da solicitação do Professor DANILO HENRIQUE MARTINS, para realizar a pesquisa acadêmica em nível de Mestrado na CPAI e PCE, segundo informação recebida, é necessário anexar a este protocolo:

- 1 – Modelo do Termo de consentimento a ser assinado pelas pessoas entrevistadas;
- 2 – Cópia do questionário com as respectivas questões a serem respondidas pelas pessoas entrevistadas.

E ainda, lembra que se informe ao Professor solicitante da pesquisa, os Artigos 153 e 154 do Código Penal Brasileiro:

"Art. 153 - Divulgar alguém, sem justa causa, conteúdo de documento particular ou de correspondência confidencial, de que é destinatário ou detentor, e cuja divulgação possa produzir dano a outrem;

Pena - detenção, de um a seis meses, ou multa.

Art. 154 - Revelar alguém, sem justa causa, segredo, de que tem ciência em razão de função, ministério, ofício ou profissão, e cuja revelação possa produzir dano a outrem;

Pena - detenção, de três meses a um ano, ou multa."

Encaminhe-se à CEQP para sua ciência, análise e pronunciamento acerca da questão em evidência. Após retorne a esta Divisão de Educação e Produção.

Piraquara, 15/03/2016.

Cristiane Valéria Ribeiro
 Coordenação de Educação, Qualificação e Profissionalização de Apenados
 Divisão de Educação e Produção
 DEPEN/SESP - PR

Boanerges Silvestre Boeno Filho
 Chefe da Divisão de Educação e Trabalho
 Portaria nº 070/2015 - DEPEN

ANEXO 3 – ENCAMINHAMENTO À DIREÇÃO DA CPAI

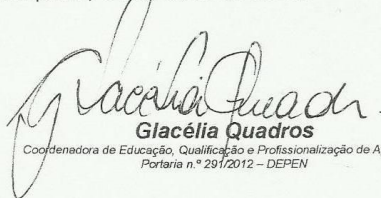
**SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL
COORDENAÇÃO DE EDUCAÇÃO, QUALIFICAÇÃO E PROFISSIONALIZAÇÃO DE APENADOS**

Protocolo n.º 13.966.693-3

Em atendimento ao Of. 04/2016 – PPGGEOGRAFIA às fls. 04 e do interessado às fls. 05, solicitamos parecer da Direção da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná (CPAI) sobre o pedido do Professor Danilo Henrique Martins para realizar pesquisa acadêmica, em nível de mestrado, com coleta de dados, entrevistas com presos e participação em cultos.

Encaminhe-se para a Direção da CPAI e após retorne a esta Coordenação.

Piraquara, 01 de abril de 2016.


Glacélia Quadros
Coordenadora de Educação, Qualificação e Profissionalização de Apenados
Portaria n.º 291/2012 – DEPEN

ANEXO 4 – DESPACHO N.º 12/2016 – DIREÇÃO DA CPAI

**SECRETARIA DE SEGURANÇA PÚBLICA E ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL – DEPEN
COLÔNIA PENAL AGROINDUSTRIAL DO PARANÁ
GABINETE DO DIRETOR**

Av. Brasília snº - Vila Macedo – CEP 83.301-970 – Piraquara – Paraná.
Fone (41) 3589-8600 – Fax (41)3673-1321 – email: cpa@depen.pr.gov.br

DESPACHO N.º 12/2016

À DIREÇÃO DO DEPEN

Referente: protocolo 13.966.693-3

Assunto: Autorização.

Encaminhamos o presente protocolado informando que a Direção desta Unidade Penal não se opõe ao pedido em questão, entretanto, deve o solicitante agendar previamente os dias em que realizará atividades nesta CPAI.

Piraquara, 07 de abril de 2016.

Assinatura manuscrita de Ismael Salgueiro Meira.

Ismael Salgueiro Meira
Diretor

ANEXO 5 – AUTORIZAÇÃO DE PESQUISA - DIREÇÃO DO DEPEN/PR



SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA PÚBLICA e
ADMINISTRAÇÃO PENITENCIÁRIA
DEPARTAMENTO DE EXECUÇÃO PENAL - DEPEN
ASSESSORIA GABINETE
Rua Dom Pedro I, nº 777 - Água Verde - CEP 81170-320 - Curitiba - Paraná
e-mail: depen@depen.pr.gov.br

DESPACHO

14/04/2016 09:51:02

À CPAI

(Coordenação de Educação Qualificação e pesquisa.
Profissionalização de Apenados)

Protocolo: 13.966.693-3

Assunto: Autorização.

I. Esta Direção está de acordo com a pesquisa acadêmica ora sugerida, junto aos educandos do regime semiaberto da Colônia Penal Agroindustrial do Paraná.

II. Ressalte-se que os resultados da pesquisa se prestarão exclusivamente à instrução de tese de mestrado. A divulgação em eventos ou publicação só poderá ocorrer mediante autorização do DEPEN/PR;

III. Retorne a referida Unidade para promover as tratativas junto ao interessado, observando as instruções elencadas pela Divisão de Execução e Produção - DIPRO (fls. 16 e 17) bem como, observando as rotinas de segurança da Unidade.

IV. Aguardamos a conclusão da referida

Rejane C. Sinhorini Niemeyer
Chefe de Gabinete/DEPEN

De Acordo: 15/04/2016

Luiz Alberto Cartaxo Moura
v/ Luiz Alberto Cartaxo Moura
Diretor do Departamento de Execução Penal

*I. Ciente em 25/04/16
II - ao R.H. P/ tratativas
e encaminhamento dos formulários solicitante.*

ANEXO 6 – MÚSICA: OLHA PARA MIM

Eu me humilharei,
Teu nome gritarei,
Como criança eu serei,
Mas olha pra mim.

Tuas vestes tocarei,
Na figueira subirei,
Aos teus pés eu chorarei,
Mas olha pra mim.

**Olha pra mim, senhor.
Olha pra mim, senhor.
Olha pra mim, senhor.**
Pois eu preciso do teu olhar. (Refrão) 1x

Eu me humilharei,
Teu nome gritarei,
Como criança eu serei,
Mas olha pra mim.

Tuas vestes tocarei,
Na figueira subirei,
Aos teus pés eu chorarei,
Mas olha pra mim.

(Refrão) 3x

Eu farei o que for preciso,
Para te ver.
Pois não posso deixar que sigas,
Sem me perceber.
Não importa a multidão,
Só eu sei do que eu preciso,
E eu preciso do seu olhar, do seu olhar.

(Música: Olha para mim/Banda toque no altar).

ANEXO 7 – MÚSICA: VEM CEAR

Cristo já nos preparou
Um manjar que nos comprou,
E, agora, nos convida a cear:
Com celestial maná
Que de graça Deus te dá,
Vem, faminto, tua alma saciar.

**"Vem cear", o Mestre chama -"vem cear".
Mesmo hoje tu te podes saciar;
Poucos pães multiplicou,
Água em vinho transformou,
Vem, faminto, a Jesus, "Vem cear". (Refrão) 1x**

Eis discípulos a voltar,
Sem os peixes apanhar,
Mas Jesus os manda outra vez partir,
Ao tornar à praia, então,
Vêem no fogo peixe e pão,
E Jesus, que os convida à ceia vir.

(Refrão) 1x

Quem sedento se achar,
Venha a Cristo sem tardar,
Pois o vinho sem mistura Ele dá;
E também da vida, o pão,
Que nos traz consolação;
Eis que tudo preparado já está.

(Refrão) 1x

Breve Cristo vai descer,
E a Noiva receber
Seu lugar ao lado do Senhor Jesus;
Quem a fome suportou.
E a sede já passou,
Lá no céu irá cear em santa luz.

(Refrão) 1x

(Música: Vem cear/Harpa Cristã)

ANEXO 8 – MÚSICA: VEM, ESSA É A HORA DA ADORAÇÃO

Vem, esta é a hora da adoração,
Vem, dar a Ele teu coração.
Vem, assim como estás para adorar,
Vem, assim como estás diante do pai.
Vem.

**Toda língua confessará o Senhor,
Todo joelho se dobrará.
Mas aquele que a Ti escolher,
O tesouro maior terá. (Refrão) 1x**

Vem, esta é a hora da adoração,
Vem, dar a Ele teu coração.
Vem, assim como estás para adorar,
Vem, assim como estás diante do pai.
Vem.

**Toda língua confessará o Senhor,
Todo joelho se dobrará.
Mas aquele que a Ti escolher,
O tesouro maior terá. (Refrão) 1x**

Vem, vem, vem.

(Música: Vem essa é a hora da adoração/ Banda Comunhão e Adoração)

ANEXO 9 – MÚSICA: SENHOR TE QUERO

Eu te busco, te procuro ò DEUS
No silêncio tu estas
Eu te busco
toda hora espero em ti, revela-te a mim
Conhecer-te eu quero mais

**Senhor te quero
Quero ouvir tua voz
Senhor te quero mais
Quero tocar-te
Tua face eu quero ver
Senhor te quero mais**

Prosseguindo para o alvo eu vou
a coroa conquistar
vou lutando nada pode me impedir
eu vou te seguir
conhecer-Te eu quero mais

(Refrão) 1x

Vou seguindo para o alvo eu vou
a coroa conquistar
vou lutando nada pode me impedir
eu vou te seguir
conhecer-Te eu quero mais

(Refrão) 3x

(Música: Senhor te quero/Cantor: David Quinlan)

ANEXO 10 – MÚSICA: JESUS, O BOM AMIGO

Achei um bom amigo, Jesus, meu Salvador
O escolhido dos milhares para mim;
Dos vales é o lírio; é o forte Mediador,
Que me purifica e guarda para Si,
Consolador amado, meu protetor do mal,
Solicitude minha toma Si.

"Dos vales é o lírio, a estrela da manhã,
O escolhido dos milhares para mim.
Consolador amado, meu protetor do mal,
Solicitude minha toma Si,
Dos vales é o lírio, a estrela da manhã,
O escolhido dos milhares para mim."

Levou-me as dores todas,
As mágoas lhe entreguei;
Minha fortaleza é, na tentação.
Deixei, por Ele tudo; os ídolos queimeei;
Ele me conserva santo o coração,
Que o mundo me abandone; persiga o tentador;
Jesus me guarda até da vida o fim.

(Refrão) 1x

Não desampara nunca,
Nem me abandonará,
Se fiel e obediente eu viver;
Um muro é de fogo, que me protegerá,
Té que venha a mim o tempo de morrer,
Ao céu então voando,
Sua glória eu verei
Onde a dor e a morte nunca vêm

(Refrão) 2x

(MÚSICA: Jesus, o bom Amigo/Harpa Cristã).

ANEXO 11 – MÚSICA: SOBRE AS ÁGUAS

Se o sol se pôr e a noite chegar
Tu és quem me guia
Se a tempestade me alcançar
Tu és meu abrigo

Se o mar me submergir
A Tua mão me traz à tona pra respirar
E me faz andar sobre as águas
Tu és o Deus da minha salvação
És o meu dono, minha paixão,
Minha canção e o meu louvor. (Refrão) 1x

Se o sol se pôr e a noite chegar
Tu és quem me guia
Se a tempestade me alcançar
Tu és meu abrigo

(Refrão) 3x

Aleluia, Aleluia, Aleluia
Aleluia, Aleluia

(Refrão) 3x

Aleluia, Aleluia, Aleluia
Aleluia, Aleluia

(Música: Sobre as Águas/Ministério Trazendo a Arca).